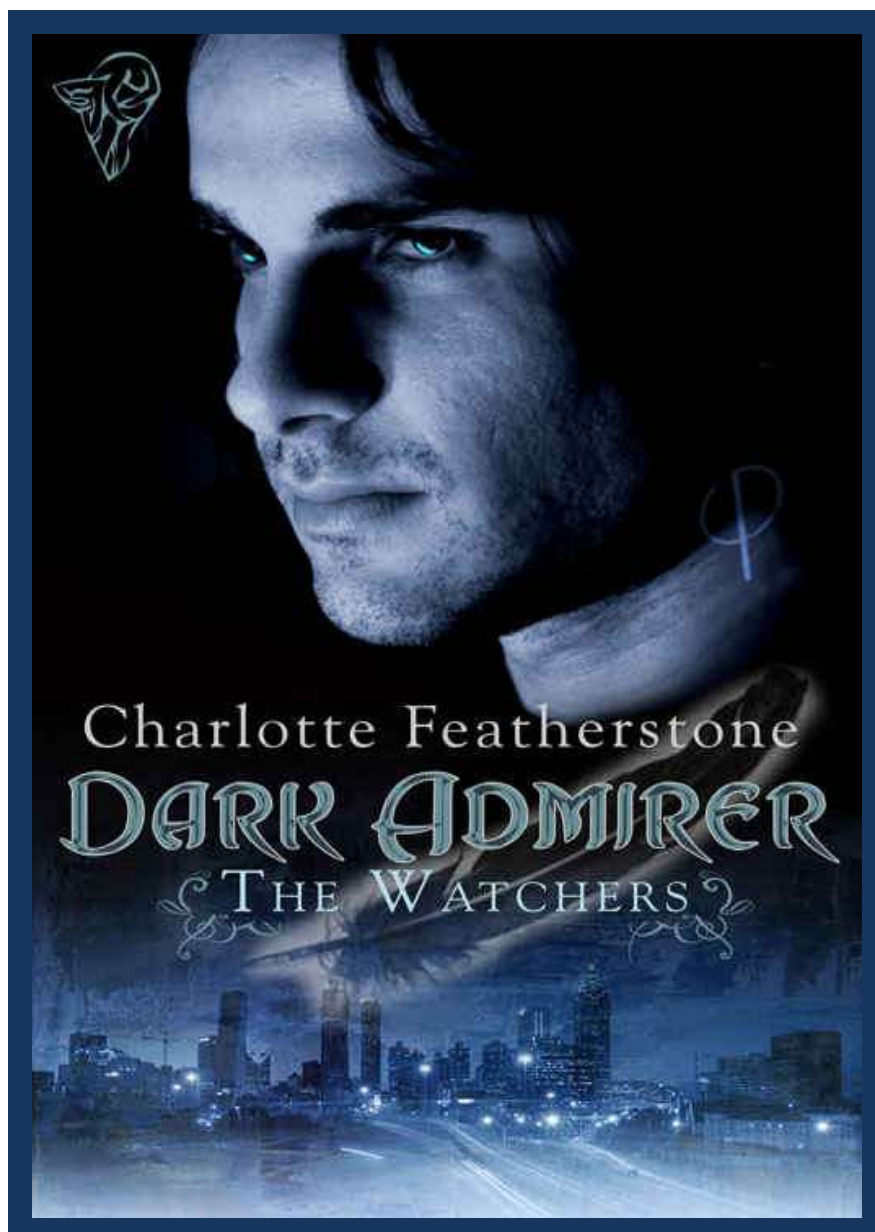




Admirador Sombrio

Os Sentinelas – 02

Charlotte Featherstone





Traduzido do inglês
Pesquisa: **Mell**
Revisão e formatação: **Clara**
Revisão final: **Ellen Daianny**

Sinopse:

De todos os anjos, Anael é o mais belo e viril. Uma criatura de fogo, Anael arde com intensidade sexual, fervendo lentamente suas paixões sombrias. Ele é o anjo cuja missão é promover relações sexuais humanas. Quando Anael é mandado para terra no momento da criação da humanidade, não pode deixar de perceber o prazer que seus poderes e dons trazem para homens e mulheres. Um prazer que ele mesmo adoraria experimentar. Mas isso, significaria a queda da graça. Assim como seus outros irmãos, quando ele cai em pecado, e deleita-se com os prazeres da carne, se vê arremessado do céu para atender ao chamado de um homem desesperado, ansioso por encontrar uma mulher. Anael está disposto a ajudá-lo simplesmente para que ele possa acabar com sua maldição. Só que no meio do caminho, ele se perde e encontra-se sozinho durante uma tempestade de neve com uma mulher, pela qual é imediatamente atraído - uma mulher que ele deseja sexualmente. No entanto, é mais do que apenas desejo por sexo ardente. Pela primeira vez, Anael também sente seu coração se agitar.

Eve Parker é uma solitária. Ela é nova na cidade e não tem tido facilidade para fazer amigos ou conhecer homens - especialmente o tipo de homem com quem ela sonha. Auto descrita como "nerd e leitora ávida", ela consegue consolo lendo e sonhando com suas fantasias. Fantasias sobre ser o objeto de desejo de um musculoso deus e ter todo o sexo quente que ele possa lhe dar. Porém, homens lindos não se tornam sexualmente obcecados por nerds gordinhas e desajeitadas com o sexo oposto. Quando Anael descobre que o homem que está ajudando a encontrar o verdadeiro amor foi destinado a ficar com Eve, rapidamente muda de idéia e faz um pacto com o diabo. Agora bonito de novo, com uma voz que pode persuadir e seduzir, ele prepara-se para tornar cada fantasia de Eve realidade. Mas o diabo sempre fica com o que lhe é devido, e Anael se pergunta quando ele vai ter que pagar e qual será o preço.



“Para todos aqueles que acreditam que anjos caminham entre nós.”

Prólogo

Desperto, seu corpo acordou e o sangue viajou adiante, o calor correndo por suas veias, enchendo seu corpo com vida e dando força. Abaixado em uma bola, ele ergueu a cabeça em cima de seus braços dobrados, que estavam sobre os joelhos curvados. Com olhos agora abertos, ele piscou uma vez, então novamente, ajustando sua visão para o brilho preto da obsidiana¹ de onde ele gradualmente estava emergindo.

— Anael...

Ele ouviu seu nome sussurrado na brisa, sentiu o redemoinho de ar a seu redor, que tremulou ao longo de seu corpo por muito tempo até ficar em sua altura total. Os ossos de suas pernas se alongaram, poderosos músculos em suas coxas se estiraram, conectando-se com os ossos, que cresceram para sustentar seu corpo alto. Levantando seu rosto para o vento, lábios entreabertos; puxou ar limpo e puro para dentro e fundo em seu tórax, enchendo seus pulmões até que eles não agüentassem mais. Ele respirou novamente - mais fundo - sentiu a força, a vitalidade que crescia nele com cada respiração lenta.

— Ouça-me Anjo de Prazer...

Mais uma vez seu nome era levado o vento, o chamando para frente da mesma maneira como ele sentiu seu coração começar a bater fundo de seu tórax, despertando seu corpo para a tarefa adiante.

— Pelo poder e pela força, eu chamo você para cumprir minha ordem...

Que mortal era esse, acenando para ele, invocando seus poderes e buscando seus dons? Que mortal era verdadeiramente digno dos presentes especiais que ele poderia dar? Olhando abaixo, Anael procurou entre os raios brancos de luz e as sombras inconstantes das nuvens cinzentas. Abaixo dele estava a terra e um mortal gritando seu nome - um humano que precisava de seus serviços.

— Anael, eu peço a você, venha para mim...

¹ Rocha feita de material vítreo vulcânico, de que se faziam instrumentos cortantes e espelhos. Em: <http://migre.me/529je>

O vento soprava, dividindo as nuvens e agitando seu cabelo. Ele sentiu suas asas se balançarem, espalhando—se ao longo da largura de suas costas, sentiu o vento se juntar sobre suas penas de seda, que se expandiam para alcançar a largura completa. Uma imponente pena negra e longa voou livre de suas asas e se moveu até seu rosto, lembrando-o do que ele era. Ele fechou seus olhos, tentando se fechar para a visão a sua frente.

— Anael, maior dos caídos, compartilhe comigo seus poderes. Dê a mim maior desejo de meu coração.

Um macho humano. Mais um. Com seus olhos quietos fechados, Anael manteve fora o homem estava chamando, mantendo seus pensamentos recolhidos, se recusando a pensar sobre qualquer coisa diferente do fim de seu castigo. Que seria assim que ele servisse aquele humano. Mais uma alma, ele pensou selvagememente em como trabalhou no esforço de acabar com sua maldição. Mais uma alma e seria feito. Parte de seu castigo seria retirada. Suas pálpebras estavam abertas a tempo de assistir a queda da pena negra, que descia pelas nuvens e flutuava até a terra. Ele ouviu o mortal e sua voz cada vez mais insistente.

— Pela última vez.

Ele ouviu um invisível, mas inflexível sussurro de voz para ele. Anael abriu seus braços largos e inclinou seu rosto até os sete Céus do Criador, curvou seus lábios em um sorriso de escárnio.

—Tua vontade será feita!

Ele gritou, tanto para o Senhor, quanto para o humano. E então caiu, descendo pelos céus para a terra, suas asas negras tremulando, transportando-o para o mortal e o fim de sua maldição.



Capítulo Um

— Você olhou do lado de fora?

Empurrando de lado as cortinas de renda que emolduravam a janela dianteira de sua livraria, Eve² segurou seu telefone celular em sua orelha e olhou para o cinza aço das nuvens.

— Muito ameaçador, não é?

— Você acha? - Sua amiga Gemma respondeu.

— O meteorologista diz que o vento está soprando sobre o lago e como você está de frente para o porto, está rumo a ficar encalhada. A tempestade terá ventos fortes e placas brancas de gelo. Em uma hora nada vai funcionar, bem, talvez a eletricidade, se nós tivermos sorte.

— Você está com uma verruga de preocupação. - Eve grunhiu, mas desviou o olhar para o céu com raiva.

— Bem, é óbvio que eu preciso me preocupar por nós duas. Além do quê, pra que serviria os melhores amigos, se eles não podem ficar preocupados uns com os outros? - Gemma desafiou.

— Você é tão desligada que vai acabar encalhada em sua livraria durante a noite. E passará virada do ano sozinha com um monte de livros de novo.

— É isso que eu faço normalmente todos os anos na véspera do ano novo. - Gemma lançou um suspiro exasperado que vibrou contra o auto falante do telefone de Eve.

— Vamos lá, Eve! Apenas apareça aqui. Os ônibus ainda estão rodando e você não vai ter que se preocupar com o gelo e vento se sair agora. Olhe, se você não quiser pegar o ônibus ou o metrô, eu mandarei Martin ir buscar você.

— Não, você não vai mandar seu marido pra fora com esse tempo. Eu nunca me perdoaria se alguma coisa ruim acontecesse.

² Para melhor compreender alguns trocadilhos do livro, cabe lembrar que Eve pode ser dito como uma tradução para inglês do nome Eva. Ou seja, a que é, segundo a Bíblia, a primeira mulher na terra e responsável pelo pecado original.

— Certo, então pegue um táxi. Só traga sua bunda aqui.

— Eu não estou vestida para qualquer coisa diferente de vender livros.

— Eu empresto alguma coisa minha pra você.

Eve suspirou e apertou os dedos em seus olhos, de repente sentindo uma enxaqueca aparecendo.

— E como isso vai funcionar bem, Gem? Você é tamanho P, e eu sou tamanhos G, que o que são números totalmente diferente do seu, caso de você não saiba disso.

— Eve... - Sua amiga advertiu.

— Oh, vamos lá, Gemma, não é grande coisa. Você não tem que lutar para achar as palavras certas para me consolar. Estou totalmente consciente do tamanho que sou. Só temos que encarar os fatos, nós nunca vamos compartilhar roupas. Além disso, você sabe perfeitamente bem que eu gosto da minha figura.

— Sim, e eu estou certa que Richard também gostaria. Mas para ele gostar, ele realmente teria que ver isso. Isso significa que você tem que deixar Quills³ agora mesmo e conseguir chegar bem aqui antes de ficar encalhada durante a noite. De qualquer modo, o que você está vestindo?

— Calça jeans.

— E uma camisa de renda que se estende pra fora do suéter marrom. - Gemma terminou para ela.

— Injusto. - Eve riu e olhou pra baixo, pra sua roupa.

— Eu estou vestindo aquele poncho cool que eu comprei último verão em Londres, você se lembra, é o que é de veludo cor de vinho e preto, que eu peguei naquela loja de roupas vintage em Carnaby Street.

— Aquela loja pequena no Soho? Oh, Deus, isto é até pior. Eu não posso acreditar em que você ainda veste aquela coisa. Eu disse pra você não comprar aquele vestido horrível

³ Nesse caso, Quills é o nome da livraria que Eve possui. Como o termo se refere às canetas feitas a partir das penas de algumas aves, optei por manter o termo original. Em: <http://migre.me/52bLZ>

— Eh, eu sou o que sou. Eu vou deixar a alta costura pra você, e os livros e cozinhar para mim.

— Hippie.

— Prostituta da moda.

As duas desataram a rir, e então Eve disse sóbria. - Sério Gem, eu vou ficar ocupada. Eu prometi fazer o bolo de queijo com Toblerone que você ama tanto. Como vou fazer isso se eu for direto pra sua casa?

— Oh, Deus, aquele bolo de queijo é um orgasmo em um prato!

— Sim, e ele está sentando na minha geladeira, esperando às lágrimas.

— Certo, então. Mas saia agora pegue o bolo e sua atenção também.

— Eh, Gemma? Eu só quero que você saiba o quanto eu aprecio tudo que você e Martin fizeram para me ajudar a encontrar... pessoas.

— Você quer dizer caras.

— Sim, caras.

— Você vai amá-lo. Gemma guinchou. - Richard é bonito e educado, e tem um fabuloso cabelo castanho. Ele é um impressionante assistente de cirurgião, um pouco conservador, o que pode ou não irritar você. Mas a melhor coisa é que ele gosta de ler. O cara pode falar de livros durante toda a noite. Deus, eu juro, ele nasceu para você, Eve.

Respirando fundo, Eve movimentou a cabeça e tentou dizer que acreditou em sua amiga. Mas a verdade era que ela não fez. Ela realmente não acreditou que o cara certo estava lá fora à espera dela. Deus tem tempo desde que ela saiu em um encontro, e muito mais longo ainda para um encontro bem sucedido. Até não quis pensar sobre como tinha passado um tempo muito longo desde que ela fez sexo. E Pinkie, seu vibrador, não contava. Embora ela tenha o usado naquela manhã e apreciado um grande orgasmo. Mas Pinkie era de silicone, e plástico, não importa o quão “realista” poderia parecer, não conseguiu tomar o lugar das mãos de um homem... ou sua boca... ou oh... deus, ela não podia pensar sobre isso naquele momento.

Tinha sido um longo tempo desde que um homem tinha se enterrado bem no fundo dela, e Eve abominava admitir o quanto sentia falta da sensação, o quanto ela precisava sentir isto uma vez mais. Mas não podia mentir para si mesma, ela sempre

soube o que procurava. Ser desejada. Ser querida. Mais que qualquer coisa era o que ela precisava ser a fantasia de um homem. Ser o tipo de mulher que um homem sonha e deseja. Ela queria ser tudo pra esse misterioso amante. Queria ser maravilhosa, fazer tudo que tinha ele desejaria e viver todas as suas fantasias.

— Eve? - A voz de sua amiga a tirou de seus pensamentos. — eu sei que se mudar pra cá não foi uma decisão fácil para você. E que não tem sido fácil encontrar amigos ou o tipo certo de cara. Mas eu quero que você saiba que tudo isso vai mudar.

— Como você sabe isto, Gemma?

— Eu só posso dizer. Está no ar. Posso sentir isto. Esse vai ser seu ano, garota! Quills tem sido um sucesso maravilhoso e agora é hora para que sua vida pessoal tenha os mesmos triunfos. Acabe depressa, ok? E não se preocupe sobre que você está vestindo nós só vamos pedir um pouco de pizza e asas e lançaremos cerveja pra trás. Todas as festas grandes e elegantes serão canceladas de qualquer maneira por causa do tempo. Fechado?

— Fechado.

— Amo você. - Gemma disse. — E não se preocupe Eve, você vai golpear com força no Richard.

— Amo você, também. - Eve murmurou de volta antes de clicar a tampa do telefone fechando-o.

Ela permaneceu na janela, observando a quietude da rua. Normalmente Avenida de Spadina estava pulando. Eles estavam certos que ao virar da esquina Kensington Market o tráfego de pedestres era pesado, mas não hoje. Hoje, a rua era um deserto de neve e agitação ventos uivantes. Tremendo, Eve passou as mãos pelos seus braços, enquanto o vento lamentava, batendo na janela de moldura enorme. Atrás dela, um tronco na lareira crepitou, ela saltou, esquecendo-se que tinha acendido o fogo da lareira. Por cima do ombro, Eve olhou para a grade de ferro preto e ornamentado pedra talhada nela. Ela os tinha encontrado em um antiquário em Londres. No minuto em que os viu encostados a uma parede de gesso desmoronando, sabia que iam ser perfeitos na moradia de arenito velho que ela comprou com a intenção de transformar em uma livraria.

O lugar era exatamente como ela imaginava o estúdio de um cavalheiro inglês, completo com forno e mobiliário de couro batido. Amorosamente olhou a lareira, o modo como às chamas alaranjadas crepitavam contra a grelha de ferro preto e brilhante. No colchão de penas de lã xadrez posicionado antes do fogo, estava o

Spaniel Springer⁴ preto e branco que ela tinha salvado do abrigo há alguns meses atrás. Lizzy estava enrolada na frente da lareira, roncando como um motorista de caminhão. Eve sorriu e voltou para a janela. Ela sabia que não iria estar ocupada hoje. Quem infernos iria comprar livros na véspera do ano novo? Além disso, já era quatro e meia, e a luz do dia estava depressa sendo engolida pelas nuvens de neve. Logo estaria escuro. Ela realmente deveria ir especialmente quando o caminho ainda estava bom. Não era como se tivessem clientes enfileirados na rua, Embora ela soubesse que o dia seria calmo, Eve não podia resistir à atração que era sua livraria.

Ela amava o lugar e realmente não o considerou como seu trabalho. Era mais que isso. Era sua paixão. Eve olhou em volta para os tetos altos com vigas, paredes de tijolo e depois para as estantes de jacarandá antigo que ela tinha comprado em um leilão de propriedade na Inglaterra. Nas prateleiras das lindas estantes, centenas de livros, algumas primeiras edições, e antiguidades de valor inestimável. Alguns eram best-sellers atuais, e outras novelas e romances quentes. Existia algo para se adaptar ao gosto de todos os leitores, até mesmo aos iniciantes, e Eve não podia estar mais orgulhosa do velho lugar. Ela fez de Quills o que pretendia que ele fosse quando ela partiu nesta aventura, que era um paraíso para entusiastas de livros.

Em um ano, mudar-se Toronto, fez de seus negócios um sucesso. Todo dia a loja ficava cheia com os clientes de todas as idades, e de todas as esferas da vida. Eles reuniam-se perto do fogo e descansavam em poltronas de couro, conversavam e usavam os computadores que tinha criado como em um cyber café.

Nas publicações de livros os autores bem conhecidos vieram a sua loja para autógrafos. Poetas da New Age recitaram suas obras de arte gótica, enquanto a multidão se aglomerava nos cantos. Leitores esperavam com frio nos ossos e umidade abrasadora apenas para entrar em Quills para a reserva das leituras. Sim, uma grande realização, ainda mais do que ela esperava. Pena que não poderia dizer o mesmo de sua vida pessoal. Nisso, era falha como sempre. Qula o problema que ela tinha com os homens? Por que ela parecia não se dar bem com qualquer homem que haviam lhe mostrado algum interesse? Eles tinham sido bonitos o suficiente, mas faltava... algo. E era isso que frustrava Eve ainda mais. Ela nem sabia o que era que queria. O que era esse indescritível 'algo' que ela estava tentando desesperadamente encontrar no sexo oposto?

Bem, talvez este Richard tivesse qualquer coisa, “algo” que procurava. Talvez hoje à noite finalmente fosse de sorte, e não só um saco. Inferno, talvez Gemma estivesse certa, talvez esse fosse seu ano.

Mas primeiro, ela precisava ir para casa e arrumar com algo mais sensual. Algo que mostrasse seus seios e quadris. Algo que Richard Stokes iria achar atraente, tão atraente, seria forçado a retirá-lo hoje à noite para ver as curvas dela. Sexo com um estranho. Ela nunca tinha feito nada do tipo antes, mas ultimamente, estava se sentindo um pouco mais ousada. A geeky que lia demais estava emergindo de sua crisálida, e esperando tornar-se uma linda borboleta.

⁴ Raça de cães oriunda da Inglaterra. Em: <http://migre.me/52eZs>

— Bem, Lizzy, menina você está pronta? - Eve riu quando o cachorro se mexeu, bateu sua língua junto ao focinho e então enterrou seu nariz no tecido suave de sua cama. Com um suspiro, Lizzy fechou seus olhos e ignorou Eve.

— Sabe você realmente devia ter ido para uma duquesa. Você é muito condena mimada. - Lizzy abriu um olho e sacudiu suas orelhas. — Sim, eu sei. É um maldito frio para caminhar até em casa. Bem, deixe-me conseguir o número de telefone para chamar a companhia de táxi, então nós sairemos daqui.

Lizzy a ignorou quando Eve voltava para a janela e agarrava a cortina. Puxando na corda branca, a veneziana começou a descer quando algo duro bateu na janela. Eve imediatamente puxando na corda, erguendo as venezianas a tempo de ver uma pena negra enorme deslizar abaixo o vidro gelado. *Santa merda! Que tipo de pássaro deixou aquela coisa cair?* A pena devia mais de dois cm de comprimento. Eve podia vê-la deitada na calçada quando pressionou a testa contra o vidro frio. Foi realmente lindo. De aparência tão negra e sedosa. E triste, também, pensou Eve, enquanto estudava a pena que repousava desamparadamente sobre a neve que cobria da calçada.

O vento soprou, levantando a pena para o alto. Impetuosamente, Eve correu para a porta e saiu para os elementos, pegando a pena na mão assim que estava prestes a voar para longe novamente. Ela estudou como a neve começava a cair a sério. O vento soprava, fazendo a porta da livraria bater duro contra a parede. A tempestade rolava totalmente agora. Era hora de fechar a loja e ir para casa. Não fazia sentido ficar encalhada aqui a noite toda sem nada para comer.

Girando a pena entre seus dedos, Eve fechou a porta e escutou como os sinos tiniram. Descendo as cortinas, ela assistiu como a pena que ela viu como ela passar de preto na luz do dia cinzento, a um hipnotizante azul-negro à luz do fogo. Num impulso, ela a levou a seu rosto e permitiu que as folhas de seda roçassem contra seu rosto, esquecendo-se que era de um pássaro, e provavelmente cheio de germes, e doenças... A última coisa ela precisava era de um caso de influenza aviária, mas nem isso assustou seu pensamento suficiente para fazê-la parar. A pena parecia chamar por ela, para tocá-la deslizar-se ao longo do seu corpo. No momento em que a pena fizesse contato, e sua pele começou a formigar. Fechando seus olhos, Eve a esfregou em sua bochecha mais uma vez e notou o cheiro exótico flutuando dela, como musk e incenso. O formigamento continuou até que ela sentiu como se ela estava sendo tocada por uma mão da mão de um homem. E o odor, dela era crescente e cada vez mais forte, mais arrojado. Oh, Senhor, seu corpo estava respondendo para o tátil e olfativo incentivo. Seu corpo teve arrepios e ficou molhado.

Com os seios já inchados e ficando mais duros contra sua camisa, em num impulso ela esfregou a ponta de pena acima de seu mamilo e sentiu o pequeno tremor de energia serpenteando junto sua a pele, enrugando o mamilo até quase doer. Novamente, ela repetiu a ação, só que desta vez ela desenhou apertados e pequenos

círculos ao redor de seu mamilo. O efeito era incrível, e ela fechou seus olhos, e deixou sua cabeça pender, perdida nas sensações ilícitas que sentia através do correr da pena sobre sua pele. Eve estava ciente do som das unhas de Lizzy clicando sobre os tacos de madeira, mas não conseguia abrir os olhos, não podia se obrigar a deixar o perfume extremamente excitante que foi envolvendo-a, ou a sensação da pena contra ela.

Já não sentia a sensação de cócegas da pena contra ela, mas pelo contrário, o toque se tornou menos de uma pena e mais parecido com o de um amante, a sensação de uma mão que afagava ao longo de sua bochecha e mandíbula. E Senhor, como ela queria que ele a tocasse mais, e não só em seu rosto. Ela queria isto mais abaixo, em seus seios, com plenitude com suas grandes e masculinas mãos. Ela quis dedos longos e fortes circulando suas sensíveis aréolas e sacudindo seus mamilos doloridos. Ela o queria pressionando entre suas coxas, desenvolvendo a umidade que continuamente estava umedecendo sua roupa íntima. Deus, ela estava quente, como se verdadeiramente estivesse sendo acariciada por alguma força invisível. Fisicamente, seu corpo estava respondendo como se o prazer que sentia estivesse realmente acontecendo. Seus quadris estavam inquietos e seu sexo escorregadio e com vontade, querendo. Cada centímetro do seu corpo sensibilizado foi inflamado por essa aura misteriosa que, de alguma forma a cobria da cabeça aos pés.

Um rosnado baixo e ameaçador retumbaram fora de Lizzy, retirando Eve do transe em que estava. Ela soltou a pena sobre na mesa e girou para ver que a cadela estava na porta lateral que levada à ruela na parte de trás. Os lábios do springer estavam levantados, e seus caninos brancos longos expostos. O pelo permanecia alto e cheio, e Eve assistiu como sua região lombar brilhava com medo mal contido. Com um duro engolir, percebeu que tinha que ter controle sobre seu corpo, tentando livrar-se das sensações e imagens misteriosas que tinham estado fora do controle ela.

— O que é isso, Liz? O que há lá fora para que você esteja tão perturbada? - Lizzy não moveu o olhar em direção a Eve. Ao contrário, seus ouvidos se animaram mais e uma chuva arrepios em suas laterais fez com que o preto e branco de seu pelo ficasse alto. Ela resmungou novamente, um burburinho constante e longo e levantou os lábios, mostrando mais de seus dentes.

— Certo, Cujo⁵. Vamos ver o que a deixa assustada. Provavelmente é só um esquilo, e você sabe que não pode ficar incomodada com eles toda hora do dia, então, não sei por que você está fazendo todo este barulho. - A atenção de Lizzy estava focada na tranca dourada. Estranho. Nos poucos meses que ela teve Lizzy, Eve não soube que ela poderia ser qualquer coisa diferente de uma folgada, que não fez mais que abrir um olho para sons estranhos. Mas algo na porta fez com que ficasse alerta. E Eve só podia esperar que o que estivesse lá fora não fosse perigoso.

⁵ Referência ao livro Cujo de Stephen King, conta a história de um cão que após contrair raiva passa a atacar humanos.

— Talvez seja Trent. - Eve murmurou para o cachorro enquanto agarrava a manga longa do suéter pendurado do gancho dos casacos.

— Você sabe que às vezes ele entra por essa porta. - Mas por que um quatorze anos de idade ele estaria aqui na véspera do ano novo? Lizzy rosnou novamente então começou uma série de choradeiras fundas, dolorosas.

— Sim, é Trent, não é? Você gosta das visitas dele, não é? Sempre faz uma maldita paquera quando ele está aqui. Eu digo uma coisa para você, Liz, você tem bom gosto. O garoto vai ser um homem atraente quando chegar aos dezoito.

- Agarrando a trava, Eve a deslizou para o lado, e tornou acessível à porta. Lizzy pulou do lado de fora e Eve saiu em seguida a ela, só para deslizar uma parte escorregadia do asfalto. No meio da rua deitado de bruços, um homem de cabelo negro. Seu rosto estava apertado na neve e suas mãos nuas estendidas, como se tivesse caído direto do céu. Ele estava vestindo um par de calças jeans envelhecidos, botas de motociclista e um casaco de lã preta longa que pareceu com o dos filmes Matrix. Mas ele não era Neo. Até quando Lizzy se moveu para ele, encolhida, tremendo de frio, e cheirando seu cabelo, ele não se mexeu. A Eve tossiu e esperou por uma resposta. Nada. Dando um passo cauteloso pra frente, ela curvou na cintura, tentando não chegar muito perto do sujeito. Existia indigente naquela área, a maior parte deles era inocente, mas você nunca poderia ser muito descuidado. Mas este sujeito não pareceu com quaisquer das pessoas de rua que freqüentavam suas latas de lixo. Ela teria se lembrado de um cara sem casa que fosse tão alto e desenvolvido.

— Eh... - Ela disse, num sussurro rouco. — Você está bem aí, rapaz?

Nada. Segurando os lados de seu suéter junto para repelir a explosão frígida de vento que correu rua abaixo, Eve deu um passo mais perto e olhou abaixo para o corpo quieto. Deus a ajudasse se ele estivesse morto. Que problema isso seria. Ela nunca chegaria a Gemma antes da tempestade bater se ela tivesse que chamar a polícia. Como podia ser tão insensível com o sujeito deitado congelando aos seus pés?

— Eh... - Ela disse novamente, suavemente tocando sua mão com a ponta de seus sapatos. Ela olhou sua mão pálida. Unhas limpas e cuidadas, também. Não era sem-teto, então. Talvez só alguém com má sorte? Uma dose muito grande ou um dia ruim? Não era difícil achar drogas nesta área da cidade. Esse cara não seria o primeiro do ano, e certamente não o primeiro para ser achado nesta rua particular. Mas ele acabou não parecendo com um tipo drogado. Talvez ele tenha sido largado mais cedo no ano novo e foi desviado de seu caminho para do bar ou para casa. Alguma coisa com esse cara fez Eve se sentir compelida a fazer algo. Desde que não

estava conseguindo muito coisa dele. Não houve nenhum movimento quando ela cutucou a mão pálida novamente.

— Certo, vamos fazer isso. - Ela murmurou. - — Está na hora de chamar os tiras.

Quando ela andou longe, quase tombou para trás, seu grito agudo de surpresa ecoou pelos tijolos. Seus braços foram lançados se esticaram com o esforço de conseguir um equilíbrio. Aterrissado sua bunda no asfalto frio. Ela se perguntou se havia deslizado em algum ponto de gelo, mas quando olhou pra abaixo, Eve viu que a mão antes inanimada estava agora agarrada firmemente ao redor de seu tornozelo.

— Santa merda!

Seu coração saltou até sua garganta, e ela lutou com o desejo de vomitar. Oh, Deus, ele estava acordado e alerta, e santa mãe de Deus, estava se movendo para ela, usando seu tornozelo como alavanca quando se arrastou mais perto, seus ombros levantando e rodando em baixo do casaco de lã. Eve engoliu, querendo voltar a se erguer para longe do sujeito, mas tinha medo de se mover, medo de se retirar. E então o que ele faria? O cara era enorme, muito mais alto que ela. E mesmo que ela fosse uma garota robusta, ela não teria chance contra nele. E pra piorar a situação, Lizzy virou o rabo pra fugir correndo para a loja. Ela estava totalmente sozinha em uma rua durante uma nevasca com um estranho, metade consciente. Nada bom. O homem não fez nenhum som ao levantar a parte superior de seu corpo pra cima do chão frio. Lentamente, levantou seu rosto até que ela teve um vislumbre de lábios rosados e uma mandíbula masculina forte. Até um par de tirar o fôlego de belos olhos verde-azulados, do tipo de cor que você só veria em um panfleto de viagem para uma ilha no Caribe. Caramba, ela nunca tinha visto olhos daquela cor. Entretanto, pôde ver algo mais contra o vento que soprava novamente, jogando seu cabelo preto longo longe de seu rosto. Ela balançou. Certo, isto não era normal. De onde diabos era essa monstruosidade, de que planeta ele veio?

Eve engoliu seco e deu um passo pra trás assim que ele se levantou e mostrou a ela toda a sua altura. Agora ele estava de pé diante dela, sua posição um pouco instável, mas seu olhar enfocou-se totalmente fixo nela. Ela tragou, assistindo seu rosto e os olhos bonitos que estavam brilhando abaixo nela. Ele a estudou como se a estivesse despindo – ou vendo em baixo de suas roupas. Sua cabeça jogada ligeiramente para o lado, ela viu seu olhar deslizar abaixo de junto de sua garganta, para seus seios, onde ele se demorou. Com seus mamilos aparentes se frisando sob seu olhar, ela viu suas pupilas se transformarem de um círculo perfeito em uma fenda oval.

Eve puxou seu suéter mais apertado através de seus seios, mas ele não se deu por entendido, ao invés continuou olhando fixamente, então de repente lançou um olhar indecente sob um conjunto de longos, espessos e escuros cílios. Esse olhar, tão direto e penetrante a fez dar mais um passo atrás.

Ficou por um segundo mais amplo em seus seios e lentamente desceu para a barriga dela, e então, para onde ela estava certa de que ele estava olhando, o zíper da calça jeans. O que ele iria fazer com ela? Estuprá-la? Bater nela? Não existia nenhum modo de ela correr mais que ele, ou ser mais forte que ele. Ele elevava-se acima dela com sua estatura alta, de alguma maneira Eve soube que não era o casaco que fazia com que ele parecesse tão largo. E o jeito como ele continuava olhando para ela, como se fosse comê-la por inteiro, fez estremecer e dar um passo cauteloso pra longe.

Ela nunca tinha visto ninguém como ele. Nunca viu alguém com mais de metade de seu rosto tatuado com símbolos estranhos. Com marcas que se alastravam tapando-lhe a testa, a cobertura do olho esquerdo e para baixo para a boca onde o canto dos lábios também as recebeu. Ela recuou novamente e sentiu o raspar dos tijolos contra suas costas. Estava acuada, incapaz de esconder ou disfarçar o gemido de medo que escapou através de seus lábios comprimidos. Seus olhos brilharam mais intensamente, como se ele pudesse ouvir seus pensamentos, mas não disse nada, apenas aproximou-se dela, olhando em seu rosto com aqueles magníficos olhos. Uma sombra deslocou-se contra o muro de tijolos na parte de trás do beco, e o olhar de Eve lançou-se para ela. Ela engoliu em seco novamente. De jeito nenhum. Não havia maneira de que estivesse vendo aquilo... apertada contra a parede, sentiu a velocidade de seu pulso correr até uma pressão perigosa e sua cabeça começar a ficar engraçada, como se estivesse indo para a escuridão. Ela olhou novamente para a parede, e viu a mesma coisa. *Oh, inferno, não!* Não eram asas que ela estava vendo.

Os ombros do homem se deslocaram, e assim também fez a sombra atrás dele. Era a falta de oxigenação no cérebro que estava fazendo com que ela visse aquelas coisas. Não havia outro motivo para que ela estivesse enxergando aquelas asas. Mas então, o cheiro familiar de almíscar e especiarias exóticas girou em torno dela, e de alguma forma Eve soube que o que ela estava vendo não era o resultado da falta de oxigênio no cérebro. Não, aquele cheiro era muito familiar. E a maneira como seu corpo começou a se aquecer, era familiar também. *Grande merda.* Então, ela fez a única coisa razoável que uma mulher temente a Deus poderia fazer. Ela desmaiou. Esperando que, quando acordasse, fosse capaz de tirar uma coisa meio Scrooge⁶ daquele momento ruim.

⁶ Referência ao personagem central do livro “Conto de Natal” (1843), de Charles Dickens. Scrooge, cruel e avaro, é visitado na véspera de Natal por três espíritos (Espírito do Natal Presente, do Natal Passado e do Natal Futuro). As experiências traumáticas fazem com que ele repense sua vida e torne-se uma pessoa melhor.

Capítulo Dois

Obviamente ele estava no endereço errado. A figura deitada inconsciente em seus braços não era de um macho, mas sim uma fêmea. Uma muito curvilínea e suave mulher, cujo perfume pareceu evolver-se totalmente a seu redor como uma nuvem inebriante. Anael olhou abaixo para a fêmea, cujos longos cachos de cabelo dourado chicotearam ao redor de seu rosto com o vento frio que entrava pela ruela. Ela não se mexeu quando ele deslizou sua mão sobre suas bochechas, afastando o cabelo para revelar os contornos de seu rosto. O rosado em suas bochechas estava sendo substituído por um branco quase translúcido; que o fez pensar em bonecas de porcelana, frágeis e bonitas. Tão delicada e suave. Tão... perfeita. Um animal choramingou atrás dele, e Anael virou-se com a mulher ainda embalada em seus braços para ver um cachorro malhado de preto e branco, suas orelhas apertadas para trás e sua cabeça baixa, estudando-o.

— Ela não corre nenhum perigo comigo. - Ele disse silenciosamente ao animal. Como todos os animais, o cão lhe deu ouvidos. Ele virou a cauda e correu ao longo do asfalto congelado para uma porta lateral no edifício de tijolos. Pulando para cima, o cão a empurrou até que ela abriu. Gotas frias estavam agora misturadas com a neve. Anael ouviu as placas de gelo que o vento lançou nas paredes de tijolo e em seu casaco. Sabendo que precisava levá-la para dentro, ele seguiu o cão, nunca permitindo desviar o olhar da mulher adormecida.

Claro que ela ficaria apavorada, quando acordasse para encontra-se ele olhando pra ela. Tal como tinha sido quando ela viu seu rosto. Mesmo que ela pensasse nele como um monstro, ele não conseguiu parar de deslizar seus dedos ao longo de sua bochecha fria até o vermelho escuro de seu lábio inferior. Sua pele era arredondada e macia. Suculenta. Concebida para ser degustada e lambida, para ser puxada para dentro da boca de um homem, aos beijos, quando ele fizesse amor com ela. Um profundo suspiro escapou-lhe da boca quando ele deslizou a ponta de seu polegar ao longo da comissura dos lábios dela. Seu hálito quente banhou seu dedo, umedecendo a pele dele. Tirou o dedo pra longe, e trouxe a seus próprios lábios, lambendo o calor úmido que foi depositado sobre sua carne, trazendo a respiração e o gosto dela, para dentro de seu corpo, imaginando enquanto lambia seu próprio dedo, como seria seu sexo. A visão da cabeça dele entre suas coxas deveria tê-lo assustado, de fato, com o seu passado, ele não poderia nem mesmo ter pensado numa coisa dessas. Mas isso não importava.

A imagem mental continuou dominando-o. A visão dele deslizando sua boca junto a seu sexo molhado, não para receber contra ele uma explosão de líquidos frios. Ao contrário disso, seria como um fogo chamejando direto para dentro da sua vida. Seu sangue e sua carne se aqueceram até ele sentir seu pau empurrando contra as roupas. A mulher humana era tão bonita. Era uma tentação. Uma tentação da carne, que seria perfeita em seus braços, perfeita para ser saboreada por sua língua. Como ele tinha aterrissado aqui, na porta dela? Realmente não era capaz de se recordar. Em um minuto estava descendo pelo céu, o no seguinte, perdeu todo controle do corpo e aterrissou de cara naquele beco. Nunca havia sentido aquele tipo de corrente elétrica, como quando caiu através das nuvens. Parecia com o toque de uma amante atravessando por sua pele. Ele tinha perdido todo o controle, logo, também toda a capacidade de pensar ou comandar suas asas para levá-lo ao humano que o havia convocado.

Pelo contrário, ele esteve à mercê de uma eletricidade que percorreu seu corpo, provocando sensações que ele teve nunca experimentado. Quando ele foi lançado a terra, sabendo que estava fora de curso e que sua aterrissagem doeria, não pode fazer mais nada do que deslizar mais fundo na sensação de ser tocado, chamado por alguém. E esse alguém era obviamente a mulher cujo corpo quente estava agora deitando contra seu tórax. Mesmo naquele momento, ele sentia os efeitos estranhos se prolongando, uma sensação de fogo a sua pele. Ao olhar para baixo, para o rosto da mulher adormecida, ele percebia que havia sido o toque dela que o tinha despertado a luxúria que permanecera adormecida dentro dele por tanto tempo. Uma luxúria da qual ele nunca poderia possuir. Uma paixão que era sua apenas para dar. Nunca para receber.

Levando a mulher consigo e caminhando mais para o interior do edifício. Enquanto escutava o clic das unhas do cachorro que o seguia calmamente, desceu por um corredor escuro. Ele assistiu como as sombras escuras marcavam o rosto da mulher. Suas asas. Elas provocavam as sombras. Parou e encarou a silhueta na parede, observando por um segundo como elas se moveram em seus ombros através das correntes de ar. Durante alguns segundos estudou a imagem e como suas asas era um casulo em volta dela. Guardando-a. Dentro dele algo primitivo o impeliu a proteger aquela mulher. Imediatamente, se livrou do pensamento. Não era mais aquele tipo de anjo. Suas asas eram da mesma cor das sombras. Negras.

Caído. Pecador. Corrupto.

A mulher se moveu em seus braços e ele a puxou mais para perto de modo a mantê-la apertada contra a lã de seu casaco. Caminhou pelo resto do corredor até uma grande passagem. Os sons e estalos do fogo o saudaram, assim como uma janela

grande de onde se podia ver a neve e o gelo caindo do céu. A sala enorme estava cheia do chão até o teto de estantes com livros. Em um canto, uma bancada com computadores e uma montanha de pacotes de papel. Livraria ou algo parecido, ele pensou quando localizou uma cadeira tipo wingback⁷ ao lado do fogo. Sem se preocupar com seu casaco, se sentou, ainda segurando a mulher nos braços. Ela continuava inconsciente, o corpo relaxado como uma boneca de pano. Sua cabeça rolou para trás de seu braço, e gentilmente ele guiou-a para descansar suavemente contra a lateral da cadeira. Seus olhos foram imediatamente atraídos para a pulsação constante na base de sua garganta, ele sabia que ela estava bem. Logo estaria acordada, mas Anael não conseguiu negar a decepção que o pensamento lhe causou.

Ele era uma abominação. Uma lista ambulante de pecados. Um anjo caído, escondido e temido por seus irmãos. Não era o tipo de ser mortal ou anjo que inspiraria desejo em uma mulher. Embora ele quisesse isso. Ansiava por sentir seu corpo respondendo ao dele. Assistir sua pele pálida tingir-se lentamente de rosa. Queria sentir o frescor sendo afugentado pelo calor que seu toque provocaria. Mas isso nunca poderia acontecer. Ele testou sua voz, esperando poder falar com ela, mas como sempre permanecia mudo. Eternamente mudo. Apenas quando estava com o mortal que o havia convocado, ele era capaz de falar. E essa mulher não era a pessoa que chamou por Anael, o anjo do desejo. O serafim responsável por conferir paixão, prazer e satisfação sexual. Ele era o anjo para quem homens mortais rezavam ou o serafim que chamavam quando precisavam de ajuda para atrair o sexo oposto. Os mortais necessitavam de suas habilidades a fim de agradar e dar prazer. Deus poderia ter dado a eles, os humanos, o poder de procriar, mas ele tinha assegurado que gostassem disso.

Quando olhou para a mulher deitada em seus braços, ele teve a sensação estranha que embora ela não fosse a pessoa que precisava dele, ele precisava dela. Que sua presença súbita e inesperada na sua vida não era uma singularidade ou um momento errado. Era algo muito diferente. Algo muito mais profundo do que um encontro casual. Se ele fosse um homem mortal, teria acreditado em um toque do destino, que fez seus caminhos se cruzar. Mas ele não era humano. Embora isso não significasse que ele não quisesse tocá-la. Sentir aquela pele lisa como marfim embaixo da palma de sua mão. Mas resistiu à tentação. Seu castigo - ou pelo menos parte dele - estava muito próximo a ser terminado, para que caísse novamente em pecado apenas para perpetuar ainda mais a punição. Tinha que resistir a essa mulher e ao estranho desejo que sentiu aquecer seu sangue. Então, em vez de estender os dedos e deslizá-los junto a sua bochecha e garganta, ele descansou sua cabeça contra o encosto da cadeira. Olhado fixamente o teto coberto com cobre, e decorado com laços vermelhos e guirlandas verdes. No centro da tela um anjo dourado, com suas asas abertas e mãos em oração.

⁷ Em: <http://migre.me/5422Z>

Uma vez, há muito tempo atrás, ele tinha sido aquele tipo de criatura. *Obediente. Respeitoso. Fiel.* Quase não conseguia mais se lembrar disso. O que era ser coberto de Graça. O que era viver lado a lado com seus irmãos, em vez de ser mantido escondido, enjaulado no canto mais longínquo do Céu, esperando para ser usado, para conceder seus dons entre os mortais. Por tanto tempo ele tinha estado só. Vazio. Sem vida. Excomungado por seus irmãos e seu Deus. Anael se perguntou em silêncio se as setenta gerações em que tinha sido encarcerado no Abismo com os Íncubus e Sucumbus que o torturavam, não eram melhores que aquele isolamento. Ele sabia sem dúvida, que sua queda da graça não tinha válida a pena à tentação. Aquelas primeiras mulheres humanas que ele levou para a cama não valiam a pena por causa do castigo que lhe fora imposto. A tentação que hora elas apresentaram, desde muito havia perdido o brilho. Agora, o que sentia não era mais o desejo incontrolável de tempos atrás, e sim remorso. Talvez até vergonha.

Um barulho próximo à janela o tirou de seus pensamentos. Virando-se, olhou por cima da cadeira para ver um celular vermelho descansando em seu peitoril. Uma luz brilhou na tela enquanto o aparelho continuava a tocar. Sua atenção se direcionou para a mesa colocada ao lado, sobre o móvel, uma majestosa pena negra. Então, era aquilo que o tinha levado até a mulher, ela havia encontrado uma das penas de suas asas. E a tinha tocado. Acariciado. Ele sentira o deslizar de seus dedos ao longo do corpo quando caiu através do céu. Sentira cada toque como se tivesse sido sua carne nua que ela havia tocado, e não apenas a pena errante.

Estendendo a mão, ele a chamou em silêncio, observando como a pena obedecida a seu comando e vinha até ele. Quando a segurou entre os dedos, sentiu a aura da mulher presa a ela, cheirava a seu perfume e ao aroma delicado de sua pele quando a trouxe à face, inalando o perfume que continha. Então, ele a enxergou em uma visão em sua mente. Ela estava em pé diante da janela, olhando espantada para a pena segura em sua mão. Levantou-a até sua face, arrastou a ponta ao longo da bochecha e mandíbula. Suas pálpebras lentamente se abaixaram como se estivesse experimentando a mesma corrente elétrica através de seu corpo. E então, ele começou a sentir o que ela sentia. O toque de uma mão ao longo de sua pele acetinada. A sensação de uma boca deslizando lentamente por seu rosto. Sentiu a resposta dela. Logo sua própria. Pela primeira vez em mais de setenta gerações, permitiu se levar pelo prazer proibido...

Eve estava tendo um sonho muito estranho. Ela voltava para a janela de sua livraria, a bonita e estranha pena negra segura em sua palma enquanto assistia a neve cair suavemente do lado de fora. Estava escurecendo agora, o sol se deslizando embaixo das nuvens cinzentas. A lua já havia saído, iluminando a neve e os cristais de gelo que cobriam a rua e calçada. Embora estivesse tendo uma tempestade lá fora, e apesar da janela embaçada, ela não sentia nada. Atrás dela estava um calor confortável. Calor que não provinha da lareira, embora o tronco continuasse a queimar no fogo. Era outra fonte de calor. Um corpo grande e largo, que parecia morno e seguro. E o cheiro... o cheiro não se parecia com nada que ela já tivesse

conhecido. Exótico e misterioso. Uma sugestão de especiarias do oriente. Isso! Ela considerou enquanto relaxava como se fosse envolta em uma nuvem de ópio. Estava em uma névoa. Seus membros pareciam lânguidos e pesados. Mas, apesar da imobilidade de seu corpo, ela se sentia inquieta. Um lugar fundo dentro dela assumia depressa o comando.

— Me aceite. - Uma escura e envolvente voz sussurrou, as palavras acariciando sua pele como o toque de um amante.

— Sim. - Ela murmurou, sentindo mãos ao redor de seus ombros. Dedos que pareciam longos e certos - varonis - e ainda assim extremamente gentis. Tão corretos à medida que desenhavam círculos pequenos embaixo de seus braços.

— Eu podia fazer você se sentir tão bem. - Ele disse novamente, sua voz fantasmagórica tão bonita.

— Eu adoraria você, se você me permitisse isso. - Eve sentiu suas pálpebras pesadas, como se sua voz tivesse a habilidade de mantê-la em um transe.

— Minha voz é só para você. - Ele disse, e nesse momento, ela sentiu a respiração sussurrada contra a concha de sua orelha.

— Minhas palavras são apenas pra você. Meu toque é somente pra você. Meu corpo é seu. - Eve sentiu seu próprio corpo se desfazer em líquido. Aquela voz a havia feito responder como ela nunca antes. Nenhum homem a fez se sentir assim. Tão lânguida e livre, para se entregar a suas fantasias mais secretas.

— Eu posso cheirar seu desejo. Posso senti-lo, sentir o aquecimento do seu corpo embaixo das minhas mãos. Eu posso saborear isso. - Ele ronronou, com uma sacudida de sua língua na orelha dela.

— Permita-me tocar você. Permita-me saborear você.

Suas mãos, mornas e suaves moveram-se furtivamente por baixo da bainha de seu casaco. Como que por mágica, o algodão pareceu evaporar, deixando expostos seus mamilos. Eles se apertaram, alongando-se quando a palma de sua mão deslizou pela extensão de sua barriga até as costelas. Eve sentiu a respiração sair mais rápida e desigual, despenteando alguns fios de seu cabelo. Ela podia cheirar seu perfume, a especiaria exótica que crescia dele cada vez mais forte, como se alguém tivesse acendido um incenso. O calor dele à suas costas, sua mão percorrendo seus seios e seu tórax, engolfando seu corpo.

— Eu poderia mostrar o céu a você. Poderia levá-la por lugares que nenhum homem jamais poderá.

— Sim. - Ela disse, com uma voz tranqüila e mais nada. Seu corpo curvando-se por vontade própria quando suas palmas deixaram seu ventre e pairaram sobre os seios.

— Por favor. - Ela implorou. Seus mamilos doíam pra ser tocados. Estavam tão sensíveis que até o ar fresco era uma mistura extrema de prazer e dor.

— Você é tão perfeita. Tão deliciosa e adorável. - Ele disse, sua voz soando como se estivesse admirado.

— Eu nunca vi outra mais bonita. Deixe-me olhar pra você. Deixe-me observar a beleza que Ele deu a você. - Eve voltou-se, buscando o dono da voz escura e misteriosa. Ele permitiu isso, lentamente, girando-a com as mãos. Sua cabeça estava abaixada, o rosto apertando contra seu pescoço e ombro, como ele estivesse aninhado e inalado o cheiro dela. As palmas de suas mãos foram para os lados dos seios dela. Mais e mais ele as deslizou as palmas sobre os seios pesados, cada vez mais próximo dos mamilos.

— Observe-me. - Ele sussurrou, sua voz soando como um apelo. — Observe-me, mas não tema o que você vê. Nunca me tema. Ele murmurou quando se puxou pra trás e olhou de volta para o rosto dela virado para cima.

Eve sentiu seus olhos se arregalarem. Um grito ficou preso em sua garganta. Aqueles olhos... aqueles olhos magníficos. Aquele rosto tatuado assustador olhando para ela. O homem do beco. Ela gritou, e se lançou da cadeira. Lutando, ela lutou com sua consciência, tentando acordar do sonho. Despertou para se encontrar recostada na poltrona wingback diante da lareira. E graças a Deus, estava completamente vestida e não nua como temia. Com um passar de mãos, ela escovou seu cabelo pra trás do rosto e procurou pelo quarto com olhos selvagens. E o encontrou, sentando no canto do quarto, olhando pra ela com aqueles olhos bonitos e o estranho rosto marcado. Ele tremia suas mãos agitadas. Contra a lã preta do casaco descansava mechas de um cabelo loiro longo, brilhado sob o fogo da lareira. Ela estudou seu cabelo e o modo como os dedos se agitavam. Notou a maneira como o pomo de Adão em sua garganta subia e descia. Naqueles poucos segundos que olhou para ele, Eve jurou que podia ouvir a louca batida de seu coração contra as costelas.

— Me aceite... - Suas palavras vieram correndo contra ela, provocando o mesmo desejo sexual que tinha conhecido antes. Seus olhares se encontraram, e Eve soube que o que havia experimentado não era um sonho.

Capítulo Três

Como havia acontecido? Como ele permitiu sucumbir ao chamado da sereia? Ela era proibida para ele. A luxúria era proibida. O sexo era um caminho para a tortura. E mesmo assim, ele não tinha pensado sobre isso quando se permitiu adentrar a mente dela. Não tinha se preocupado com o castigo que seguramente receberia se sua transgressão com aquela mulher fosse descoberta. Ele pensou apenas no prazer e - não somente seu - mas dela também. Seu olhar deslizou-se para seu peito, que arremessado para seu tórax, ainda trabalhando em respirações apressadas. Ele podia ver a subida e decida de seus seios sob o suéter de lã espessa que ela vestia.

Ele ainda podia ver ela nua, os seios pesados e cheios, insultando-o com o fruto proibido em que ele tinha deslizado as mãos, sentindo o seu peso quando os levantou e acariciou. Seu próprio corpo ainda não estava sobre controle. O sentimento era estranho. Ele já havia experimentado a luxúria. Já tinha tido sexo antes.

Já tocara os seios de outras mulheres com suas mãos. Mas seu corpo nunca reagiu de tal maneira. Nunca tinha doído de prazer. Nunca se sentira vivo em cada parte de seu ser. Seu pau, sim, tinha estado vivo, tinha pulsado com vida, mas nunca todo o seu corpo. Tocar Eve lhe fez sentir totalmente vivo lhe fez ciente de todo o seu ser. E ela parecia com um animal encurralado assistindo a seu predador.

— Quem é você? - Ela perguntou e Anael não perdeu a forma como seu olhar deslocou-se rapidamente para o lado esquerdo do seu rosto.

Ele não poderia responder. Claro, era um mudo patético. Incapaz de comunicar-se no mais primitivo de modos. Ao contrário, ele permaneceu ficou agachado, olhando pra ela, desejando que seu corpo flexível fosse contra seu, desejando tomar seus seios na boca e a saborear. Desejando que ela não tivesse visto seu rosto e quebrado à beleza que tinha tecido construído tão bem entre eles.

— Seu nome? - Ela perguntou novamente, tentando fazê-lo falar. Ao invés, ele segurou o olhar dela, esperando sua respiração diminuir de velocidade, esperando que ela logo percebesse que ele não queria fazer nenhum mal. Mas ela resistiu a seus esforços, e começou a deixar a cadeira em sinal de pânico. Ele se levantaria e a seguraria se não pensasse que sua presença muito próxima iria aterrorizá-la. Mas seu rosto... seu rosto não era algo que normalmente induzia tranquilidade.

Ele a assistiu enquanto ela se afastava. A frustração tomou conta enquanto tentava em vão fazer com que sua boca funcionasse. Ele procurou por caneta e papel não encontrou nenhum dos dois perto. Ao invés, empregou seus poderes, para

mentalmente tentarem acalmá-la. Mas no fundo, sabia que aquilo era algo que não deveria tentar, pelo menos não enquanto estava tão fora de controle. Seria uma violação da privacidade dela, e um privilégio que não tinha direito. Ele sabia o que tinha que fazer, levantou-se e se adiantou para junto da parede, tomando cuidado para não assustá-la. Ela o olhou com os olhos desconfiados. Aqueles lindos olhos verdes nunca deixaram seu rosto, e envergonhado, ele virou a cabeça para que ela não pudesse ver as marcas que ele carregava. Silenciosamente ele encaminhou para ir embora. O cão o seguiu, silenciosamente respirando em suas botas. Abrindo a porta, se preparou para o sopro de ar gelado que o cumprimentou. O frio ondulou contra seu cabelo e neve voou diante seus olhos. Enterrando o queixo na gola do casaco, ele entrou no beco. O perfume dela permanecia no ar, e ele fechou os olhos, tomando uma profunda inspiração e puxando-a para ele uma última vez. Nunca iria esquecer o cheiro dela, ou a maneira como mudou quando o sangue se aqueceu sob as palmas de suas mãos.

— Espere. - Ele congelou diante o som de sua voz tão perto dele. Não se virou porque sabia que seus corpos se tocariam. Também sabia que ela iria vê-lo de perto, e o desprezaria sabendo dos pecados que tinham sido marcados em sua pele. Embora ela não fosse capaz de reconhecer a escrita dos anjos que marcava seu rosto, sentiria medo, e ele não era iria conseguir lidar com isso. Não queria ver o medo naquela mulher, ou sua repulsa.

— Está frio lá fora e você não tem nada para proteger as mãos. - Ele olhou pra baixo, pra seus punhos, as juntas já se avermelhado de frio. Mas ele sentia nada disso. Só um calor curioso que começava em seu tórax, um calor que não ousou deixar tomar conta dele.

— Deixe-me chamar um táxi pra você, é o mínimo que eu posso fazer. Você me trouxe pra dentro quando podia só ter me deixado lá fora. Você me manteve segura, quando podia ter me machucado. - Ele girou então e prendeu o olhar dela com seu. Eu nunca machucaria você. Nunca. Mas ela não podia ouvir seus pensamentos e sua voz inútil não estava trabalhando. Então, ao contrário, ele segurou suas bochechas mornas entre suas mãos frias, esperando que ela pudesse perceber que não iria lhe fazer mal algum. Que ele a protegeria de todos e de qualquer coisa, até mesmo de Deus se pudesse.

— Está congelando e a eletricidade não demora a acabar. Uma vez que você saia, vai ficar na escuridão, com tudo fechado. Onde você vai encontrar abrigo? Algo para comer? Você bem não posso deixar você sair desse jeito. - E como se os Céus a ouvissem, de repente todo o mundo ficou negro. Ao redor deles, flocos de neve brancos caíam. Até o luar era insuficiente para alcançá-los atrás da ruela. Totalmente negro, como se uma folha de seda fosse que tinha sido colocada sobre eles.

Anael sentiu seu corpo começar a relaxar-se para responder à mulher em pé diante dele. Na escuridão, talvez ela pudesse esquecer seu rosto. Na escuridão eles não precisam falar. Na capa negra da noite, ele pode ser tudo o que ela sempre quis e nunca esperou encontrar.

— Venha comigo. - Ela sussurrou, estendendo sua mão para a outra que ainda segurava seu rosto.

— No interior está quente, e eu já acendi as velas.

— Escuridão. - Ele disse, tentando fazer com que as palavras saíssem. - — Deixe-me admira-la no escuro, onde você não pode me ver, apenas me sentir - Mas ela o levou pela mão levou-o ao longo do corredor familiar de volta para a loja onde a luz suave das velas.

Tudo no quarto estava suavemente iluminado. Até seu rosto horrível. Escuridão. Ele se pegou orando por ela



Eve assistiu o homem alto se abaixar, joelhos colados ao tórax, braços longos embrulhados ao redor suas pernas espessas encaixadas em desbotados jeans azuis. Que jeito estranho de se sentar, como se ele fosse um pássaro pendurado em um tronco de árvore. Como um corvo negro, ela pensou, com sedosos e atraentes cabelos soprando através do vento. Até seu casaco de lã era preto, assim como eram as pesadas botas com as quais agora ele estava distraído. E as tatuagens, uma voz em algum lugar de sua mente sussurrou, aquelas tatuagens faciais monstruosas eram pretas, também. Ela olhou fixamente para ele pelo chamejar das velas que estavam dispersas sobre a loja. Fundido com o brilho de ouro causado pela dança da luz das velas, o lado do rosto que não foi marcado tinha uma beleza sobrenatural, que roubava o pensamento, e de fato a respiração. Bonitão dava para descrever o rosto do estranho a sua frente. E a maneira como ele olhou para ela, como se fosse despi-la com seus estranhos olhos, a fez estremecer. Ela nunca tinha visto olhos daquela cor, como a água de piscinas naturais que existiam em lugares exóticos e sensuais.

Até sua boca era perfeitamente esculpida, um convite para instigar e atrair, uma criação projetada para fornecer toda fonte de encanto carnal conhecido pelo homem. Mas era só mudar a direção dos olhos em uma polegada de distância da pura perfeição, para ver o cicatrizado negro que estava sob o cabelo que ele usou para proteger o rosto. Ele estava protegendo-o agora, ela percebeu, quando ele abaixou a cabeça e desviou o rosto de seu olhar. Já não podia ver os símbolos estranhos que

cobriam a metade de seu rosto. Era como se alguém tivesse desenhado uma linha imaginária diretamente na frente do rosto, propositadamente destruindo metade de sua beleza, deixando o outro lado intocado, um lado ele teria que enfrentar a cada vez que olhasse no espelho. Um lado que, silenciosamente, sussurrava: "Isso foi como você costumava ser". Eve sentiu um tremor de arrepio correr de seu corpo. Não tinha sido suas palavras que ouviu, mas de outro. O homem do seu sonho. O homem com a voz aveludada e escura que sugeria paixão, sexo e lugares misteriosos. Uma voz que chamava em sua mente e corpo. A voz que ela sabia que jamais esqueceria. A voz que ela temia pertencer ao homem de encontro à parede que a observava.



Ela olha pra você, como se você fosse um monstro. Como se ela pudesse ler nas marcas seus pecados. Veja como ela está diante de você, seus olhos persistem sobre o que você foi um dia. Veja como ela observa a beleza angelical que possuía. Agora veja o que seus pecados prazer provocaram em você. Veja seu medo, sua repulsa. Assista a maneira como ela se olha seu rosto marcado com apatia e aversão. Observe o que você deseja o que você anseia, mas nunca, nunca... Anael fechou os olhos e abaixou a cabeça, protegendo o castigo e maldição que ele carregava no rosto. Ele tentou bloquear seus pensamentos, os sons da voz em sua cabeça. Ele tentou não pensar na mulher olhando para ele. Ele tentou esquecer o cheiro de sua pele, a sensação de suas mãos seguindo as curvas voluptuosas e como ela se apertou contra ele. Em vez disso, ele tentou se lembrar do abismo. A escuridão, a umidade. As setenta gerações que ele tinha sofrido no escuro e frio. Por tantos anos ele suportou a pressão e degradação causada pelos incubos e súcubos naquele poço escuro de castigo. Os demônios o haviam violentado roubado sua capacidade de sentir desejo, de ver a beleza, a ansiar por um toque. Eles haviam lhe tirado seu corpo, sua mente e seus sentimentos.

Seu corpo não era mais seu. Ele já não sentia a gentileza de uma carícia. Só se lembrava da dor, da humilhação de ser forçado a participar de atos sexuais que detestava. Os atos que o repugnavam. Atos que estavam para sempre cauterizados sobre seu rosto, e assim não poderia nunca se esquecer deles, nunca se esquecer dos horrores e da corrupção em seu interior, e estar nas mãos do Abismo e seus demônios. E aqueles momentos, ele lembrou, tremendo apesar de saber o quão fraco se encontravam, todos tinham sido feitos da escuridão. Quando seus olhos haviam sido costurados com fios. Anael não tinha nenhuma idéia se o Abismo era tão escuro quanto parecia ser. Ele não sabia o que seus demônios macho e fêmea viam enquanto o torturavam. Ele não podia ver se eles apreciavam sua degradação. Ele só viu a

escuridão e as imagens que suas memórias tinham dado a ele. Mas, então, os haviam tomado dele também, deixando-o paralisado e sem efeito. Um vaso vazio para seu prazer, uma tela de carne para a criação dos pecados capitais. Pois era isso que estava escrito para a eternidade em seu rosto. Os sete pecados capitais. Gula, avareza e preguiça tinham sido escritas sobre a testa e bochecha. Ira, vaidade e inveja, tinham sido escritas sobre sua pálpebra esquerda. E, finalmente, Luxúria, escrita sobre o seu lábio inferior. A palavra cobria metade da boca, assegurando que ele nunca se esquecesse de seu pecado se fossem usar os lábios para qualquer propósito imoral.

Permitir que sua boca tocasse qualquer coisa, especialmente uma mulher mortal, seria um blasfemar. Todas as suas transgressões estavam lá, para o mundo e seus irmãos olharem. Com seu encantamento pelo amor carnal, e seu fracasso para cumprir com os encargos divinos. Sua queda da graça. Sua raiva, necessidade para vingança, orgulho, por tudo que irritou a Deus, ele havia sido castigado. Castigado no mais repreensível modo possível. A perda de sua beleza tinha sido o pagamento para seu orgulho. Seus olhos foram costurados com fios de cobre, em reembolso pela inveja. Tinha sido informado, que o arame em sua carne, fora castigo por ter tido um prazer pecaminoso em ver outros terem prazer. Um prazer que devia ter sido sagrado e bonito, mas que ele e seus poderes havia tornado em algo sórdido. E ele gostou daquilo. Tinha sido despertado por exhibições voluptuosas da carne. As orgias em que ele e seus irmãos estiveram com as primeiras mulheres humanas apenas haviam afiado seu apetite. Ele gostava de assistir, e então, Deus o castigou o fazendo cego.

Por centenas de anos, ele viveu na escuridão, e apenas em seu ressurgimento a partir do Abismo, lhe tinha sido devolvida a visão. Quando ele foi finalmente capaz de abrir os olhos, foram para olhar ao redor do Céu, para ver seus irmãos, os fiéis, todos de pé ao seu redor, suas asas e penas brancas, suas vestes puras. E então ele viu seu reflexo em um espelho. Nu e sujo, os olhos sangrando, asas negras, sua beleza angelical e agora desfigurado com marcas. Tinha caído de joelhos, implorou-lhe para cegá-lo, costurar os olhos fechados mais uma vez, para que assim ele não fosse obrigado a ver a si mesmo de tal forma. Mas Deus havia se recusado a conceder-lhe esse desejo. Em vez disso, Ele castigou-o ainda mais, exigindo que Anael usasse seus poderes para dar prazer e paixão ajudando os mortais. Cento e cinquenta almas. Anael deveria encontrar prazer para cento e cinquenta almas. E então, só então, ele poderia viver sua vida na solidão, onde ninguém veria sua imagem, ou a vergonha que sempre carregaria consigo. Os pecados da mesquinhez. Pecados que só mortais deveriam sucumbir, não anjos. Os anjos não deveriam pecar. Os anjos deveriam ser puros, radiantes de luz e bondade. Mas ele era escuro. Não do mal. Não havia nada além de pecado brilhado dele.

— Você está tremendo. - Ela disse suavemente, sua preocupação pairando acima dele. Sentiu necessidade de aproximar-se ainda mais. Sentiu o cheiro de seu cabelo, a pele de seus dedos quando ela o alcançou.

— Você devia vir e se sentar perto do fogo, onde está morno. - Ele tentou fugir dela, como um jovem tolo com medo de uma mulher. E ele não era tolo. Muito menos jovem. Sabia o que estava acontecendo com ele. Luxúria. Ganância. Gula. Queria tudo com essa mulher. Algo que não queria desde a sua primeira noite com o demônio Sucumbe ao seu senhor. Sexualmente, ele estava morto há milhares de anos. Até hoje à noite. Até que ela tinha ficado em cima dele naquele beco e despertado o desejo latente que de alguma forma tinha sobrevivido a toda a punição. Tinha quase se convencido que seu corpo se moveria para longe dela quando sentiu o toque de sua mão em seus cabelos úmidos.

— Você está frio, e seu cabelo está molhado. O aquecedor não funciona ainda mais agora que a eletricidade foi cortada. A única fonte de calor é o fogo da lareira. - Ela acariciou seus cabelos, despertando o desejo dentro do corpo dele, nunca tinha experimentado isso antes. Já tinha experimentado sexo. Tinha fodido e sido fodido milhares de vezes. Havia experimentado a luxúria e a corrida da excitação. Mas nunca tinha sido assim. Nunca sentiu o desejo em cada parte do seu corpo. Nunca pareceu bonito.

— Deixe-me tirar o casaco. - Ela disse como se fosse uma mãe falando com o filho que acabara de acordar de um pesadelo. — Está molhado. Vamos deixá-lo secar perto do fogo.

Ele estava hipnotizado por aquela voz. O modo como chamou por ele e o modo como sentiu seu próprio corpo aquecer e entorpecer. E apesar de seus olhos fechados e da escuridão por ele mesmo imposta, foi capaz de vê-la, seu cabelo loiro que caía acima dos ombros, seus olhos gentis e preocupados olhando pra cima do corpo dele. E viu a si mesmo, abaixado em uma bola e assustado como um imbecil pedaço de carne de segunda. Certamente, nada do grande anjo - o Guarda - que havia sido uma vez. Ele ignorou o suspiro que passou por seus lábios. Sabia o que tinha causado tal reação dela.

— Você não está usando camisa. - Disse erguendo a voz no que parecia raiva. — Não me admira que trema tanto. Você está seminu!

Era ele? Ainda não tinha tido conhecimento nenhum do frio. Não se preocupou com suas roupas, quando estava caindo do céu. Mas agora, tinha plena consciência de seu torso nu. Parecia que sua pele havia sido picada quando pontas de dedos viajaram por cima do ombro para baixo do braço. Como carne mortal, quase congelada, em seguida mergulhada em água quente. Sua pele picou aquecida, e então começou a queimar por baixo do toque dela.

— Venha, vou por você perto do fogo. - Ela parou a mão debaixo do braço. Ele tinha mudado para ajudá-la a suportar seu peso, e ele sabia que o movimento tinha

mostrado a ela o que procurou esconder. Os dedos localizados em seu tórax paralisaram e foram retirados. Mas seu olhar os substituiu. Ele se levantou, dando-lhe as costas. Não desejava que ela o visse, visse a realidade sobre ele. As marcas no peito, que determinavam o que ele era. Fornicador e pecador. Era isso que ele era, um anjo caído que estava cheio de corrupção e do nada. Um anjo caído, que nunca deveria olhar para outra mulher de novo, a menos que quisesse passar a eternidade no abismo, reunido com os íncubos e súcubos. E agora, não existiria nenhuma escuridão para salva-lo. Seria forçado a assistir – reconhecer – todos os pecados. Fornicador. Pecador. Era isso que ele era. Não era um homem. Não era um anjo. Não era nada.

Capítulo Quatro

Maria, Mãe de Deus! Eve cobriu a boca com seu punho. Que tipo de tormento esse homem tinha sofrido? Até suas costas estavam marcadas por cicatrizes. Ela olhou para os dois pontos levantados entre suas omoplatas e se perguntou que qualidade de coisa horrível tinha sido feita a ele. Era como se algo tinha sido implantado debaixo de sua pele. E seu tórax... Bom Deus, o tórax era marcado com as mesmas tatuagens estranhas que cobriam parte do rosto. Além das marcas de arranhões... seu tórax estava coberto com elas. Cicatrizes dentadas, brancas e longas que não poderiam ter sido feitas por outra coisa que não uma mão humana. Que dor, que agonia absoluta ele devia ter suportado. Nada estranho que tivesse horror a ela. Nenhuma surpresa que não pudesse agüentar tocá-la. Depois de ver seu corpo, ela sabia como ele deveria se sentir. Como era estar presa, a luz de velas, aqui com ela. Refém em sua livraria, capturado por uma tempestade de gelo causada pelo inverno.

— Você está com fome? - Ela perguntou, chegando mais perto dele. Parou e estendeu a mão para tocar um dos pontos elevados em suas costas.

— Talvez queira uma bebida quente? - Ele não respondeu. Talvez realmente não pudesse falar. Talvez o que o torturou, fez algo para sua boca. Talvez, a tortura tinha sido tão severa que psicologicamente ele estivesse totalmente quebrado.

Fosse o que fosse um fato era gritante. Ela não poderia deixar esse cara sair para o tempo sem uma camisa, um casaco seco e algo em seu estômago. Gemma ria dela se estivesse aqui, sabia até o que ela diria. Gemma pensava nela como algum tipo de mãe terra, uma hippie com olhar e mentalidade da Nova Era, uma Deusa terra. Mas o que ela queria fornecer pra aquela alma perdida nada tinha a ver com ser um ambientalista, e sim a condição de decência humana básica.

— Olhe. Por que você não se senta perto do fogo, e eu trago algo para comer? - Ele não disse nada, ou movimentou a cabeça. Nem sequer fez menção de ir para a porta ou agarrar seu casaco. No entanto, girou a cabeça a fim de olhar sobre o ombro e vê-la colocar seu casaco no chão diante o fogo para secá-lo.

— Obrigado. - Ela ouviu a palavra, sussurrada muito suave e diretamente em sua mente. Mas era muito alta para achar que apenas tinha imaginado. Realmente ouviu

aquilo. Ela olhou para o estranho, e viu que seu olhar era abatido. Ele não estava olhando para ela, mas para o casaco, que cuidadosamente colocou no chão.

— Meus irmãos... eles a protegerão ao longo de seus dias. Sua generosidade... seu cuidado comigo garantiu a você um lugar no Céu. - Eve saltou. O homem não moveu, não tinha sequer piscado, mas de alguma maneira ela soube, soube inequivocamente que ele falara. Que era a sua voz que ela havia ouvido em seus pensamentos. E era a mesma voz que escutou em seu sonho. Ela olhou para o grupo de músculos em seu tórax e braços, para o conjunto de seis que estavam em seu abdome, até a cintura desfiada de sua calça jeans. Ele tinha a bunda dura e musculosas coxas, de repente, ela estava se lembrando de mais que só de sua voz, mas também do modo como àquelas mãos tocaram seu corpo no estranho sonho que teve. Seu olhar se desviou para as mãos que estavam caídas dos lados. Eram mãos fortes, bonitas, e a tinham tocado com reverência, como se ela fosse uma relíquia de valor inestimável. Seu rosto podia ser assustador, até mesmo mercenário, mas seu toque não. Oh, santa... era a única maneira como ela poderia descrever o que sentiu quando suas mãos tinham viajado ao longo de seu corpo.

— Eu, eu já vou. - Ela gaguejou. Seu rosto agora quente de embaraço.

— Só irei até a parte de trás, ver o que posso conseguir algo para você. A água na chaleira ainda deve estar quente. Você bebe chá? – Olhou-a sem pestanejar, seu olhar viajando quando ela cautelosamente chegou mais perto dele.

— Eu *comerei e beberei qualquer alimento que você dê a mim*. – E então ela quase correu pra fora da sala, não era normal ouvir as palavras de outra pessoa na sua cabeça. E mãe de Deus, isso não acontecia todo dia, mas estava vendo reflexos sobre a parede. Reflexos de asas. Ela piscou e agitou a cabeça, tentando enfocar sua vista. Quando abriu novamente os olhos, a sombra tinha ido, mas de alguma forma soube que não havia imaginado aquelas majestosas asas. Pensando sobre os pontos altos em suas omoplatas, se perguntou se era isso que eles significavam. Se perguntarem também se deveria visitar o Instituto Mike⁸ e seu centro de crises, porque estava certa de estar caminhando para um surto psicótico.

Ela realmente acreditava estar recebendo um anjo em sua livraria? Realmente tinha visto a imagem de asas ou ultimamente vinha lendo romances paranormais demais? Trabalhou depressa ao redor de sua pequena cozinha atrás do edifício, Eve fez uma pausa com a faca de pão na mão e olhou para o pão de passas que estava prestes a cortar. Que porra ela estava fazendo?

Ela estava sozinha em sua livraria, no meio de uma tempestade de gelo com um estranho, um estranho que tinha metade de seu rosto tatuada e parecia

⁸ Referência a St. Michael's. Fundado em Toronto em 1892, o hospital-escola é referência em estudos do câncer, doenças cardíacas e neurológicas.

que poderia tomar seu corpo e arrancar seus membros com esforço nenhum. Mas ele certamente não parecia pensar nisso. E ainda existia aquela química que pareceu se acender entre eles. Definitivamente, havia calor sexual lá. Entretanto, talvez fosse tudo unilateral. E talvez, só talvez, ela finalmente tivesse sofrido um colapso. Porque as pessoas normais não pensam que viram anjos, e se eles fazem isso, certamente não pensam sobre lançar o anjo no chão na frente da lareira e rasgar fora sua calça jeans.

Com um gemido, Eve voltou para o pão, cortando uma fatia espessa, tentando não pensar sobre o homem ou em sua calcinha molhada. Fazia muito tempo, ela se repreendeu quando terminou de fatiar, muito tempo sem sexo, e mesmo que seu vibrador fosse bom, não era tão bom quanto um pau morno. Colocando a faca sobre o aparador, ela agarrou a chaleira elétrica e despejou água em duas canecas. O vapor se enrolou em cinzentas voltas. Agradecendo a Deus por ter lidado a chaleira antes do telefonema de Gemma, a mesma ainda estava quente, e senhor sabia que ela precisava de um bom chá para manter seu juízo perfeito.

Eve retirou as poucas fatias de queijo restantes em seu pequeno refrigerador, que era usado pra guardar o almoço e empilhou tudo em uma bandeja de madeira pesada. Colocou também um jarro de leite e açúcar na bandeja, não sabendo como ele tomava seu chá. Inferno, ela nem sabia se anjos bebiam chá. Ela parou com a bandeja em suas mãos e fechou os olhos quando uma súbita vertigem passou girando em sua cabeça. Talvez ele estivesse aqui hoje à noite porque ela iria morrer. Talvez ele fosse um daqueles anjos mensageiros que vinham avisar as pessoas antes do grande evento. Talvez por isso ele não pudesse falar, porque não queria dizer que ela iria morder hoje à noite.

Os pratos se encontraram sobre a bandeja quando suas mãos agitaram. Por que ela estava com tanto medo de morrer? A morte não era estranha para ela. Mas não queria morrer. Não ainda.

Jesus, precisava se controlar. Estava indo a loucura aqui com aqueles pensamentos ridículos. Esse cara, apesar das tatuagens misteriosas, não era um anjo. Todo aquele medo irracional, fez com que ela visse imagens onde ao existiam. E também não estava morrendo. Não hoje à noite e não amanhã. Afinal, era saudável como um touro. Não tinha tido nem mesmo um resfriado até agora, com o inverno. Não, a morte estava fora de cogitação. Como também, a idéia de aquele homem ser um anjo. Ele era apenas uma alma perdida - ela disse a si mesma - que fez seu caminho para a livraria. Um pobre cara com uma sorte ruim.

Quando voltou para a sala, o viu acomodado no chão olhando pra ela. Tentou não tropeçar ou parecer assustada, mas merda... aqueles olhos, o que eles faziam para sua barriga, e o modo como ele a olhou para fez com que pensasse em todos os tipos de coisas impróprias. Cristo, ela estava vacilando. Primeiro ele estava aqui para predizer sua morte, e agora ela queria montá-lo e transar até perder a razão. Ela era doida. Ele tomou a bandeja de suas mãos e a deixou no chão. E então segurou sua mão e suavemente a arrastou, ajudando-a se sentar. No segundo em que foi tocada, algo elétrico apressou-se por seu braço. Seus olhares se encontraram e com a graça de um boi, Eve afundou no chão com a sensação de algo correndo por seu corpo. Ela

tentou parecer desinteressada, como se seu toque não tivesse nenhum significado, mas estava certa que ele tinha percebido. Como não teria? Ele lhe tirou o pote da mão e mudou de lado. Colocou uma colher de açúcar em uma caneca, um montão de leite e mexeu a mistura. Em seguida, deu-lhe a caneca. As voltas da fumaça voaram pra cima. O cheiro citrico e de bergamota era reconfortante, e ela se acomodou e levantou a caneca aos os lábios. Como ele sabia o jeito que ela tomava seu chá? Passou-lhe um prato com pão, e ela balançou a cabeça.

— Não, você vá em frente. Eu não estou com fome. - Palavras tranquilas e distantes sussurraram através de seus pensamentos. — *Eu sei que está com fome. Posso sentir isso.* - Foi realmente uma voz ou que ela estava realmente só deslizar fundo na sua psicose? Infelizmente, seu estômago escolheu esse exato momento para concordar com ele. Com uma careta, ela balançou a cabeça e tomou um gole de seu chá, se perguntando se ele sabia da outra fome crescendo dentro dela, única por ele. Franzindo a testa, Eve viu suas pupilas magicamente mudarem de círculos perfeitos e se estreitarem em fendas. Seus lábios passaram de dóceis e exuberantes, para uma linha fina, dura e cruel, especialmente com a tatuagem com tinha sobre a boca. Ele passou manteiga em uma fatia de pão e agarrou um pedaço de queijo. Com um olhar duro, os deu para ela. E ela agitou sua cabeça novamente.

— Não é como se eu fosse desmaiar sobre você, se perder o jantar. - Ela disse com numa risada. - — Algumas pessoas podem pensar que eu devia evitar algumas refeições.

Imediatamente, seu olhar moveu-se do rosto dela para seu corpo, demorando nos seios, sua barriga e coxas. Eve lutou com o desejo de trazer os joelhos até seu tórax e enrolar seu corpo em uma bola, longe daqueles olhos misteriosos. Lentamente seu olhar subiu e voltou a descansar em seu rosto. Enquanto a olhava, seus olhos tornaram-se mais turquesas, e as pupilas elípticas se moveram e alargaram. Ela sentiu uma inconfundível sensação de puxão em seu corpo, como se a estivesse observando intimamente, para além de seus olhos. Ele não disse nada, entretanto, só continuado olhando para ela como a mão estendida. Não havia dúvidas que aquele era um cabo de guerra. Eve podia dizer pela forma de sua boca, ele não iria ceder, e desde que ela não conhecia o cara mesmo, decidiu que estava em mais vantagem não se opondo a ele. Tomou o pão e empurrou o resto.

— Agora é sua vez.

Ele esperou até que ela começasse a comer para agarrar o pão, manteiga e uma fatia. Trouxe para a boca um pedaço, mastigando pensativamente à medida que a assistia.

A conversa parecia que não iria acontecer. Embora ela tivesse um milhão de perguntas para fazer, mas soube que não ouviria qualquer resposta. Ela poderia

oferecer a ele uma caneta e um papel, mas o quão humilhante seria para ele se fosse analfabeto? Então ao invés, eles se sentaram no chão, de pernas cruzadas, olhando fixamente um para o outro enquanto o fogo crepitava na lareira e o vento uivava lá fora.

Ela provavelmente devia estar apavorada em ficar sozinha com ele. Ela devia provavelmente estar se perguntando como se livrar dele. Mas não estava. Ela tinha medo, sim intrigada. Eve olhou além de seus ombros largos para a parede atrás dele que era tomada pela luz do fogo. Não existia nenhuma sombra de asas ou qualquer outra coisa celestial, meramente os ombros largos e fortes do estranho, que estavam nus, a pele lisa brilhando com o chamejar. Ela bebeu o último gole de seu chá, tentando não pensar sobre aqueles ombros, ou o tórax incrível e abdome esportivo. Com o silêncio estirado entre eles, Eve lutava para olhar em todos os lugares menos para o homem seminu sentando a sua frente. Era tão enervante, tudo liso, tenso e silencioso. Não sabia o que fazer, ou dizer. Qualquer coisa que dissesse também não seria respondida, tinha certeza. Quando esquadrinhou toda superfície da livraria para a quinta vez, seu olhar caiu rapidamente acima do livro que estava caído no chão, ao lado de sua cadeira. Era o que ela estava lendo quando Gemma ligou. Agarrando, ela o arrastou através do chão de taco, abriu na página marcada e segurou a capa voltada para ele.

— Você já leu *Jane Eyre* de Brönte⁹? - Ele agitou sua cabeça e agarrou o último pedaço de pão.

— Não? É um clássico da literatura, e provavelmente um dos meus favoritos. Eu estava lendo quando... quando... (Eve lambeu seus lábios) bem, antes de achar você no beco. Ele moveu sua mão para ela. — Quer que eu leia para você? — Acenando com a cabeça, ele se sentou de volta e descansou seu peso em uma das mãos. Esticando as pernas, cruzou os tornozelos. Os cumes de seu abdome saltado e então tencionando, Eve imediatamente desviou o olhar para longe. Ela estava em perigo aqui. Não só de verificar a parte superior dele, mas a metade de baixo também. E parecia que o volume debaixo do botão de sua calça jeans estava inchando.

— Você deve estar com frio. - Ela disse, e então lhe lançou o xale que estava encima do braço da poltrona wingback. Agradecendo quando ele se cobriu. Parando pra limpar sua garganta, ela abriu o livro.

— Eu realmente acabei de começar, então vou do princípio. - Ele não fez nada, mas Eve sentiu o calor de seu olhar ainda queimando em seu rosto. Com uma respiração funda, segurou o livro mais perto, disposto a obter mais luz do fogo e começou a ler para ele. Ela leu pelo menos por uma hora. Ele estava tão quieto quanto uma estátua, e tão mudo quanto morte. Mais de uma vez ela olhou por cima do livro, esperando o

⁹ Romance de referências góticas, escrito por Charlotte Brontë em 1847. Resumo em: <http://migre.me/55Ie7>

achar adormecido, ou pelo menos distraído com o ambiente ou parecendo chateado até as lágrimas. Mas toda vez que o espiou, sua atenção estava fixa nela. Se ela fosse uma mulher vaidosa, poderia até ter pensado que a palavra apropriada era imóvel. O que tinha chamado sua atenção?

A voz dela era a coisa mais doce que ele já ouvira, e o modo como seus lábios se moviam enquanto ela lia o prendeu até que ele não pode fazer nada além de assisti-los. Não podia pensar em nada além de tocá-los. Assistiu ao modo como seu tórax subia e descia com cada uma das respirações, estudou seus dedos movendo-se ao longo da lombada do livro, ou como suas bochechas coravam em certas passagens. Sentando, ele se inclinou muito ligeiramente mais perto dela, até que pode sentir o calor de seu corpo e o cheiro de sua pele. Estava linda enquanto lia para ele. A refeição que ela preparou tinha sido o primeiro presente que um mortal já lhe ofereceu. Ele não precisava comer ou beber, mas ela não sabia isso. Então tendo ela oferecido a ele a comida, era um presente estimado. Todo mortal que já o contatara quis apenas seu poder, mas não ela. Esta criatura linda não tinha idéia de quem ou o quê ele era. Havia sido generosa porque era bonita, por dentro de e por fora.

— Você me observa senhorita Eyre. - Ela leu, soltando as palavras para baixo e fazendo com que ecoassem em seus ouvidos. As palavras o puxaram fora seu pensamento e enfocaram sua atenção uma vez mais naquela boca luxuriante.

— Você me acha bonito? - Seus olhares colidiram sobre o livro. Também adoraria perguntar aquilo a ela. O que ela viu quando olhou para ele? Seus pecados, ou sua beleza? O que viu quando olhou para seu corpo? E olhou, ele sentiu seu olhar rapidamente junto a sua pele mais de uma vez. Teria visto as cicatrizes e tatuagens, ou o corpo do homem que poderia dar prazer a ela, que poderia levá-la às alturas do êxtase que ela nunca conheceu. O corpo do homem que podia a mantê-la morna e segura. Um corpo que ansiava pelo seu. Um corpo que ansiava estar dentro dela.

— Você me acha bonito? - Ele perguntou nada além de um sussurro em sua mente. Claro, não existia nenhuma resposta, só o foco constante dos adoráveis olhos verdes em seu rosto.

Ela desviou o olhar para longe, e então girou a página, incapaz de esconder o bocejo atrás de sua mão pequena. Estava tarde. Ela leu para ele por horas, e ele permitiu porque foi encantado por ela, enfeitiçado por sua beleza e o som de sua voz. O aqueceu o que o fogo não fez. Encheu seu corpo, onde a comida deixava vazia. Ela bocejou mais uma vez, e ele viu suas pálpebras mais baixas por breves segundos antes de levantar novamente. A Exaustão já tinha tomado à cor de suas bochechas, ele avançou para frente, rastejando até ela devagar, com cuidado. Não queria assustá-la, não podia suportar o pensamento de ser temido por ela.

— Você está tão cansada. - Ele disse, apesar de saber que ela não era capaz de ouvi-

lo. E tem sido tão gentil comigo essa noite. Deixe-me retribuir o favor. - Ela permitiu-lhe tomar o livro de suas mãos e colocá-lo ao lado no chão. Quando ela olhou para ele, não pôde resistir ao desejo de tocar sua bochecha. Era macia e amanteigada, quente em sua mão calejada. Ele ouviu o ritmo crescente de seu coração, sentiu o cheiro do sangue em seu corpo se aquecer. Medo, talvez. Ou talvez algo mais. Quem sabe tivesse sido o primeiro movimento do desejo. Ele permitiu que seu polegar desenhasse um padrão preguiçoso ao longo da bochecha dela, depois pelo nariz onde traçou uma linha para abaixo da pequena ponte, antes de levar os dedos até seus olhos, onde desenhou a arqueada sobrelanceira loira. Com os olhos fechados, em seguida, tocou uma parte dos lábios e sentiu a respiração contra a palma de sua mão. Lentamente, com a cabeça inclinada para trás, pegou sua nuca com a mão livre pressionando-a mais perto até que ele foi sentiu seus quadris contra a parte interna de suas coxas, e o próprio peito encurvando contra aquele corpo quente e macio.

Continuou a exploração de seu rosto, assistindo quando ela se afundou ainda mais no sono. Seus dedos deslizaram junto aos lábios, de um lado para outro, ele seguiu a costura de sua boca, sentindo a suavidade de pétala contra sua carne dura. Assistiu o chamejar da lareira em suas pupilas, com uma leve cor acobreada. Ficou impressionado com a sua boca, a exuberância, a maciez, os segredos escondidos dentro dela. Estava prestes a beijá-la, quando se conteve. Sua boca estava coberta de pecado. Ele estava sujo, muito sujo e corrupto para beijar aqueles lábios perfeitos. Mas não podia fugir, não podia deixá-la e voltar ao seu lugar contra a parede. Ela parecia muito bem em suas mãos. Assim, em vez disso, colocou o lado direito do rosto, a metade bonita contra sua bochecha, e afagou a pele dela contra a dele. Fechando os olhos, permitiu que a suavidade o envolvesse, permitiu que sua mente o imaginasse beijando-a. O quanto ela o queria se ainda se parecesse com o que era. O quanto ela desejaria compartilhar seu corpo com ele. Mas como estava agora, quando o pecado o devastou, ele não podia fazer nada, apenas permitir que ela dormisse e ter um pouco do prazer que era pressionar-se contra ela, e estender seus dedos através de seu longo cabelo. Com ela dormindo contra ele, firmou-a totalmente e se deitou de costas, até que a estivesse abrigada em seus braços, os seios pressionando a parede de seu peito. Sua mão pairou sobre ela, sem saber deveria tocá-la.

Ela era muito boa, boa demais para contamina-la do pecado de suas mãos, as mãos que tinham cometido todos os pecados possíveis. As mãos que tinham tocado legiões de mulheres. *Mas você nunca segurou uma mulher em seus braços. Nunca ofereceu abrigo contra o frio, ou a segurança dos seus braços.* Não, ele não fez. Isso era verdade. Ele nunca ofereceu a uma mulher qualquer coisa mais que seu pau e suas habilidades. Mas para essa mulher, ele queria oferecer mais que apenas sexo. Ele queria manter seu morno e seguro. Ele queria alimentá-la. Tocá-la. Falar com ela. Com um comando mudo, suas asas se desfraldaram e surgiram ao redor, de forma que a mulher foi embrulhada, envoltas por suas asas volumosas. Nada do mundo exterior poderia chegar a ela agora. Não existia nada além dos dois. O fogo estava

morrendo a luz que ele lançava desvanecimento devagar, levando o quarto à escuridão. Logo estaria frio, mas a mulher não sentiria incomodada pelas rajadas de ar. Seu corpo a manteria morna, e suas asas a manteriam segura dentro de um casulo, como nenhum macho humano era capaz de fazer. Com a cabeça abaixada, até que seu queixo descansou sobre a cabeça dela, ele calou seus pensamentos, até que tudo que podia ouvir era o ritmo de seu coração. Tudo que podia sentir era a subida e descida de seus seios. Além da janela, em algum lugar da cidade, fogos de artifício saíram, sinalizando o fim de um ano e o nascimento de um novo. Logo o amanhecer viria, e então a hora de deixá-la. Mas ele não quis pensar sobre isso, sobre o momento em que teria que se arrastar para longe dela e partir. Sabia que não poderia partir sem olhar de volta por cima de seu ombro e lamentar a perda. Sabia que nunca a esqueceria. Levaria ela dentro de si pela eternidade, como se ela fosse dele. E eternidade era um inferno longo para ansiar algo que você nunca teria.

Ela se aconchegou mais apertado em cima dele e suspirou profundamente, como um gato bem alimentado. Ele sorriu e olhou pra baixo, para seu rosto adormecido, gostando a forma como ela parecia enquanto sonhava. Sua mão percorreu rapidamente percorreu o caminho abaixo, junto a seu quadril para a coxa bem formada, e então mais abaixo, através do zíper de sua calça jeans onde pousou a mão. Ele lutou com a tentação para esfregar os dedos pra cima e pra baixo, por cima da abertura entre suas coxas. Ela estava quente lá, o tecido da calça não significava nenhuma barreira para suas hábeis mãos. Mas seria uma violação, e ele não podia fazer isso. Então ao invés, moveu sua mão acima, sobre o botão de metal de sua calça jeans e embaixo da bainha do casaco, onde sua palma descansou sobre o ventre suave. Ele não dormiria esta noite. Ficaria acordado e a assistiria. Olharia pra ela e sonharia com todas as coisas nunca poderia ter.

Capítulo Cinco

Eve nunca dormiu tão profundamente, nem então pacificamente. Bocejando, ela enterrou seu queixo mais fundo no cobertor de lã, aconchegando-se e recusando a acordar. Queria voltar para aquele sonho, aquele sonho incomum com o bonito estranho e suas mãos mágicas. Mas o clicar de unhas ásperas contra os chãos de taco foram seguidos pela umidade fresca de língua do Lizzy em sua bochecha.

— Agora não, Liz. - Eve murmurou. — Eu preciso voltar a dormir pra descobrir o que acontece. - O spaniel lamentou alegremente e cutucou ombro de Eve com o focinho.

— Use a portinha de cachorro, então. - Eve deu o comando e puxou o cobertor mais alto acima dos ombros. O maldito cachorro segurou um canto do cobertor entre seus dentes e o puxou, o levando pra longe e fora de alcance antes que ela pegasse de volta.

— O que há de errado com você? - Eve se sentou bruscamente e olhou em volta com olhos confusos. Ela estava em sua livraria, deitada no chão. Seu corpo devia estar duro e dolorido, mas não estava. Pelo contrario, era como se ela tivesse dormido aconchegada e confortavelmente em um colchão e travesseiro de penas. E afinal, por que tinha passado a noite dentro de Quills? Oh claro, a tempestade de gelo. Obviamente a eletricidade tinha sido restabelecida porque estava quente embora o forno estivesse apagado e a luminária estava ligada na mesa em frente da janela. *E o cara?* Ela se levantou olhou em volta pela loja.

— Eh, você está aqui? – Não houve nenhuma resposta. É claro. Ele não falava. Mas também não houve nenhum som, nada. Ela percebeu a pena negra descansando no braço da poltrona, levantou e segurou, parecendo à mesma faísca elétrica percorrer sua palma. *Onde você está?* Ela perguntou. *Quem é você?* Lizzy estava de pé atrás dela, cutucando mão de Eve com o nariz. Um murmúrio suave escapou de seus lábios, seguida por uma boa surrada de sua calda contra as pernas de Eve.

— O que você quer me contar? - Ela perguntou para o cachorro. Lizzy pendeu sua cabeça para um lado e olhou pra ela, então correu até a poltrona. Enfiado entre o braço e a almofada, havia um pedaço de papel. Devia ter estado debaixo da pena, e

ela inadvertidamente o empurrou para o canto com o braço. Levantando, Eve segurou papel dobrado contra a luz. Era um origami, dobrado para se assemelhar a asas.

— Olá? - Ela chamou, sabendo que ele era o único que poderia ter feito aquilo. — Você está aqui? - Em algum momento durante a noite, ele devia tê-la coberto e deixado, mas não antes de fazer isso. Eve se perguntou se existiria alguma coisa escrita dentro, e embora abominasse a idéia de desdobrar o trabalho, sabendo que nunca poderia dobrá-lo de volta do modo adequado. Mas e se ele tivesse realmente deixado uma mensagem? Eve desdobrava para encontrar a caligrafia mais bonita que ela já vira na vida. Era manuscrita e fluída, trabalhada em ricos detalhes. Abaixo, havia um símbolo estranho. Ela o leu do início ao fim, as palavras não se registraram totalmente em seu cérebro, de tão focada estava no estilo da escrita e no símbolo estranho que se localizava no canto inferior direito. Foi somente quando o leu mais uma vez é que as palavras ficaram claras, assim como os eventos da noite anterior. O papel deslizou por suas mãos e foi ao chão, de onde a escrita bonita olhou para ela.

“Não vos esqueçais da hospitalidade, porque por ela alguns, não o sabendo, hospedaram anjos.”

Hebreus. Capítulo 13. Versículo 2.

Ela realmente tinha recebido um anjo? Ou ele era alguma outra coisa qualquer? Seres angelicais realmente tinham aquelas marcas estranhas e assustadoras por todo o corpo? Eles realmente aterrissavam nos becos atrás do trabalho das pessoas por nenhuma razão aparente? Eve olhou para o papel mais uma vez, sua atenção vagando para a marca desconhecida. O que seria aquilo, aquele símbolo estranho? O que representava? Só existia uma maneira de descobrir. Adiantou-se para a estante de livros que guardava todos os textos religiosos. Ela mal podia acreditar no que estava prestes a fazer. Achou o que procurava e puxou o tomo de couro verde de seu lugar no alto da prateleira. *“A História Natural do Céu e dos Anjos”*. Eve não sabia o que iria encontrar dentro daquelas páginas, não sabia sequer se o símbolo significava alguma coisa. Mas se estava certa de algo, era do fato de ter se encontrado com um anjo na noite anterior. E ela não tinha oferecido a ele apenas comida e leitura, mas também a possibilidade de compartilhar seu corpo. O que, percebeu, provavelmente havia lhe garantido um bilhete só de ida para o inferno.



As caixas de pizza vazias e latas de cerveja estavam espalhadas pelas mesas e chão. Caminhando entre os corpos de bruços, Anael cheirou no ar, fazendo uma careta quando o cheio de corpos sujos e restos de comida o saudaram. Na TV, uma cena de ação pornô estava chamejando através do plasma da tela. Anael virou e assistiu, estudando o modo como os corpos se moviam, o modo como os machos dominaram a fêmea e como ela gritou em prazer fingido. Seu peito cresceu frio. Ele havia oferecido o dom da paixão aos mortais e ele o transformara em algo horrível. Não existia nenhum prazer verdadeiro na tela, apenas sexo parte de corpos batendo uns nos outros. Álcool e pornografia. Bela porra de maneira pra se iniciar o ano novo. Bufando com desgosto, ele girou a atenção da tela grande e inspecionou os ocupantes do quarto. Agora, qual daqueles perdedores era a pessoa que o tinha convocado?

Ele andou em círculo, estudando cada macho humano como eles estavam deitados, de ressaca, pela farra da véspera de ano novo com bebida, pornografia e só Deus sabe mais o quê. O quarto inteiro cheirava a sexo e devassidão. Caminhada para o canto, Anael chutou de lado outra caixa com a metade de uma pizza comida, então se curvado sobre os joelhos, olhou fixamente para o corpo diante dele. O mortal estava com o rosto caído em uma poça de baba. Sua boca estava aberta e suas calças molhadas já que ele urinou nelas. Um anel de casamento de ouro brilhava no dedo anular da mão estendida. Surpreendente. Aquele perdedor realmente foi sortudo em encontrar alguém que concordou em se amarrar a sua alma patética. Balançando a cabeça, Anael enfiou as mãos nos bolsos do casaco e caminhou olhando ao redor, estudando cada rosto até que foi para o fim de um sofá, onde um homem segurava o oráculo do anjo com a mão frouxa. Então era esse. Anael afastou os membros dos outros para observar a pessoa que estava adormecida no sofá, o rosto pressionado contra o braço de couro. O mortal estava vestindo um par de calças jeans e mais nada. Era alto, com pernas longas, seu tórax e ombros bastante musculosos, tinha um tipo físico que chamaria a atenção de uma mulher. Pelo menos tudo não estava perdido. Faria o trabalho de Anael mais fácil, uma vez que ele teria pelo menos alguma coisa para oferecer a dama.

— Acorde. - Ele ordenou, cutucando o pé do humano com a ponta da sua bota. Quando o homem não mexeu, Anael limpou a e tentou novamente. Porcaria de voz rouca. Fazia muito tempo desde que ele a havia sido utilizada, desde que um desses patéticos mortais o tinha chamado. Essa era a única hora que podia usá-la e tinha que desperdiçar com o homem que o invocou, esses patéticos mortais que só o chamavam quando queriam transar. Ele ouviu os gemidos das pessoas fodendo na televisão, e desejou desligar aquilo. Desejou que não tivesse que estar aqui, desejou não ter voz pra falar com os que chamavam por ele. Que desperdício esse perdedor seria. Anael odiou o pensamento de gastar sua preciosa voz com esse sujeito. Ele teria a usado muito melhor para conversar com Eve. Cristo, ele teria dado a qualquer coisa para ter falado com ela ontem à noite, em vez de só se sentar lá olhando fixamente e se perguntando o que ela pensava dele. Provavelmente, ela havia lamentado por ele ser um mudo patético, pra não mencionar a sua estranha cara de imbecil.

Sim, nenhuma voz apareceu quando precisou dela. A fodida coisa só trabalhava quando ele era obrigado a se comunicar com as almas que ele tinha que ajudar. Fodida maldição! Impaciente e irritado, ele tomou um punhado do cabelo marrom do macho em seu punho e ergueu sua cabeça pra cima do braço do sofá.

— Acorde. Agora! - As pesadas pálpebras do homem se ergueram, seus olhos claramente desfocados.

— Quem? - Ele perguntou então seus olhos começaram a clarear e alargar. O cheiro do medo vazado por seus poros quando sua boca começou a tremer. — Quem diabos você é?

— Quem diabos você pensa que eu sou? - Anael deu um passo atrás.

— Oh, Cristo, você é ele, não é? Você é Anael, o anjo de amor.

— Não amor. Simplesmente Luxúria, existe uma diferença.

— Sim_ O homem murmurou, esfregando o rosto com as mãos. — Sim, alguma coisa assim.

— Não, alguma coisa assim. Eu não trato com amor. Você tem esse plano? Se estiver procurando por amor, solicitou o serafim errado. Se quiser um jogo de amor, chame pelo Eharmony¹⁰, ou melhor, ainda, reze para o Cupido. Mas se quer apenas sexo quente, eu sou seu anjo.

— Certo, sim... Eu quero sexo quente, certo. - Ele gemeu quando puxou seu cabelo fora de agarre de Anael. — Que inferno não quer isto? Mas eu estou procurando por algo um pouco diferente.

— Você está na merda do tipo desviada, então? - O humano arreganhou os dentes em um sorriso e Anael viu a luz de fogo nos seus olhos.

— Estou aqui para conseguir o que eu quero. Vamos colocar desse modo.

— Você pode querer ser um pouco mais específico, se quiser conseguir alguma coisa de mim.

¹⁰ Famoso site de encontro de casais iniciado nos Estados Unidos, hoje se estende para vários outros países (incluindo o Brasil).

— Você sabe o que eu quero. Eu usei o oráculo. E ele fala com você. Você ouviu meu desejo e agora está aqui, então vá em frente e faça a coisa. — Anael torceu os lábios em um sorriso de desgosto e indignação.

— Não assim que funciona mortal. Eu não sou um maldito gênio que concede a você um desejo. E não sou a fada do dente que só coloca o tesouro embaixo do seu travesseiro. Meu trabalho é ajudar você a achar seu desejo, não é lhe dar isso. Você deveria ter lido as letras miúdas do oráculo antes de me chamar aqui. Você realmente vai ter um pouco de trabalho se quiser conseguir qualquer coisa que deseja pela qual me convocou.

— Não, não é assim que vai funcionar! - O macho disse, de repente ficando sóbrio e se levantando. — Eu chamei você, e agora você está sob minhas ordens e controle.

— Errado, idiota. Eu chamo isso de sociedade. Você quer sexo, você terá sexo, mas sob minhas condições.

— Você acha? Eu não vou levar isso desse jeito.

— Não? - Anael começou. — E você pensa que vai fazer o que comigo? Tente e veja. - Os olhos do homem mudaram diante dele. Anael sentiu a explosão de uma ameaça pura no seu penetrante olhar castanho. Este mortal possuía alguma coisa má espregando. Não havia nenhuma dúvida sobre isso. Ele podia imaginar o que esse pedaço de merda quis fazer a ele. E lamentou pela fêmea que lhe estava destinada.

— Olhe serafim, eu vejo isso da seguinte forma, eu sou seu dono... - Anael se moveu para frente e agarrou a garganta do macho e o trouxe até que estivessem cara a cara.

— Deixe-me dizer a você uma coisa, eu tenho um mestre, e somente um mestre. E eu vejo isso de duas maneiras: Um, eu posso desaparecer agora mesmo antes de dar a você o quer, ou dois, você pode simplesmente lidar com a porra da situação. De qualquer modo, é meu jogo, e são minhas regras. - Seus olhos brilharam de maldade, mas ele obviamente não era um estúpido total, porque movimentou lentamente a cabeça em acordo.

— Certo então, eu vou aceitar.

— Bom. Agora arrume um banho, porque você parece uma merda. Eu voltarei quando estiver sóbrio e você se decidir por jogar corretamente. - Achando prudente partir, Anael se afastou do humano e caminhando até a porta do apartamento. Parou quando ouviu o homem falar.

— Você não é o que eu esperava.

Anael bufou e agarrou a maçaneta. — Engraçado, porque você é exatamente tipo que eu esperava. *Perdedor*.

— O que é essa merda no seu rosto? E onde estão suas asas?

— Essa merda no meu rosto é a lista dos meus pecados. - Anael parou e examinou sobre o ombro, certificando-se que todas as tatuagens estavam em seu melhor ângulo.

— E se você mencionar meu rosto novamente você uma concha vazia o resto da sua vida. Quer isso? Ah, e as asas? Anael disse preguiçosamente antes de deixa-as se espalharem entre suas omoplatas.

— Dê uma boa olhada. Elas são negras, não brancas. Eu não sou o tipo de anjo que você está pensando. Sou um Caído. Um pecador. Eu fui mandado pra fora do Céu. Então, pra ser bem franco Richard Stokes, não tente me ferrar.

Anael sorriu ao ouvir o som sufocado que escapou da boca de Richard. Ainda estava sorrindo para si mesmo quando abriu a porta de um bar mulambento que ficava na esquina da rua da casa dele. Com os olhos se ajustando para a escuridão esfumaçada, ele passando por uma garçonete ele apontou para a garrafa em sua bandeja.

— Você quer um destes? - Ela perguntou, levantando a garrafa marrom pelo pescoço longo e mostrando a etiqueta vermelha e azul. Acenando com a cabeça, ele caminhou para trás do bar e tomou a cabine em frente à pista de dança. O lugar estava vazio com a exceção de alguns velhos bêbados velhos sentados no balcão, com suas barrigas doloridas pelo frio. Acima da cabeça deles uma tela de TV transmitia replays da Ball Drop¹¹ Times Square. Anael assistiu a queda com indiferença clínica. Mais um maldito ano tinha passado, e outra infinidade deles ainda iria correr. O inferno era que ia precisar mais do que apenas cerveja podre, antes de abafar seus. Pelo menos os seres humanos tinham a chance de sair dessa porra morrendo, já ele tinha sido *abençoado* com a vida eterna. Sim, Deus tinha feito a ele e seus irmãos um belo favor quando ele lhes deu esse dom.

—Aqui está. - A garçonete ronronou enquanto se curvava acima dele, oferecendo uma ampla visão de seus seios. Ela rodou ligeiramente sobre o salto de seus sapatos quando serviu a cerveja, se certificando que ele teria uma boa possibilidade de olhar sua bunda. Quando se endireitou, sorriu e o examinou. Cristo, ele menosprezou ser observado fixamente. Não, nada isto, odiava até ser olhado. Não queria ninguém com seus olhos sobre nele.

¹¹ No caso, ele se refere à tradicional descida de um globo iluminado que acontece toda virada de ano na Times Square.
Em: <http://migre.me/56abc>

— Eu nunca vi você aqui antes. - Ele encolheu os ombros e agarrou sua cerveja. A garçonete se fez de desentendida. Invés de voltar para seu caminho, balançou a cabeça e tentou encontrar seu olhar. Ele evitou o rosto dela e fingiu interesse na TV. Mas ainda podia sentir seu olhar junto ao rosto dele, desejou ainda ter sua voz funcionando e assim dizer pra que voltasse ao trabalho.

— Então, eu saio daqui à uma hora. - Ela disse como a voz profunda.

— Por que você não espera talvez a gente possa se juntar? - Ele a ignorou, e mesmo assim ela permaneceu na frente dele, seu olhar quente o percorrendo.

— Então qual é seu nome? - E quando não respondeu, ela tocou os seios, mostrando a ele seus recursos.

— Eu sou Candy. - Seus olhos relampejaram quando se debruçou pra frente.

— Sabe do tipo que você pode lambar e ter derretendo na boca? - Ela lançou um olhar e ele ouviu seus pensamentos. *“Santos merda, que corpo! E que olhos magníficos. E o jeito... cara ruim, menino totalmente ruim. Mmm, sim. Ele é exatamente o que eu quero, e posso apostar meu salário, que é pervertido como inferno.”* Anael engoliu mais de sua cerveja. Ela estava certa, claro. Afinal, a perversão tinha sido invenção sua. Mas o pensamento de conseguir alívio para sua extravagância interna com essa fêmea não estava fazendo nada para ele. Mas já o pensando de se perverter com Eve, isso sim fez um maldito enrijecimento na frente de sua calça jeans. Porra, as coisas ele queria fazer com Eve. As coisas que queria fazer para Eve...

— Hei boneca. Um dos homens no bar rugiu. — Você quer vir aqui me servir outra dose ou vai continuar esfregando seus peitos falsos no garoto bonito aí?

— Eles não são falsos. - Ela sussurrou para Anael, então piscou. — Mas você pode descobrir isso sozinho, - ela sacudiu seu pulso e verificou seu relógio - em cinquenta e nove minutos.

Anael assistiu ela ir embora dentro de sua saia de couro minúscula e botas de salto plataforma. Uma imagem de Eve, vestido um suéter solto e um par de calças jeans passou por sua mente. Lá, tudo era natural. Fechando os olhos, ele lembrou exatamente o quão natural ela era e como se ajustava a cada curva de seu próprio corpo. Sem seios falsos, nada para compor ou disfarçar sua beleza, Não, apenas a mais pura sensualidade feminina. E Cristo, como foi passar aquela noite inteira com ela.

— Olhe pra você. Você sempre teve uma habilidade especial para não se encaixar, não importa onde fosse. - Anael olhou pra cima de sua cerveja, diretamente nos olhos do anjo que o condenou para o castigo eterno. Sariel e sua presença eram a última fodida coisa com o que ele queria lidar naquela manhã.

— Anael, o Anjo da Paixão, olhando parece muito apaixonado.

— Vá se foder.

— O que disse? - Sariel perguntou, colocando a mão em concha na orelha.

— Eu não posso ouvir você. Oh, claro! Porque você é mudo. - Anael sentiu a velha ira de séculos se acenderem. Como ele menosprezava Sariel.

— Irmão. - A segunda voz era tão calma que Anael se perguntou a havia ouvido apenas em sua mente. Quando seu olhar abandonou o rosto de Sariel, ele viu outro anjo perto dos seus ombros largos. Samael. Seu irmão estava da mesma maneira que se lembrava a dois mil anos atrás quando eles caíram juntos do céu, perdidos da antiga Graça. Samael ainda era alto, ainda usava o cabelo marrom escuro até os ombros. Ainda teve aqueles impenetráveis olhos vazios que traíram toda sua dor. Anael agitou a cabeça, reconhecendo Samael. Ele sempre gostaria daquele irmão. Inferno, eles pecaram juntos, caídos juntos, e Anael sabia que ambos sofreram sob os castigos impostos por Sariel. Nisto, eles tiveram um laço ainda mais apertado que o sangue compartilhado entre irmãos mortais.

— Você gostaria da sua voz de volta? - Sariel perguntou em um insulto. — Eu tirei isso, mas posso devolver a você.

Anael olhou, não querendo seu carcereiro visse o anseio em seus olhos. Sim, ele queria sua voz, queria a liberdade de falar, de ouvir seus pensamentos em voz alta e não apenas em sua cabeça. Ele queria conversar com alguém diferente dos mortais que servia. Ele queria conversar com sim, ele não podia pensar nisso.

— Tudo que você tem a fazer é pedir. - Ele nunca pediria nada a Sariel. Ele nunca implorou antes, e não imploraria agora.

— Ainda tão orgulhoso. - Sariel disse com uma sacudida de sua cabeça. — Como Lúcifer seu orgulho não vai levá-lo a nenhum lugar. O orgulho causou queda de Lúcifer, e você sucumbirá novamente. Anael? Você cairá mais uma vez em seu orgulho, em sua vaidade?

— Eu não sou vaidoso. – Ele disse sua voz saindo da boca forte, segura e suave como o vidro. - Mas tenho meu próprio senso de honra e me recuso a implorar sua misericórdia.

— Samael. - Anael murmurou, olhando para o anjo ao lado Sariel. - Tem sido um longo tempo desde que nossos caminhos se cruzaram.

— Assim tem sido irmão.

— E você ainda é um anjo.

— Transformação. - Samael disse em voz baixa e fervorosa.

— É assim que Ele está chamando morte estes dias? - Anael riu e se debruçou de volta contra o encosto, espalhando suas coxas largas.

Samael fez uma careta, e não escapou a Anael a dor que viu relampejar nos olhos escuros do seu irmão. O dom de Samael nunca esteve bem para ele. Fora de todos os anjos que Deus tinha criado o mais temido e desprezado pelos humanos. Eles adoravam Anael e todos os seus irmãos, rezaram para eles, acreditaram neles, mas não com Samael. Ele era da mesma maneira ou muito mais menosprezado pelos mortais do que Lúcifer era. Não importava o que fizesse, sempre deixaria pesar e lágrimas com sua passagem, e Anael podia ver a dor e angústia de milhares de anos de matança e morte em seus insondáveis olhos. Sim, ele teve seu próprio milênio de dor para lidar para que estivesse muito preocupado com Samael. Levantando a garrafa aos lábios, Anael considerou Sariel e Samael e se perguntou o que diabos estavam fazendo o “Mensageiro do deus e o Anjo da Morte”, enfados nesse bar em dia de ano novo.

— O que isso tudo quer dizer? - Ele perguntou. - O que Ele quer que eu saiba?

— Você fez bem, Anael. Quase cumpriu seu castigo.

— Você deveria saber. - Ele lançou o olhar sobre Sariel. - Você determinou meu castigo. Esse foi o poder que Ele lhe deu. Estar acima de nós. “Sariel, o grande serafim que decide o destino dos anjos que se perderam do caminho de Deus”. E ele deu aquele poder para o anjo certo, porque você certamente tem toda a tensão para o poder, não é mesmo, Sariel?

Os lábios de Sariel se torceram. — Depois de dois mil anos você ainda continua amargo.

— Depois de dois mil anos, e eu só cresci um pouco.

— Nós podemos? - Samael perguntou, apontando para os bancos vazios da cabine.

— Sentem-se, embora eu duvide que você vá gostar da companhia.

— Vamos lá, Anael, - Sariel o repreendeu como se fosse uma criança bagunceira — eu acabei de permitir a você voltasse a usar sua voz. Um instrumento tão bonito não devia ser desperdiçando.

— Converse conosco. - Sariel enquanto se encostava à poltrona da cabine e espalhava os braços atrás de si. — O que tem você tem feito desde que veio para a Terra?

Anael deslizou seu olhar para Samael que estava no processo de desabotoar o casaco preto longo. Ele desviou seu olhar, mas não antes de Anael ver o modo como ele lhe olhou.

— Sim. - Ele disse rudemente diante o horror nos olhos de Samael. — Nosso irmão tem um modo bastante peculiar de determinar nossos castigos, não é? Ele tomou minha voz me fazendo mudo e meu rosto me fazendo uma abominação tatuada.

Sariel riu e acenou ao longe para chamar a garçonete. — Não sei por que está reclamando, você se mistura muito bem no século XXI. Hoje todas as pessoas são tatuadas, a arte de modificar o corpo se tornou bastante comum.

— Mas não seus rostos! - Ele se moveu seu lábio enrolado em ódio.

Sariel encolheu os ombros. — Você não é mais bonito. E isso é parte de seu castigo.

— Não é a falta de beleza que me perturba. É o que produziu as marcas.

— Então, afinal você foi humilhado? Eu sabia que de alguma forma acabaria sob seus joelhos. Ah, Anael, você era tão vaidoso que eu sabia que não poderia aguentar ter seus pecados escritos para que todos pudessem ver. Enfim, embora os velhos tempos sejam adoráveis, eu não estou aqui discutir seu castigo. Em vez disso, acho que podemos conversar sobre sua missão, e mais algumas coisas.

— Richard Stokes conseguirá o que quer.

— Oh, eu sei disso. Você tem só mais uma alma para ajudar a achar o amor e então não terá qualquer outra razão para vir a terra.

— E você não pode imaginar a euforia que sinto sempre que eu penso nesse pequeno fato.

— Você não pode aguentar isto, não é? Não pode aguentar ver os humanos tendo prazer. Não pode aguentar presenteá-los com algo que sempre quis pra você mesmo.

Anael baixou a vista para sua garrafa. Sim, ele não podia agüentar assistir mortais fazendo sexo, sendo favorecidos pelos prazeres da carne que ele os tinha oferecido. Mas o que mais odiava era a intimidade de dois corpos experimentando a paixão. Não podia aguentar a beleza que era compartilhar a vida, seus medos e sonhos. Ele já havia experimentado o sexo, mas nunca experimentou as emoções que o compunham, a conexão com o outro amante. Será que não sentia nada porque não era humano? Por que era capaz de oferecer tanta paixão para os mortais, mas não tê-la pra si mesmo? Embora a desejasse – ansiasse por ela - nunca havia parecido ser tão satisfatório como era para os mortais. Apesar de ter dito a Richard Stokes, sua missão na terra era para fornecer o que chamava de prazeres terrenos, não era apenas isso, havia amor também. E saber que Richard receberia esses presentes, fazia com que seu sangue fervesse. Richard não devia ter direito a nada além de um belo soco na cara, especialmente obter carinho ou amor. Às vezes, ele desejava ser apenas o Anjo da Luxúria. Poderia lidar com isto. A luxúria era para fácil para ele. Já o amor, por outro lado, era algo que sempre esteve fora de seu alcance.

— Quero falar sobre Eve Parker.

Anael endureceu com a menção do nome da mulher. Uma imagem dela sentada no chão, lendo o assaltou e ele sentiu o fluxo de seu sangue acelerar nas veias. Lembrou-se de embalá-la em seus braços, cobrindo-a com suas asas. Lembrou-se do perfume de sua pele apertada contra ele e de sentir a batida de seu coração contra sua palma. Lembrou-se de também do primeiro chamejar de necessidade, e então do consumir da fome, uma fome por estar dentro dela, conhecê-la, e não apenas da forma carnal. Ele queria compartilhar algo com ela, mas o que isso era não sabia dizer. Só sabia que no memento em que quis mergulhar nela, também quis algo mais, algo mais profundo do que apenas fodê-la.

— Você tomou o caminho errado quando desceu.

Encolhendo os ombros, Anael levou a garrafa a seus lábios e engoliu o resto da cerveja fria, tentando não pensar em como Eve Parker parecia perfeita em seus braços, ou como seu pau estava duro em sua calça jeans. Tentou afugentar da memória o momento que passou deitado com ela no chão, sua mão deslizando pelo corpo dela, absorvendo sua energia, trazendo-a para dentro dele mesmo estando tão longe.

— A mulher não é sua responsabilidade, você entende isso?

— Eu não preciso de nenhuma porcaria de palestra sobre minhas obrigações, - Anael rosnou, e bateu a garrafa sobre a mesa. – Me certificarei que Richard Stokes consiga uma mulher para si e então eu deixarei esse mundo, para nunca retornar.

— E Eve Parker?

— O que tem ela?

— Você vai deixá-la sozinha.

— Por quê? - Ele perguntou, estreitando seus olhos.

— Você tem alguma outra coisa planejada para ela? - De repente, seu olhar voltou-se para Samael que estava sentando quieto e calado ao lado de Sariel.

— Você não está aqui por ela, não é? - Ele perguntou sua voz de repente um tom acima.

— Cristo, Samael, você não a está levando. Está? - Ele sufocou, pensando sobre Eve e seu espírito e o modo como que ela apreciava a vida. — Não, não agora. Cristo, não. Você não pode levá-la.

— O futuro dela não é da sua conta.

— O inferno que não é. Eu não caí na porta dela por à toa.

— Me ouça, - Sariel sibilou. — Você vai deixar essa mulher em paz, se souber o que é bom para si mesmo.

— E o que você vai fazer comigo, Sariel? - Ele perguntou enquanto retirava algum dinheiro dos bolsos. — O que você pode fazer que fosse pior que seu castigo original?

— Ah sim, setenta gerações no Abismo. Você gostou?

— Você não iria gostar de saber. - Ele rosnou enquanto se debruçava sobre a mesa, olhado fixamente nos olhos azuis de Sariel. — Como você acha que eu saí daquela merda, Sariel? Você sabe o que os Íncubos e Súcubos fizeram comigo naquele buraco escuro? Você acha que pode sair e manter suas asas brancas?

— Você saiu do Abismo com muito mais pecados tatuados no rosto do que quando entrou.

— Por que você não olha de perto, Sariel. - Ele silvou, agarrando o irmão pela gola e o forçando a olhar para a escritura angelical que cobria dois terços de seu rosto.



— Leia e veja o que eles fizeram comigo, o que você determinou que eles fizessem. Gosta de ler essa merda? Agora você está firme, Sariel? Ou ainda é um assexuado tentando encontrar achar um jeito de sair?

— Vá se foder.

— Ah, sim. Você já providenciou isso. - Anael empurrou Sariel para trás. —Agora, se me dão licença, irmãos, eu tenho que achar o amor para um perdedor mortal.

Capítulo Seis

Eve não conseguia se concentrar nada, especialmente na conversa que fluía ao redor dela. Terça feira à noite era dia de clube de livro, e hoje eles estavam discutindo um romance de erótico por Anais Nin¹². Normalmente, ela se envolvia nas discussões sobre os romances, mas hoje à noite estava inquieta e sem foco. Não podia parar de pensar no homem que tinha encontrado no beco. Não podia se livrar do sentimento estar sendo observada, fazia dois dias desde que tinha acordado em sua livraria e o estranho havia desaparecido. Mas mesmo assim, ela sentia presença. Como ele poderia estar longe dela e ainda assim continuar a vigiando? Estava certa que era ele, mas toda vez olhava por cima do ombro, ou verificava a janela, já não havia mais ninguém lá. Mas a bandeja de comida ela deixava todos os dias atrás da porta da loja estava sempre vazia, e um origami de asas sempre colocado sobre o prato vazio.

Porque ele ainda continuava próximo a ela? Por que estava observado? Depois de dois dias de pouco sono e imaginação constante, Eve não estava mais certa do que acreditava. Não achou o significado do símbolo no livro de pesquisa. De fato, não existia muita coisa escrita sobre anjos. Se é que, ele era realmente um anjo, ou só um estranho com tatuagens misteriosas. Descobrir aquela pena e encontrar o homem era apenas uma coincidência? Ou as duas coisas estavam conectadas? Esfregando os olhos, Eve trouxe as pernas até o tórax e descansou sua cabeça contra o pequeno sofá de camurça suave. Sua cabeça doía. Ela realmente precisava parar de analisar toda pequena coisa aquele sujeito ou com certeza ia ficar louca.

— Então, Eve. - Gemma disse a retirando de seus pensamentos e problemas. — Todas nós contamos um pouco sobre nossos fetiches e fantasias. Agora é sua vez.

Eve sorriu fracamente para Gem. Ela não estava afim de nenhuma discussão de livro hoje à noite, mas Gemma certamente estava. Assim como nas outras três noites regulares do clube. Chrissy, Jamie e Lynn estavam rapidamente se tornando amigas de Eve também. Ela realmente devia a Gemma por apresentar seus amigos. Seu círculo social não seria expandido se ela não comesse a prestar atenção nos tópicos de discussão. E o tópico de hoje à noite era só um pouco íntimo demais. Fantasias. Inferno, ela vinha sonhando muito com as mesmas nas últimas duas noites.

¹² 1903 – 1977 Autora dona de uma grande coleção de livros de cunho auto-biográfico. Nos diários que escreveu (que compreenderam um período de quarenta anos), relatava também seu caso com o escritor Henry Miller.

— Ah, vamos lá, Eve. - Jamie disse com uma risada, por cima de seu vinho, enquanto mastigava uma bolacha.

— Você é uma tímida, com certeza, mas está entre amigos. Vamos diga o que você quer. O que você deseja. Eu quero dizer, eu acabei de contar para vocês que estou sonhando com um pedaço de homem de vinte e um anos de idade, que mora perto da minha casa e ainda vive com a mamãe e o papai! Eu fico o examinando por cima da cerca e imaginando como seria bom se ele me tocasse e chamasse de Sra. Robinson. - Eve riu, sabendo que seu rosto estava ficando cor de roca. — O imagine levando você para o quarto, com sua cama de solteiro.

Todos riram, e Jamie completou. — E não se esqueça dos cartazes da Toronto Maple Leaf¹³ na parede. E do retrato dele com dez anos na Disney em cima da cômoda.

— Deus, Josh teria um coágulo se soubesse da minha fantasia secreta.

— Bem, seu marido não vai descobrir. - Gemma advertiu. - Só tenha certeza que não vai gritar Taylor quando tiver o próximo orgasmo!

— Oh, Deus! Eu morreria.

— Ah, é saudável ter uma fantasia secreta aqui e lá. James e eu trocamos um pouco de papel de vez em quando. Mantém coisas temperadas. Nunca menospreze os poderes de uma brincadeira de empregada francesa e o patrão que quer espancá-la. - Eve olhou a mulher fazer aquela confissão chocante. A elegante e sofisticada Chrissy, com seus olhares de modelo e com ar confiante. Eve podia bem acreditar que vida sexual de Chrissy estava fora desse tipo de mundo. Afinal, ela estava no marido numero três e James, era executivo júnior em uma empresa de advocacia. Eve se perguntou o que pensariam se descobrissem que Chrissy e James gostavam do jogo de senhor e escravo.

— Ok, vamos lá! - Lynn a bajulou. — Mexa-se. Se fortaleça com uma taça de vinho porque eu quero ver derramamento de sangue!

— Piratas realmente conseguem te fazer quente e excitada, não faça eles, não eles! - Eve incomodou Lynn.

— Quando eles se parecerem com Johnny Depp e usam lápis preto no olho, com certeza conseguem!

Eve sorriu com o comentário e correu a ponta do dedo em torno da borda de seu copo de vinho. Ela sabia qual era sua fantasia secreta, e ele não era nada como o

¹³ Time canadense de Hóquei sobre o gelo, com sede em Toronto.

que as outras mulheres queriam. Não sabia se poderia dizer isso, já que dificilmente conseguiria admitir para si mesma.

— Certo. - Eve disse respirando fundo. — Mas isto não pode sair daqui, não quero ninguém pensando que eu sou estranha, certo?

— Oh, isso vai ser bom, - Lynn disse, se inclinando pra frente em sua cadeira - estou certa que vai ser muito mais escandaloso que meu fetiche com piratas.

— Qualquer coisa é mais escandalosa que seus piratas. - Chrissy ridicularizou - Piratas são muito ano passado.

— Que tal vampiro? - Gemma perguntou.

— Vampiros nunca saem de moda. - Chrissy disse com um sorriso conspirador.

— Ok, certo, chega. É a vez da Eve. Vamos lá, Eve. Surpreenda-nos! - Eve sorriu para Jamie e seguiu o conselho de Lynn. Bebeu seu vinho em um só trago, esperando que o calor lento que estava se espalhando por seu sangue lhe desse coragem de responder.

— Ok, aqui está... - Um movimento na janela parou suas palavras. Ela estava certa que tinha visto uma grande sombra preta passar pelo vidro. Mas quando olhou com mais atenção, não havia nada lá além da escuridão, do brilho da lua e um punhado de estrelas no céu. Mas algo tinha estado lá. Ela estava certa disto.

— O que foi? - Gem perguntou, olhando por cima do ombro para a janela grande.

— Eu pensei ter visto algo ou alguém... Olhando pra cá.

— Querida, você mora em um loft¹⁴, oito andares acima do chão. O parapeito da janela só tem seis polegadas de largura. Não tem nada olhando pra dentro. - Eve moveu o olhar da janela até Chrissy que estava sorrindo para ela com algo parecido com presunção.

— Esqueça isto, queridinha. Você não vai sair dessa tentando nos vender essa história de voyeur.

¹⁴ Loft é o nome que dá a apartamentos cuja construção normalmente é feita em sótãos ou galpões. Nesses casos, não existem divisórias entre os cômodos (com exceção do banheiro e às vezes do quarto). Todas as dependências são transformadas em áreas comuns, sem a existência de paredes. Em: <http://migre.me/56MRA> e <http://migre.me/56MWQ>

— Talvez seja isso. - Lynn saltou em cima em sua cadeira. - Talvez essa seja a coisa, voyeurismo.

— Mmmm, começou Eve mais uma vez olhando a janela. Ela tinha tido aquela mesma sensação de formigamento por todo o corpo. A mesma sensação teve perto do estranho. A mesma sensação que vinha experimentando repetidamente durante os últimos dois dias.

— Um? - Chrissy repetiu.

— Sim, voyeurismo é parte. Quero dizer, não sobre eu assistindo.

— Você quer ser assistida! - Chrissy gritou e bateu em sua coxa.

— Bem, tipo que... - Eve murmurou enquanto olhava pelo quarto - Quero dizer que, bem... certo é isso, a fantasia inteira. A verdade é que eu pensei sobre como seria bom ser objeto de fantasia de alguém. Ser sua obsessão secreta sabe? Acho que seria quente, porque viveria fora da fantasia secreta do cara e iria realmente cumprir minha fantasia de ser essa mulher forte, sexualmente quente. Você sabe o tipo, o tipo de mulher que captura toda atenção do homem seja ele o único ou não.

— E o assistir? - Lynn perguntou. - Onde isso se ajusta na sua fantasia? - A Eve sentiu as bochechas enrubescerem a maneira que via outro movimento na janela. *O assistir*. Ela sussurrou, procurando no fundo escuro da noite.

— O assistir entraria porque eu quereria ser vista com esse sujeito. Eu gostaria de fazer coisas com ele, e ver outros homens. Outros homens me quererem.

— E você iria o que? Ter um ménage?

— Não. - Ela disse, movendo o olhar para longe - Porque eu ira querer que o sujeito fosse muito possessivo. Que me quisesse demais para me compartilhar.

— Maldição. - Jamie disse, abanando-se - Você já pensou em ser escritora? Porque eu juro, quase tive um “grande O”, escutando sua descrição.

— É estranho que precise ser a fantasia de um homem para se sentir sexual. - Chrissy disse. - Você iria se sentir poderosa sem um homem fazendo de você suas fantasias.

Eve encolheu os ombros. Ela não iria tratar suas inseguranças, especialmente não com alguém como Chrissy, que era imune a fraqueza. Alguém assim não entenderia.

— Bem, tenho que correr. - Jamie disse, agarrando sua bolsa. - Mas isso foi uma explosão. Deus desejo que Josh esteja em casa quando eu chegar!

A Eve acompanhou suas convidadas para a porta e deu a cada uma delas um abraço. Quando já estavam no elevador descendo para o lobby fechou a porta e trancou, caminhando diretamente para a janela. Nada. Homem, talvez ela realmente imaginado aquilo. Um banho morno e outra taça de vinho seria o que precisava. Depois, ela deslizaria em baixo de seus lençóis frescos, chegaria até a gaveta da mesa de cabeceira e lado da cama, pegaria seu brinquedo favorito e imaginaria estar sendo observada. Quem estaria assistindo? O estranho tatuado.



Anael assistiu Eve da extensão de concreto em cima do armazém abandonado que usava como abrigo, de lá ele podia ver diretamente o loft de Eve. De lá podia vê-la, e ele fez. Ele pensou que ela poderia tê-lo visto hoje à noite. Quando ele desceu sobre o parapeito, e ela olhou sua sombra pelo vidro. Mas no fim, pode esconder dela. Mas não podia se esconder do que ouviu. Do que ela procurada. Sua fantasia ele, ele queria ser aquele homem. O homem que secretamente a dominaria. Já estava obcecado por ela, e isso não era fantasia. Mas a outra parte de levá-la a lugares onde os outros machos assistiriam... quereriam ser o único que poderia se enterrar fundo fez ele duro. Seu pau ansioso pela libertação. Foder Eve em público e mostrar aos outros machos que ela era sua, que ninguém nunca irá possuir ela, estava devagar o corroendo. Queria muito desesperadamente viver a fantasia dela. Mostrá-la a quão bonita e desejável ela era, que poderia, e era a fantasia de todo homem.

O modo como ela estava agora não havia ajudado em nada sua necessidade furiosa. Vestia um longo suéter creme e calcinhas de algodão branco que mal cobriam sua bunda. Ela era tudo que ele podia querer em uma mulher. Todas as curvas suaves, os peitos cheios, quadris arredondados. Femininos, maternos, mas ainda com a quantidade certa de força interna que fazia querer quebrar sob sua vontade. Ele a quis apenas um pouco servil, e iria tomar muito, muito cuidado dela, tendo certeza que a manteria segura além do prazer que ela pensou ser possível. Embora ele não fosse humano, possuía a força e possessividade dos mortais. Uma parte dele queria protegê-la, fazer amor lento e doce com ela, adorá-la. A outra parte queria dominá-la, fazê-la sua, tomar a força interna que ela possuía e trazer para ele. Sim, ela era tudo que ele já quis e desejou, e tudo que não poderia ter. Nunca teria.

Ele é o mais impiedoso por negar a você o que quer. Anael apertou seus olhos fechados, não podia responder que verbaliza. Não podia confiar no dono da voz macia em sua cabeça. *Afinal você fez tanto para Ele e seus mortais. Mas Ele não pode sequer permitir a você os simples prazeres da carne.*



Com uma respiração funda, Anael buscou resistência, lutando pela força interna para resistir à isca daquela voz má sussurrando em sua cabeça. *Você só tem que pedir e será feito.* Ele ouviu a escuridão prometer. Como uma taboa de salvação, ele se agarrou a aquilo, como um homem prestes a se afogar. A tentação era tão forte, tão palpável que foi preciso apertar as pálpebras ainda mais e bloqueada sua mandíbula, lutando contra a isca.

Peça e receberá o maior desejo do seu coração. Uma coisa tão simples e pequena era só pedir o que desejava. Mas sabia que se aceitasse isso não existiria volta nenhuma reconciliação. *Você é muito forte de espírito, sabe o que deve e o que não deve fazer. Mas mesmo assim, toda a força não lhe deu qualquer sensação de paz ou prazer.* A tentação rastejou em volta dele, enrolando e apertando como uma serpente. Sentiu suas pálpebras pestanas queimarem e se abrirem, para que pudesse ver o que estava diante dele, o maior desejo de seu coração.

E ela estava ali, caminhando pelo quarto, puxando o suéter. Ele viu o contorno de seus seios pesados na parte superior de seu top. Sabia qual era a coisa mais decente para a se fazer. Desviar o olhar. Mas ele teve que assistir, apesar do fato das memórias do arame frio perfurando a carne tenra de suas pálpebras aparecerem rapidamente. Lembrou-se da dor, da agonia do abismo em que tinha estado, lembrou-se da queda. Mas ainda assim não pode deixar de olhar, não pode parar de assistir quando ela lançou o suéter sobre a cama e caminhou para o banheiro juntou ao quarto. Ela se curvou acima da banheira branca e girou as torneiras de prata. Ela permaneceu, suas costas arqueando-se graciosamente enquanto agarrava a bainha de seu top e o levantava, revelando a barriga suave. Ele não pode desviar o olhar, apesar de reviver a sensação do arame sendo atravessado por suas pálpebras quando elas foram lenta e dolorosamente costuradas séculos atrás. A camisa foi arrastada pra cima, revelando os lados inferiores de seus seios. Ele estava duro como pedra, sua respiração rápida, seu pau tão duro que teve que esfregar a mão contra a frente da calça jeans. Ainda assim, oi capaz de sentir o último puxão apertado, lentamente costurando suas pálpebras fechadas.

Pecador, a voz sussurrou em sua cabeça. Ele já havia observado antes. Tinha sido um voyeur, amava assistir secretamente os mortais tendo prazer, e quando seus olhos tinham firmemente sido costurados, uma voz sussurrou em sua orelha. *“A compensação por seus pecados de gula e luxúria.”* Anael estava tremendo, suas mãos, suas coxas, também seus dedos quando mais uma vez escovaram ao longo do zíper de sua calça jeans. Sua respiração era desigual quando a mão de Eve percorreu a água do banho em um redemoinho. Ele podia cheirá-la, sua pele de seda e o vapor que emanava dela. Queria vê-la se despir, sabendo que era realmente ruim por fazer isso, por observá-la, invadir sua privacidade. Mas não podia parar. Não, era um viciado. Viciado em observá-la. Desejá-la. Sonhar com ela, em tomar seu corpo. *“Você só tem que pedir”.* A serpente pareceu silvar em seus pensamentos. *“Imagine ter a coisa que você mais quer.”* Estava debilitado, atraído pela imagem luxuriosa de Eve e a fala sedutora da língua da serpente. Oscilando, Anael se sentiu caindo na Escuridão. Queria tanto aceitar o que era oferecido, mas ao invés disso, se fechou

para a voz, lutando para esperar a honra que ainda possuía “*Mas não é apenas prazer, não é? É algo mais profundo que isso. É amor o que você realmente deseja*”.

—Não. - Ele disse, forçando a voz a ficar mais forte e resistir ao desejo. Mas viu sua imagem junto a Eve, amando-a, e se sentiu deslizar ainda mais no pecado. Era isso que queria. Ser um homem e fazer amor com ela possui-la para sempre. Mas só havia a queda agora... “*Você nunca amou...*” Anael fechou os olhos com mais força, lutando e falhando em bloquear a voz. Não, ele nunca amou. Nunca antes se sentiu assim com qualquer mulher, nunca deu seu coração para ninguém. Era assim tão errado que ele sentisse amor e desejasse ser amado de volta? Por que não era permitido a ele aquele simples prazer quando todo outro humano no mundo - bom ou ruim - tinha permissão para essa emoção? “*Logo você entenderá que o poder, o prazer que busca, não é um dom que pode ser dado por aquele que você serve. Logo, você perceberá que eu sou seu único salvador.*” Ele cansou ignorar a isca que vinha daquelas palavras pecadoras, ao invés disso, tentou mais uma vez ouvir pensamentos de Eve, conectar-se a ela como tinha feita quando se conheceram. Ele a escutou lutou para vê-la, encontra sua mente, mas ela não estava em nenhum lugar. Apenas dos efeitos prolongados de seu perfume e cheiro da sua feminilidade podiam ser sentidos. Ela era perdida para ele. Mas para tê-la de volta, só precisava *pedir*.

Capítulo Sete

Ele não deveria estar aqui no quarto de Eve observando sua preparação para a entrada na banheira, imaginando o corpo voluptuoso liso e brilhante por causa da água. Não devia ter se permitido olhar os cachos loiros deslizando em cascata por suas costas. Nem devia desejar que ela girasse um pouco, para que fosse possível ver o contorno de seu seio enquanto ela puxava o cabelo para longe de seu pescoço longo como de um cisne. Ele não deveria pensar sobre como ela parecia sensual, ali na frente dele, sem saber que era observada. Também não deveria sentir-se quente ao se imaginar caminhando para perto dela, em silêncio por trás, abraçando seu corpo e seios lascivos em suas mãos enquanto enterrava o rosto naquele pescoço perfumado. *Não se revele. Não a deixe ouvir você. Não deixe que saiba da sua presença.* Embora aquelas ordens tivessem partido dele e não do outro anjo, estava falhando em segui-las, porque não queria nada além do que se revelar para Eve.

Por que ela? Ele perguntou em silêncio olhando para a janela, seu céu preto e nuvens de neve que se aglomeravam acima deles. Esperou ouvir a resposta para sua pergunta, mas ela nunca veio. O único som foi o deslizar da toalha pelo corpo dela e sua aterrissagem. Anael fechou os olhos contra a visão, contra o som do sangue rugindo em suas orelhas. Mas ele ainda podia ouvi-la respirar, podia imaginar seus seios subirem e descerem em cadência, eróticos e sem pressas com cada respiração. Ela estaria nua na frente do espelho, sua pele rosada do calor da banheira, seus mamilos duros do ar frio do quarto. Seu corpo destacado pela luz dourada das velas que ela havia acendido na penteadeira e cabeceira. Ele poderia ir até ela, poderia ouvir seus roucos e pequenos suspiros quando deslizesse suas mãos por todo seu corpo. *Nunca se revele*, ele repetiu, tentando diminuir a fome em si. *Lembre-se de quem você serve - não suas necessidades, mas as necessidades do Criador.*

Lentamente a fome cedeu, tornando-se quase controlável. Mas o que ele viu em seguida era nada menos que tortura, nem mesmo Abismo tinha sido tão infernal quanto aquilo. Eve estava nua diante um espelho de corpo inteiro, se olhando enquanto as mãos viajavam acima das partes do corpo que ela provavelmente achava falhas. Exatamente as mesmas partes que lhe davam água na boca. Assistiu quando ela desceu sua mão e rapidamente a moveu pra cima por seu abdome suave e pálido, para depois percorrer a mesma acima do quadril e abaixo da nádega rechonchuda. Sua mão livre localizou os contornos dos seios, e Anael observou quando ela tombou

a cabeça para o lado, seu cabelo longo descendo pelo ombro, enquanto observava as próprias mãos se moverem. Atenta em sua tarefa, não notou o movimento atrás si mesma. Ele se manteve invisível quando permaneceu atrás dela, assistindo-a se tocar. Elevaram suas mãos algumas polegadas e ela arqueou ao sentir a energia dele penetrando seu corpo. Com um ronronar Eve fechou os olhos e apertou o mamilo com seu dedo polegar e indicador, antes de amassar todo o seio. Anael sentiu seu prazer pela energia que eles estavam compartilhando. Correu da pele sedosa dela para sua mão e então abaixo de seu braço e fundo em seu tórax e região lombar. Ele permitiu a si mesmo aquele prazer. Estar aqui com ela, embora ela não soubesse disso. Seria seu segredo e sua vergonha. *Ele seria seu admirador sombrio.*



Assistindo. Esperando. Desejando... as palavras sussurradas pareceram queimar na barriga de Eve, enchendo-a com um calor que se enrolou para baixo em sua boceta, o fazendo doer. Anseio.

O calor ela sentia de repente pareceu intensificar, engolfando seu pescoço e costas. Fechando os olhos, ela saboreou o toque quase fugaz em sua pele. Não era o toque de sua própria mão. Ela estava familiarizada com o modo como seus próprios dedos tocavam seu corpo. Ela já fizera isso um milhão de vezes, dar prazer a si. Mas isso era diferente. Não, esse era outro toque. Do lado de fora o vento estava se rebelando, uivando cada vez mais e sacudindo as velhas janelas de seu loft. Uma explosão de ar vinda de nenhuma parte apagou as velas, mergulhando tudo em escuridão.

— Venha para mim, Eve...

Era ele. Seu estranho. Ela reconheceria aquela voz profunda e linda em qualquer lugar. Era a energia de seu toque que havia aquecido seu corpo por toda parte. Ela sabia de onde provinha a energia que apareceu no quarto, já conhecia aquela energia. Já sentira isso outra vez.

— Você veio._ Ela sussurrou quando uma rajada de ar frio engolfou o quarto. Pairou sobre a atmosfera como uma neblina rala, para então girar e envolver-se em torno dela. Como uma mortalha, envolveu-se em torno dela, levantando ao redor seus pés nus, em cima ao redor seus tornozelos e pernas, serpenteando em cima pelas coxas e entre elas, acariciando-a. Involuntariamente, suas pernas se separaram, ela sentiu o golpe de ar, sentida sua carne começar a tremor e umedecer onde o beijo frio a tocou. *Sim...* ela ficou inquieta e quase chorou quando teve a primeira sensação de lambida através do corpo. Como resposta para seus apelos, a respiração a percorreu, repetidas vezes a acariciou, brincando cada vez mais e mais intimamente, cada vez mais perto de sua boceta, até que já não sentia o frio, mas quente... muito, muito quente. A sensação de vapor sumiu de suas coxas, apenas para subir pela barriga e se demorar

encima de seus seios. Lutando para ar, ela começou a ofegar, sentido o peito subir e descer como todas as percepções que a envolviam.

— Sinta-me. - Ela o ouviu dizer. Sua voz, normalmente tão suave e aveludada estava áspera, mais dura. – Sinta-me agora.

— Eu sinto você. - Ela sussurrou sua mão se aproximando para descansar contra as ondulações de ar que cobriam seus seios.

— Oh, Deus sinto você em todos os lugares! - Sua cabeça se balançou para o lado por iniciativa própria, expondo toda a extensão de sua garganta enquanto os dedos se arrastavam por seus mamilos e auréolas. O frio se fez calor quando cobriu seus seios como a respiração de um amante. O agora calor percorreu a divisão entre eles e então sua garganta, onde a veia em seu pescoço pulsou. Por segundos ela esperou para experimentar um toque, um beijo, uma palavra sussurrada. Tum, Tum, Tum, o ritmo de seu sangue correndo nos ouvidos era tudo podia ouvir, o deslizar do sangue em suas veias, o calor a acariciando como se alguém respirasse contra ela. Seus lábios se separaram, quando ela balançou a cabeça para o lado, desejando mais muito mais. E então ela sentiu. Uma boca morna e suave contra seu pescoço, seguida por uma língua forte, molhada que deslizou pela coluna de sua garganta com lambidas fortes, fazendo seus quadris ondularem procurando por algo para encher o vazio entre suas pernas.

— O que você está fazendo comigo?

— Te levando para onde você quer ir. Para onde precisa ir. - Eve sentiu suas mãos serem unida pelos pulsos sendo algemada por um agarre invisível nas costas.

— Levando você a um lugar em que não possa dizer não, um lugar onde só existe prazer. Um lugar onde só eu posso dar o que você precisa. - Eve engoliu duro e fez uma tentativa infrutífera de puxar as mãos de sua captura.

— Você quer ir? - Ele perguntou sua voz mais sedutora que o chocolate mais rico. - Quer que eu a leve lá?

— Sim. - Ela disse, cedendo a seus desejos. Não importava se isso era só uma fantasia que estava tendo enquanto se masturbava. Ela freqüentemente fantasiava, mas nunca tinha sentido tão real, tão tátil. E Deus, ela queria mais. Mais pensamentos daquela manipulação estranha em corpo, dando a ela o que ela quis naquela noite na livraria. Suas mãos estavam presas nas costas, e ela lutou para ver através da escuridão, curvar esta fantasia a sua própria vontade.

— Não é a sua fantasia, Eve. - A voz sussurrou. - É a minha.

Arrepios imediatamente cobriram seu corpo, e ela sentiu as pontas de dedos calejados seguirem seu caminho.

— A observação excita você?

— Sim. — Afinal, essa era sua fantasia. Ela estava no controle, poderia dizer “não” sempre que quisesse. Acabar com tudo e acordar sozinha em seu quarto com as velas ainda chamejando e vibrador na mão, coberto com...

— Sua nata? - Ela concordou com a cabeça, incapaz de falar, ou até respirar. Uma mão serpenteou abaixo de sua espinha, e sobre a parte inferior das costas e entre sua bunda.

— Você tem uma bunda magnífica, Eve. Eu gostaria de vê-la de joelhos com meu pau bem fundo em você. - Oh, inferno! Ela também queria isso. Os dedos deslizaram mais fundo entre suas nádegas, roçando a entrada abaixo, examinando superficialmente sua vagina, e espalhando umidade, deslizando o dedo pra dentro da abertura.

— Sua boceta está molhada. - Seus joelhos ficaram mais fracos, sempre tinha gostado de conversas sujas no quarto, e nessa fantasia ele parecia saber exatamente como fazer isso. Em sua mente ela viu seu estranho, o lado perfeito e bonito de seu rosto olhando pra ela enquanto acariciava sua bunda, a parte tatuada de seus lábios sussurrando contra sua orelha.

— Sua boceta precisa de um pau. - Ela ouviu as palavras, mas não em sua própria voz. Era ele, e inferno estava pondo seu corpo arrepiado e enlouquecido.

— Aonde você quer que eu a leve hoje à noite, Eve? O que é que você quer? - O que ela queria? Bem, gozar, naturalmente. Mas pelo que seu corpo estava lutando? Ela não podia pôr um nome nisso, ela só sabia que precisava da libertação.

— Você quer ser fodida hoje à noite, Eve, ou você quer que eu a toque reverentemente como um amante?

— Eu... eu não sei. Ela murmurou enquanto lambia seus lábios. Aonde você quer ir hoje à noite?

— Em qualquer lugar com você, Eve. - E então ela estava caindo para trás, até que estava deitada de costas na cama. Ela sentiu uma palma larga, amortecendo sua queda e o deslizamento sedoso de seu cabelo contra a clavícula.

— Aonde você vai me levar, Eve?

— Em qualquer lugar. Em todos os lugares.

— Em todos os lugares. - Ele repetiu, soando pensativo enquanto sua boca deslizava rapidamente entre o vale de seus seios até sua barriga.

— Então eu aceito, Eve. Você me levará a todos os lugares, e eu a seguirei como um discípulo. - Eve podia sentir a insistência de seus lábios apertados contra sua mandíbula em beijos suaves e urgentes. Seu toque, seu calor. Era tão real, tão visceral, que ela não podia se fazer acreditar que era apenas uma fantasia. Isso tinha que ser real. Ela nunca experimentaria tal desejo, nem tinha estado tão molhada, podia sentir os sucos descendo pelas coxas. Estava morrendo para ser penetrada.

— Você me tenta, Eve. Eu não posso resistir, não quero mais resistir.

— Não resista. Ela implorou, arqueando seu corpo e erguendo seus quadris. Ela queria aquilo, precisava. Mas ele se recusava a dar o impulso rígido de seu pau, ao invés, ia se afastando até que tudo que ela podia sentir era varrida de ar fresco sobre seu seio. Seguida pelo calor úmido.

— Sim! - Ela pediu, fechando os olhos para saborear as sensações que e precipitavam por ela. Ele estava lambendo seu mamilo, lambidas lentas, precisas que a fazia selvagem. Em sua mente, foi capaz de ver sua língua chupando seu mamilo, sua mão engolfando seu seio grande. Ele a esta observando, ela sabia disso. De alguma maneira soube que seu estranho apreciava assistir o prazer dela.

— Sim, Eve. Veja-me em sua mente. Imagine como me pareço enquanto toco você. - Ela gemeu em excitação, seu corpo erguendo-se um pouco fora da cama até que seus seios sobressaíam altos no ar. Então ela sentiu seu peito e mamilo sugados na boca dele, chupados. Eve se permitiu deslizar na escuridão de sensualidade, fechando os olhos ela se concentrou em sentir sua boca sugando. O calor percorreu seu corpo quando ela imaginou suas mãos atravessando o corpo dele buscando aprender e descobrindo emocionada que era capaz de fazê-lo gemer. Tempo parou enquanto ele a amava, e inquieta, incapaz de tocá-lo de verdade, ela enrolou seus dedos em torno das vigas na cabeceira da cama, deixou a cabeça pender pra trás, dos lábios abertos escapou um gemido longo.

— Você fica linda em êxtase. - Ele disse e ela sentiu sua boca descer do vale entre seus seios para o umbigo.

— Eu poderia te olhar para sempre e ainda assim não seria suficiente. Vou te observar hoje à noite quando você gozar, e guardarei como um tesouro a memória de você trêmula sob meus lábios.

— Qual é seu nome? - Ela perguntou com um suspiro quando sua boca se aninhou nos cachos suaves entre suas coxas.

— Anael.

— Anael. - Ela murmurou novamente. - Meu lindo anjo escuro.

— *Beije-me.*

Anael sabia que aquilo era errado, sabia que não deveria estar aqui, mas a tentação da beleza de Eve era mais que ele podia resistir. Se for condenado para a eternidade no Abismo, pelo menos teria memórias de Eve para dar a ele o consolo que precisaria. Sentiu a tentativa de um toque de lábios contra seu ombro. Ela estava procurando pelo ar, tentando o achar, se correria todos os riscos hoje à noite, então poderia também fazer com que aquilo tudo valesse a pena para ele também. Sua forma humana se materializou sobre ela, e Eve gritou, embrulhando suas coxas ao redor da cintura dele. Rolaram sobre suas costas com ela parando sobre ele, escarranchada. Seus seios pesados se arrastaram por seu tórax, e ele sentiu as punhaladas afiadas de seus mamilos beijando sua pele. Estava escuro. Assim ela não poderia ver os pecados que arruinavam seu rosto. Ela só poderia senti-lo. Sentir a força de seus braços e tórax, a dureza de pau pulsando com o desejo de penetrá-la. De enchê-la.

— Beije-me. - Ela sussurrou novamente. Agora, entretanto, ele agarrou sua cabeça, prendeu pelo longo cabelo e trouxe sua boca para perto. Mas ela assumiu o comando de novo, e em vez de tomar sua boca urgentemente, ela deslizou a língua junto a seus lábios, na parte tatuada. Ele gemeu mais do que já tinha feito em toda a vida. O lado de sua boca que tinha sido marcado era extremamente sensível, e ter aquela língua morna e molhada era a sensação mais erótica ele tinha sentido na vida. E definitivamente queria mais. Novamente ela repetiu o movimento de sua língua, mas este agora esfregou os mamilos contra a largura de seu tórax. Novamente sua língua rastejou para fora, mas ela o enganou de novo. Lentamente, eroticamente suas línguas se tocadas em enrolaram, lembrando a ele o modo como ela lamperia seu pau. E inferno ele queria aquilo, sua boca chupando seu pau. Ele a examinou, seus olhos focados de paixão, e se perguntou como seria se ela pudesse vê-lo também. O que ela veria abaixo dela? Um homem? Ou um anjo cicatrizado?

Quando ele olhou pra cima, Anael se sentiu completamente atraído pela sedução dela, a imagem de sua boca cobrindo seu pênis. Seus quadris estavam se trocando, balançando contra ele, sua boceta tentando achar o caminho. Mais rápido, ela lambeu sua língua em uma dança erótica, como se estivesse simulando o ato, e Cristo, ele sentiu as carícias de sua língua percorrer toda a distância até seu pau. Ele tocou entre seus corpos, roçando a cabeça de sua ereção contra o sexo dela, onde

estava quente e molhada. A cabeça úmida de seu pênis achou seu clitóris e o circulou, obtendo o som rouco de seu gemido. Seus olhos chamejaram e ela olhou faminta e em transe, ele circundou sua nuca com as mãos e arrastou a cabeça dela para perto, esmagando sua boca contra a dela. Era um beijo carnal e ele a devorou com paixão desenfreada.

— É isto o que você quer? - Ela perguntou trazendo sua mão para seu peito. Curvando adiante, ela lambeu sua garganta. Anael fechou os olhos, saboreando a sensação. Sim, era isso que ele estava procurando. Que ela o desejasse, o amasse.

— Leve-me então, se isso que você quer. - Como um selvagem, Anael ajustou suas mãos ao redor da cintura dela e a ergueu para cima, trazendo seus seios a sua boca. E então os sugou, amamentando-se nela, faminto por ela.

A mão dela se moveu entre seus corpos, enquanto se contorcia sobre ele. Seus gemidos encheram o quarto, assim como o cheiro de sexo. Ele agarrou seu pênis, e o levou até sua abertura. Instintivamente ela se sentou sobre ele, afundando rápido e duro, tomando todo seu comprimento em sua boceta, segurando-o em um punho. Ele gemeu, apertados os quadris em suas mãos e determinou o ritmo lentamente, contorcendo-se na dança da sedução. Queria durar, e não se derramar dentro dela depois de um punhado de golpes. Queria ficar dentro dela a noite toda, queria ser seduzido e atraído pelo chamado de seu corpo. Eve sabia que ela a estava assistindo, podia sentir o calor de seu bonito olhar viajando junto a seu corpo pálido enquanto ela se equilibrava em cima dele. Estava sobre um Raí do luar, e sabia que o brilho de prata iluminava seu corpo. Ele podia ver tudo dela, mas ela não podia ver nada. O que estaria pensando?

— Eu penso que você fica deslumbrante montada em mim. - Suas mãos grandes estavam viajando em cima seus quadris, cintura e costelas. Ela sentiu seu olhar queimando seus mamilos, e soube então que ele estava assistindo o balanço de seus seios. De repente os cobriu com as mãos, e ela viu como eram grandes, derramando-se fora das palmas dele. Com um sorriso ela lançou a cabeça pra trás e escutou a aspereza de sua respiração ao ter uma visão completa de seu corpo ondulando sobre ele. Eve se estorceu e gemeu, deslizando as mãos junto a seu corpo e pele sensibilizada. Ele gemeu e suspirou, empurrando seus quadris para cima, enchendo-a ainda mais duramente.

— Você fode com um súcumbo. - Ele disse sua voz agora em um grunhido baixo na escuridão. - Um lindo demônio extraindo a vida de mim, e essa é uma tortura pela qual eu morreria de boa vontade.

A cama estava balançando com suas punhaladas, assim como seus seios. Eve montou seu amante mais e mais duro, e ele quis mais. Quando ela começou a se cansar, suas

coxas queimando, ele a ajudou empurrando seus próprios quadris. Enchendo-a impossivelmente mais fundo, com golpes inflexíveis até que ela estava suando. E então, sabendo que ela estava muito perto, ele descobriu seu clitóris, acariciou e puxou até que ela gritou, endureceu e então caiu sobre seu tórax úmido.

— Eve. _Ele murmurou suavemente enquanto escovava o cabelo dela para longe do rosto. - Você tem um nome apropriado. É uma criatura da tentação, e como Adão, eu adoraria todos os gostos ilícitos que você oferecesse.

Capítulo Oito

— Onde diabos você estava? - Anael estudou o homem sentando em sua frente. Richard Stokes ainda era um idiota.

— Você chamou e mim pediu meus serviços. Mas isso não quer dizer você seja a porra do meu dono.

— Sim? - Richard perguntou seus olhos relampejando de maldade. - Bem até agora, eu não tenho tido um caralho dos seus serviços.

— Até agora você não os mereceu.

— Desde quando anjos de Deus se tornaram juízes de moral?

Anael sentiu seu temperamento começar a subir. Richard Stokes estava se tornando um espinho na bunda. Ele não gostava do mortal, não que se importasse muito com mortais que ajudou no passado, mas esse aqui... esse macho humano era diferente. Existia algo escuro e sinistro sobre ele. Os outros tinham sido todos desajeitados e inseguros ao redor das mulheres. Mas não esse aqui. Richard sabia se comportar era até mesmo confiante, se o modo como ele estava se comportando com a garçonne fosse uma indicação, então deveria ter anos de experiência. O que fez com que Anael realmente olhasse para Richard.

— Por que você precisa de mim? - Os lábios de Richard se torceram em um sorriso de escárnio.

— Com certeza não é pra me ajudar a cantar minha pedra. Não tenho problemas em fazer mocinhas caírem na minha cama. É uma mulher em particular em que não consigo chegar.

— E o que há a respeito dessa mulher em especial, por que se não é problema fazer com que as outras caiam na sua cama. E não me diga que está apaixonado, porque nisso não consigo acreditar. Você não é capaz de amar ninguém mais que você mesmo.

Richard o saudou com sua garrafa da cerveja. — Bingo!

— Por que eu estou aqui?

— Você vai me ajudar a ter a mulher que eu quero.

— Quem é esta mulher? - Richard alcançou o bolso de seu casaco e retirou um pedaço dobrado de jornal. O deslizou através da mesa para Anael. - Eu a quero.

Anael desdobrou o jornal amarelado e sentiu a vista enegrecer. Era um retrato de Eve, seu cabelo estava preso em um apertado coque e vestia luto fechado.

— Não é seu melhor retrato, mas de uma folga. Foi tirado há três anos no velório de seus pais. Desde então ela ganhou algum peso, mas não é um problema que não possa ser resolvido. - Anael traçou os contornos do rosto da Eve. Ela parecia tão devastada. Tão triste. Tão sozinha. Ele queria segura-la em seus braços como fez na noite anterior, tirar a dor com seu corpo.

— Você sabe o quão especial é essa mulher? - Richard perguntou. Ele negou com a cabeça em resposta, desacreditando que aquele mortal inútil sequer suspeitasse o quanto Eve era especial.

— Eu estou falando de vinte milhões de especiais. O papai era um magnata de negócios e mão de vaca. Ele manteve seu dinheiro, e a pequena Eve conseguiu isso tudo quando os pais morreram em um acidente de carro no Caribe. Eu quero esse dinheiro.

— E a mulher? - Anael foi incapaz de disfarçar o grunhido que escapou por seus lábios. - Você pensou na mulher, ou o dinheiro é tudo que pode ver?

— Eu posso fazer dela o que quiser, não estou preocupado com isto. Além disso, eu posso manter a idiota perto por pouco tempo. O que me preocupa é o fato que eu não conseguir chegar até ela.

Ele não estava se aproximando agora nem nunca, Anael cuidaria disso. Aquele mortal não destruiria a mulher por quem ele havia caído de amores. Fazer amor com Eve na noite anterior havia solidificado seus sentimentos. Ele a queria, não só para sexo, mas para si. Queria a mulher que ela era, queria uma vida com ela. Nem mesmo a ameaça de ser mandado de volta ao Abismo era suficiente para fazê-lo mudar de direção agora. Richard Stokes não a teria. Ele encontraria um modo, sempre havia um modo.

— Faça isso acontecer. - Richard estalou, terminando sua cerveja. - Eu vou ficar esperando. Tenho um encontro com ela amanhã, meu amigo Martin finalmente conseguiu. Sua esposa é amiga de Eve, e ela acha que sou perfeito para ela. Mas vou

precisarei de algum daquele seu pó mágico, a quero desesperadamente apaixonada por mim quando o prato principal chega. Você consegue isso, menino de anjo?

— Vá se foder. - Richard olhou para trás por cima do ombro, levando o seu olhar para o rosto de Anael e seus lábios retorcidos.

— Olha o único fodido aqui é você. Eu já sei tudo sobre você, Anael. Um passarinho me contou que eu sou o último pra quem você precisa encontrar uma alma gêmea, antes de finalizar sua maldição. E você quer isso. Mau. Então traga a putinha pra mim. Eu quero que aqueles milhões e sua bundinha gorda em minhas mãos. - Anael tentou olhar como se não desse a mínima, mas iria descobrir como Richard sabia tanto sobre ele e quem tinha contado.

— Sariel. - Richard forneceu. - Ele me chamou na manhã do dia em que você me encontrou. Ele me disse muito sobre você, sobre como você sofreu após sua queda. Disse que havia um lugar para onde você não podia suportar retornar. Um lugar que você temia você, o anjo grande e poderoso de Deus. Ele me disse que temia esse lugar demais e que não havia nada que não fizesse se isso significasse não ter que retornar para o tal abismo.

— Ele estava errado. - Anael disse sua voz calma.

— Não, eu não acho que estava. Eu vejo o medo em seus olhos, o terror está aí, brilhando apenas com a menção da palavra. Não. Você vai fazer tudo e evitar esse lugar. E tudo que você tem a fazer é me trazer Eve e seus milhões. Isso é tudo que eu quero. É tão ruim? Querer um futuro? Querer alguma segurança?

— Você fala do dinheiro, mas não da mulher.

— Ela é uma forma de conseguir. Eu posso fazer isso, não é um problema. Já tive experiência com um par de garotas feias antes. Inferno, se ela perdesse uns 10 kg eu até poderia gostar. E, além disso, que porra te importa o que eu faço com ela? Ela vai gostar de mim, e se não gostar, vai pagar por isso.

A pele de Anael formigou com a consciência de que o Diabo realmente se escondia na pele daquele mortal. Richard tinha planos para Eva e nenhum deles era amoroso. De repente, Anael estava fora de sua cadeira, sua mão foi envolvida em torno da garganta de Richard. E ele bate contra a parede, Anael inclinou-se e olhou para seu rosto, os dedos apertados em torno da garganta do homem.

— Mantenha essa porra longe dela, você entendeu? - Os olhos de Richard desafiaram os dele.

— O quê? Você a quer pra si mesmo? O que você faria com ela? Você nem é um homem. — Os dedos de Anael se apertaram, ele podia sentir os ossos na garganta Richard e queria muito esmagá-los. Viu o olhar de Richard desviar por cima de seu ombro e sabia que ele tentava chamar os outros clientes do bar para ajudá-lo. Mas Anael já havia usado seus poderes de manipulação e comandando os clientes a ignorar a comoção no canto e continuar com suas próprias coisas.

— Eles não vão ajudá-lo, mortal. - Anael zombou, cheio de satisfação quando viu um lampejo de medo no rosto de Richard. Mas muito cedo foi substituído por presunção.

— Você está com ciúmes dos seres humanos. Você quer o que temos, quer seu pau apertado por uma boceta quente e suspeito que seu Deus não esteja disposto a permitir isso a você.

— Cala a boca.

— É isso, não é? Você quer o que não pode ter.

— Ela é minha. - Anael silvou. - Minha. E eu matarei você se chegar a se aproximar dela.

— Não vai haver nenhuma morte, não hoje.

Anael girou sua cabeça para a direita e viu Sariel e Samael caminhando para eles, seus casacos escuros longos rodando a seu redor. Isso era a última coisa com que ele poderia lidar, Sariel podia ir para o diabo maldito com tudo o que lhe importava. O filho da puta de Richard Stokes morreria hoje. Agora. Assunto encerrado.

—Irmão. - Samael disse quando parou ao lado de Anael. - Não é a hora do mortal.

— Quem disse?

— Você sabe quem.

— Sim? Bem, ele não fala mais comigo. Então, não ligo um caralho com o que ele pretende para esse pedaço de merda.

— Ele quer que você o deixe ir.

A mão do Samael embrulhou dedos do ao redor da de Anael, lentamente retirando os seus dedos longe da garganta de Richard. Quando estava livre, Richard deslizou abaixo na parede, ofegando e segurando a garganta.

— Vá. - Sariel ordenou a Richard, o mortal não desperdiçou tempo e correu como se o Diabo o perseguisse.

— O que você estava fazendo? - Sariel perguntou.

— Nada que seja da sua conta.

— Tudo é da minha conta.

— Se isto é verdade, então você já devia saber o que eu estava fazendo.

— Você estava planejando tirar a vida de um mortal. - Sim, e teria sentido uma condenação bem, por fazer isso.

— Você nunca foi um assassino, irmão. - Samael murmurou.

— Não. Mas ainda tenho um pedaço do meu corpo guardado para esse pecado em particular a ser marcado.

— Chega. - Sariel rosnou, vindo para permanecer entre ele e Samael. - Você tem uma missão na terra, então a realize e saia daqui. Consiga para o mortal a mulher ele quer e parta.

— Não. - Os olhos azuis do Sariel se alargaram de ira.

— Você está jogando com o equilíbrio do mundo. Você tem uma obrigação para com a pessoa que o chamou. Consiga a mulher que ele quer. – Os olhos de Anael se estreitaram.

— Porque diabos você está aqui, Sariel? Por que você está caminhando no meio dos mortais? Por que está interessando no que acontece com eles?

— Porque ele está plantando as sementes da profecia.
Anael girou ao redor e assistiu a figura gigante emergir das sombras negras do bar.

— Gabriel. - Ele sussurrou sua voz soando aterrorizada quando assistiu seu irmão, o Anjo da Guerra aparecer ante ele.

— Irmão. - Gabriel acenou em saudação.

— Por que você está aqui? - Anael perguntou. - Você odeia os humanos. - Gabriel lançou um olhar à esquerda, para a mesa onde uma mulher estava acomodada tentando acalmar um recém-nascido alvoroçado.

— Eu estou aqui conversar e tentar trazer um pouco de razão a você. - Anael viu a dureza nos olhos Gabriel à mudança para adoração e amor, enquanto observava a mulher e seu bebê. Ela tinha jogado um cobertor sobre seu ombro e ofereceu o peito ao bebê, que se ocupava mamando avidamente.

Um sentimento de vazio tomou conta do peito de Anael, aquele não era apenas um recém-nascido. Aquele era um Nephillim. Criança gerada de uma mulher mortal e anjo. Esse Anael percebeu, era filho de Gabriel. A maneira como Gabriel olhou para os dois, a energia feroz que sentiu percorrê-lo, disse-lhe que seu irmão havia encontrado o que ele sempre quis. Amor e aceitação.

— Este não é o seu caminho, irmão.

— Sim, bem, uma esposa e filhos não era o seu, também. No entanto, aqui está Gabriel. - De repente Gadriel lançou o olhar sobre Sariel.

— Você não disse a ele?

— Ele tem guardado rancor contra mim. Zombou Sariel enquanto cruzava os braços sobre o peito maciço. - Ele não quer me ouvir, não quer ouvir mesmo.

— Isso mesmo. - Anael agarrou e puxou seu casaco da parte traseira de sua cadeira. - Eu não estou interessado em qualquer coisa que você tenha a dizer, Sariel. Francamente, eu não dou à mínima.

Gabriel bloqueou seu caminho.

— Então, ouça-me.

— Por que eu?

— Porque você está andando por um caminho que não foi escolhido pra você, irmão.

— Certo. Eu esqueci. O caminho que foi escolhido para mim foi o de ser preso em uma cova escura para ser estuprado dia após dia por dois demônios que saíram de em meus gritos de dor.

— Esse foi o seu castigo. - Anael lançou para Sariel um clarão carregado de tudo o que sentia a seu respeito. Gabriel pôs sua grande palma em ombro do Anael.

— Volte para nós, irmão. - Anael olhou a mulher, assistindo a cascata de cabelo longo acima de seu ombro quando ela alisou o cabelo enrolado da criança.

— Volte para ela. -Ele ordenou a Gabriel. - Mas Gabriel, persistente como o maldito diabo, só apertou ainda mais, segurando.

—Você tem uma missão para cumprir.

— Não estou interessado.

— Não importa se você está ou não. A profecia foi fixada e você é uma parte disso. — Eve? Ele se perguntou.

— Ela não é... - Gabriel terminou para ele. - Essa mulher não é seu futuro, ela pertence ao mortal que você estava querendo matar.

— Não. - Anael não podia parar negar, apesar de saber que dizendo aquela palavra, seus irmãos conheceriam, entenderiam o que queria dizer. Ele não desistiria de Eve, ele não retornaria a eles, seus irmãos.

— Seus caminhos nunca estiveram cruzados. - Samael disse sua voz quieta próxima a ele. - Se você continuar por esse caminho, não destruirá só você, mas a ela. Pense nisto, Anael, você realmente quer arruinar o futuro da mulher?

Não, ele não queria. Mas também não queria que Richard a tivesse, talvez pudesse tolerar isso melhor se fosse outro mortal, com consciência, um homem que se importaria com ela e amaria. Mas Richard Stokes só gostava dele mesmo e do dinheiro de Eve. Ela merecia mais, merecia ser amada. Protegida. Desejada.

—Você mudará o destino. - Samael disse para ele. - Você está alterando seu futuro, e não é para melhor. Você a está levando para baixo, para a escuridão e um caminho perigoso.

— Eu nunca a prejudicaria.

— Talvez, irmão. Você já tenha feito isso.

— Deixe a mulher, irmão e junte-se a nós. Ache seu próprio caminho. Siga seu próprio destino e deixe a mulher seguir o dela.

— Você pode dizer isto, Gabriel porque você achou um destino que se adapta a você. Você tem aquela mulher, uma mulher obviamente ama e aprecia. Tem uma criança. Tem o que você quer. Está tão errado eu querer? Por que eu não posso ter o que você tem? Por que não pode ser eu a ter uma mulher se considere como minha mulher? Por que eu não posso ver a carne da minha carne nos braços da minha amante,

amamentando em seu peito? Por que não posso deitar na cama de noite com uma amante e abrigá-la? Por que isso me foi negado? Meu era cair foi tão pior que o seu? Que o de Samael?

— Volte para nós e descubra o plano dele para você.

— E assista você e sua mulher? Você quer que eu veja o que acontece entre vocês? Quer que eu suporte e sofra ao saber que o que você tem, o que você achou está para ser sempre negado para mim? Para sempre é muito tempo, Gabriel, e eu não sou tão forte.

— Irmão. - Samael sussurrou – Você tenta os desígnios perseguindo essa mulher. Você está alterando o futuro dela e não é capaz de saber o que pode acontecer.

— Eu a mantereí segura.

— Mas e se você não puder?

— Eu tenho os meus meios. E sofreria qualquer coisa por ela. - Anael tirou o casaco e acenou para seus irmãos. - Essa foi uma reunião de família bastante agradável, mas já fiz tudo que tinha para fazer. Considere sua missão cumprida, Gabriel. Você tentou me convencer a voltar para casa, mas eu não vou. Já encontrei o que estava procurando.

— Anael.

— Deixe-o ir, Gabriel. Ele escolheu seu caminho e agora deve aprender a viver com as conseqüências. Nós só podemos esperar que a clemência de Deus aos nossos irmãos.

Capítulo Nove

Ela estava sonhando. Em um canto escuro de sua mente, ela ouviu sua voz, sussurrando para ela, chamando por ela. O convite, tão familiar, a fez sentir menos vazia. Só em seus sonhos e suas fantasias podia o ouvir falando, nunca quando estava acordada. O sonho devia-a tê-la acordado, era tão vívido, que ela saiu de sua cama, caminhou até a janela e a abriu. O vento deveria estar frio, era inverno, afinal. Mas neste sonho, era tudo morno, abafador, úmido como uma noite de julho. As portas francesas da janela de repente se abriram, assim que a voz em seu sonho comandou. Ela se viu ficar entre as portas, o vento soprando a bainha de sua camisola magra em cima e ao redor das pernas. Seu rosto girou para cima e ela quase pode sentir o calor da lua.

— Eu não deixarei você ir com ele. Encontrarei uma maneira. - Ela ouviu a voz de seu estranho em seus pensamentos da mesma maneira que as portas foram devagar sendo abertas, permitindo que o ar morno passasse e envolvesse seu corpo, penetrando pelas fibras de sua camisola de gaze. O sonho era tão real que ela sentiu a seda suave e lisa deslizar contra suas coxas. Sentiu o vento em seu rosto, e o sopro de ar úmido cobrir sua pele. Um raio de luar prateado brilhou no quarto, e Eve alcançou para tentar tocá-lo, era como se ele tivesse vida própria. Ela não podia olhar para outro lugar, pelo contrário, caminhava para ele, para algo que a estava chamando.

— Venha para mim, linda. - A voz sussurrou novamente. Agora, entretanto, ela sentiu as palavras se embrulharem ao redor de seu corpo, o aquecimento até que ela sentisse a necessidade sexual começar a assumir o comando de suas ações. Esse não era mais um sonho, mas uma realidade. Realidade que só se fazia possível por causa de seu estranho misterioso.

— Não, não mais um estranho. Agora um admirador. *Seu admirador sombrio.*

— Um Anjo. - Ela murmurou, erguendo sua mão para o halo de luar.

— Um caído.

— Eu não me importo como o que você é. Eu só sei que desejo você. - Uma mariposa voou através das portas abertas, suas asas delicadas cintilando, como papel oscilando ao vento. Ela estendeu a mão para tocá-la quando ele

pousou na cortina, mas voou para longe, as asas vermelhas e negras tremendo descontroladamente na luz prateada. Erguendo o rosto para a brisa, Eve fechou os olhos, saboreando o ar que sussurrou ao longo de sua pele febril.

— Este é o nosso Jardim do Éden. - Disse a voz. - E você é minha Eva.

— Então eu vou tentá-lo? - Suas pálpebras se abriram quando sentiu algo macio tocar sua mão. A mariposa havia pousado em seu dedo e ela sorriu, levantando a mão para a luz da lua para que pudesse estudar suas luzentes asas pretas e vermelhas.

— Sim. Você me tentou para além do que eu pude suportar. - A mariposa se levantou de seus dedos quando suas mãos voaram para o rosto. Seus dedos foram imediatamente capturados e detidos, ela ofegou quando sua visão foi coberta.

— É apenas seda. - disse Anael contra seu ouvido. Ele deslizou o material ao longo de seus dedos. — Suave, assim como sua pele.

Ela não conseguia falar, mal conseguia respirar. Suas costas foram firmemente pressionadas contra o peito dele e ela pode senti-lo através de sua camisola fina, o calor e energia incríveis irradiando dele.

— Por que estou com os olhos vendados?

— Minha fantasia. - Ela ouviu a falta de inflexão em sua voz. Não era sua fantasia, era algo do qual ele tinha necessidade.

— Eu quero ver você.

— Não vai gostar disso. - Ele a deu a volta e segurou-a firmemente contra seu tórax. - Você não gostaria do que vai ver.

— Deixe-me ser o juiz.

— Não. Porque tenho medo do veredicto.

— Você não sabe muito de mim então. Eu não julgo homens por causa de seus rostos, eu os julgo pelo seu caráter.

— Não ainda. - Ele disse, e ela ouviu minúscula armadilha em sua voz. - Um dia, talvez, mas não ainda.

— Por que nunca posso ouvir você durante o dia, quando eu estou acordada? Eu sei que você está comigo. Posso sentir você me observando, mas mesmo assim nunca fala comigo.

— Eu não tenho nenhuma voz. As palavras você ouve agora vem de nossos sonhos e fantasias compartilhadas.

— E se eu estivesse acordada agora, você partiria?

— Sim. - Ele quase gemeu. - Então, por favor, não acorde, Eve. Por favor, não faça. Eu espero o dia todo, faminto por horas e horas, esperando pelo momento de você adormecer e eu poder vir para você em seus sonhos, e assim me ouvir e sentir.

— E se eu quiser ver você, também?

— Você pode, em sua mente.

—Anael.

— O sol estará nascendo em algumas horas, vamos usá-las de um modo melhor. - A Eve suspirou, e se deixou ir negligente contra ele. Normalmente não seria tão complacente, mas ele estava certo. O sol estaria em cima logo, e então ele iria embora. Ela acordaria para a luz do dia, sozinha em sua cama, só com o perfume dele em sua pele e as memórias de seu corpo bem no fundo dela para lembrá-la que ele tinha estado lá.

— Você parece com uma princesa medieval diante do luar. - As mãos grandes de Anael vagaram pelos contornos de seus quadris e então mais baixo, até a parte inferior. - Gire só um pouco, sim. Assim, eu posso ver a curva dos seus seios, essa camisola é transparente sob o luar, e você sob a lua é algo que deve ser saboreado e adorado.

Eve girou ligeiramente, só para sentir sua palma correr ao longo da curva arredondada de seu peito, de um lado para outro, até que seu mamilo endurecesse. A respiração dele em sua bochecha aquecida intensificou a estimulação. Estar com os olhos vendados, fez com que seu sentido exalta-se. Ela estava ciente de seu todo movimento, toda respiração. A força de sua necessidade a deixou arquejando, fez sua pele parecer viva com os golpes gentis das pontas dos dedos dele. Ela podia cheirá-lo, podia sentir o incrível calor de seu tórax queimando em suas costas. E em silêncio implorou que ele arrastasse o polegar junto a seu mamilo, mas ele deslizou os dedos abaixo das costelas. E então mais baixo, até que sua mão estivesse completamente aberta e assim fosse possível manusear plenamente seu ventre, fazendo dela molhada e dolorida. Só então ele se permitiu tocá-la entre as pernas, com a palma aberta

apertou a seda entre suas coxas, esfregando o tecido, enlouquecendo-a com a fricção do tecido contra seu clitóris erguido e sensível.

— Você tem um corpo tão bonito. Eu posso ver tudo, cada curva e entrada, assistir seus mamilos endurecerem para mim. Posso vê-los pressionando contra a camisola, como seus seios cresceram pesados, contar cada respiração apenas observando a subida deles. Posso sentir o tremor do seu corpo nu por baixo da seda, ver que a agitação através das sombras e da luz, sinto tudo estremecendo contra mim. Eve sentiu as pernas ameaçarem falhar, estava tão molhada, completamente ansiosa por ele.

— Eu gostaria de tomá-la aqui, de pé, no escuro, observando seu corpo nu contorcendo-se neste feixe de luar. Quero ver como te preencho completamente com meu pau, quero ver seu corpo levando tudo e querendo mais. Mais profundo e mais difícil. — Ela choramingou com suas palavras, o som da respiração dele se tornando mais duro contra sua orelha.

— Você gostaria de me ver de enchendo? - Ele passou os dedos mais uma vez sobre seus mamilos, desta vez, no entanto, mal tocou, e ela choramingou com sua expectativa desapontada. Dobrando a cabeça contra a luz, ele trouxe sua boca em cima da dela.

— Beije-me. - Exigiu com uma voz dura antes de sua língua encontrar na boca dela. Preguiçosamente eles se beijaram, até que ele quebrou o contato e arrastou os lábios por sua bochecha até a orelha.

— Me receba no seu corpo. — Sua roupa de repente estava indo, tirada de seu corpo com uma velocidade ela não podia entender e nem se importava. Ouviu a respiração presa dele, seguido por um baixo rosnado em sua garganta, antes dela ser erguida e colocada sobre o tapete. A venda de repente foi rasgada de seus olhos, e ela piscou, diante sua visão ainda inconstante. E então ele estava lá, encima dela, completamente nu, seus ombros largos e tórax esculpido, lindos sob a luz branca prateada. Seus olhos estavam quase ardendo na escuridão, aquele estranho e exótico verde como a cor das regiões tropicais. Mas seu rosto, seu rosto bonito estava escondido nas sombras.

— É como deve ser, Eve. Você vai me deixar entrar? - Ela o agarrou, puxando-o para ela, mas ele foi mais baixo, até que sua boca estava contra a barriga dela onde aninhou a boca.

— Você me terá assim, Eve? Você me aceitará?

— Sim. - Ela sussurrou quando sua boca desceu mais abaixo, para seu quadril onde lambeu e beijou uma trilha ardente pra baixo da perna dela. A boca do Anael estava

chupando sua coxa interna, e ela tentou agarrar seu cabelo. Sua boca se inclinou mais íntima, para seu sexo molhado, onde ele se concentrando na umidade e no calor de seu corpo. Sua respiração era dura e ela sentiu os músculos dos ombros dele puxando na posição que estava sobre ela. Continuou a tortura-lá com sua respiração, levemente pastando de seus lábios acima do seu sexo inchado e molhado. Com um golpe de vista, Eve notou o flash de seus olhos verdes, sentiu uma lambida do desejo percorrer seu corpo.

Agarrando seus seios, os empurrou para cima, apertando e estimulando os mamilos.

— Sim, toque você mesmo. Assim. - Ele silvou e empurrou seus dedos dentro do sexo dela, que se arqueou em um gemido baixo, empurrando contra a mão dele. Vê-la se tocar, despertou Anael. Eve ouviu suas respirações ásperas e vislumbrou o modo como ele deslizou a língua por seus próprios lábios. Acariciou-a mais, empurrando três dedos em um ritmo crescentemente exigente. Veio até ela, trazendo sua boca, beijando-a lentamente, completamente, um prelúdio do que estava para vir. Com um gemido constante, Eve embrulhou seus braços ao redor do pescoço dele, esfregando os mamilos contra seu tórax. Sem romper o beijo ele cruzou o chão e a colocou em cima da cama. O corpo dela estava inquieto contra seu, com os dedos em seu cabelo ela o trouxe para mais perto. Ele colocou o polegar ao longo do mamilo dela. Eve gemeu em sua boca e moveu-se sem parar sob ele, que terminou o beijo apenas para poder encher as mãos com os dois seios. Anael viu a expressão de prazer no rosto dela, seus olhares se encontraram e ele muito propositadamente esfregou ambos os polegares em seus tensos mamilos rosados para que assim pudesse vê-la arregalar os olhos e estender a língua para molhar os lábios. Seu corpo estava no auge do calor e da vontade de tomá-la. Foder com força. Sua necessidade era tão intensa, tão aguda, que ele não era mais capaz de conter os impulsos. Incapaz de resistir à tentação quando Eve os ofereceu, ele encheu as mãos com carne macia e seguiu em frente, sentindo o perfume do vale entre seus seios. Com os mamilos a escassas polegadas de sua boca e ele jogou a ponta da língua, primeiro em movimentos firmes e curtas, e em seguida devagar, com círculos vagarosos. Seus dedos recomeçaram a acariciá-la, magicamente passando os joelhos para a parte interna das suas coxas.

— Você quer minhas mãos por todo o seu corpo, não é? - Ele deslizou a palma da mão por sua coxa e barriga, onde circulou o umbigo com um dedo.

— Quer minha boca cobrindo você? - Eve estava ofegante de luxúria, aquilo era muito. Ela se torceu debaixo dele, e foi acalmada a pressão de sua pesada coxa.

— Você quer me sentir dentro de você, não é, Eve? Precisa me sentir dentro. Onde precisa mais de mim? Diga as palavras.

— Minha boceta. – A língua de Anael rastejou junto à pele dela. Apunhalando-a com prazer que percorreu o seu corpo. Gritando, ela arqueou as costas e fechou os olhos.

— Me veja entre suas coxas. - Eve observou a cabeça escura de Anael entre suas pernas. Com reverência ela deslizou os dedos pelo cabelo dele, assistindo quando lentamente lhe fez amor com seus lábios e língua, escutando seus suspiros de prazer enquanto era lançada cada vez mais perto do orgasmo.

— Tão bonito. - Ela sussurrou, assistindo a boca dele move-se junto a ela. - Um anjo bonito e escuro. Ele olhou para ela, a metade tatuada de seu rosto escondida na sombra. Ele sorriu um sorriso lento, preguiçoso e sedutor.

— Diga de novo.

— Anjo bonito.

— Não. Nada é mais bonito do que agradar você entre suas coxas. - Eve gemeu e alargou os joelhos, segurando a cabeça de Anael entre suas coxas. Ele tomou seu tempo, saboreando-a, levando-a lentamente, e todo tempo fazendo com que fosse mais e mais alto até que ela estava quase lá. E quando quase alcançava o orgasmo, era novamente arrastada para longe. Logo ela estava puxando seu cabelo e afundando as unhas junto a seus ombros, clamando para que ela a permitisse gozar. E então ele fez. Com estalos pequenos rápidos contra o clitóris em chamas, ele a ofereceu o maior e mais forte orgasmo de sua vida, e enquanto ela gritou por ele, assistiu. Eve foi capaz de perceber aquilo, o modo como Anael bebeu sua resposta e antes dela poder descer de volta do céu, agarrou e posicionou de forma a sentá-la montada sobre a ereção que pulsava contra suas dobras inchadas.

— Você me fez seu discípulo, *muirnin*. Eu a seguiria até o inferno. - Anael deixou seu olhar vagar liberalmente junto ao corpo dela. Tomou seu tempo estudando-a na luz, assistindo como o luar beijava sua pele. Seu olhar desceu do declive gentil de seu ombro para a curva de seu pescoço. Alcançando, ele arrastou os dedos ao longo da curva de sua cintura e em cima do quadril, o tempo todo assistindo no espelho sua mão vagar junto aquela pele de alabastro. Todo o corpo dela se arrepiou em vida abaixo de seus dedos e ele sentiu o balanço de Eve. Sua mão afinal achou a deliciosa bunda dela e a apertou. O dedo deslizou rapidamente abaixo de suas nádegas rechonchudas, só para desaparecer nos cachos que já haviam se umedecido para ele. Anael adorou a possessividade de assistir suas próprias mãos nela, de ver seus dedos contra sua pele, como se a estivesse marcando.

— Oh, Deus. Quanto mais tenho, mais quero possuir você, Eve. - Ele gemeu. - Quero marcá-la como minha, porque assim você nunca esquecerá que pertence a mim.

O corpo dela tremeu e ele agarrou seus seios, trazendo-os juntos e correndo os dedos polegares acima dos mamilos, produzindo outra ondulação de tremores pelos membros dela. Ele estava doendo, mas queria tomar as coisas lentamente, saborear o momento.

— Me diga que quer isso. Que quer meu pau dentro de você. - Seus olhos ficaram largos quando ele a levantou em cima de seu colo e tomou seu pênis com a mão e empurrando devagar nela, dizendo para que ela se sentasse sobre ele. Um leve brilho de transpiração gotejou entre seus seios e ele o capturou com a ponta de dedo e esfregou contra um mamilo até que ele brilhou como uma cereja. Com golpes lentos ele fez amor com ela, assistindo-a mover-se sobre ele, seu corpo o amando, cercando. Reunindo todo o autocontrole que possuía, ele foi ainda mais devagar e apenas quando os raios do sol começaram a listrar o céu, ele finalmente se permitiu ter o prazer de gozar dentro dela, e sentir seu corpo suave cair sobre seu próprio tórax. Essa noite com ela tinha que ser suficiente. Tinha que ser, por que não poderia existir mais noites com Eve, noites dentro de seu corpo. Ela era uma linda mortal, ele era um anjo caído. Como Romeo e Julieta, eles estavam condenados a viver separados para sempre.

Capítulo Dez

Eve olhava fixamente para o homem sentando em sua frente. Richard Stokes era tudo o Gemma disse que seria, sendo sincera, ele estava definitivamente bem para ela. O decote baixo do vestido preto simples que ela estava usando certamente tinha sido a escolha correta para o encontro dessa noite. Ele não podia manter seus olhos castanhos fora de seu colo, e o decote, tinha que admitir, permitia uma ousada vista.

— Ostente o que você tem. - Gemma sempre dizia e Eve definitivamente tinha. Então ela decidiu que poderia dar ao Sr. Stokes um gostinho o que poderia esperar. Desde o aparecimento mágico de seu estranho angelical, Eve havia se tornado uma sereia. Nunca tinha estado tão confortável com seu corpo exuberante ou sua sexualidade. Certamente, nunca vestira qualquer coisa ousada ou reveladora em sua vida. Mas a verdade era, gostava dos olhares que ela estava conseguindo só de seu encontro, mas de outros homens também.

Com uma aceno e pegou seu chá gelado Long Island¹⁵ e tomou um gole como uma senhora. Ela não podia esquecer o calor que o olhar fixo de desejo de todos os homens sobre ela, nem podia ela esconder o fato que ansiava que cada um deles pertencesse a seu amigo misterioso, seu admirador sombrio.

— Você aceitaria outro?

— Isso seria ótimo, Richard. - Ele movimentou a cabeça, curvado adiante e pegou a garrafa e lançou outro olhar para seus seios. Ela devia estar lisonjeada e excitada, e talvez se fosse há uma semana, talvez estivesse mesmo. Mas não agora, agora ela queria um homem em especial, e um apenas esse homem. Richard Stokes se dirigiu para o bar, e ela o observou, sentindo-se culpada por seus pensamentos. Ele parecia um sujeito agradável, e certamente bom de olhar, com um corpo bom. No entanto, não era capaz de entusiasma-la. Sua conversa era perfeitamente normal, e a deixou

¹⁵ Coquetel alcoólico feito a partir de vodka, gim, tequila e rum. Em: <http://migre.me/57kPn>

me entediada e inquieta. Estava procurando por algo hoje à noite, e não era Richard. Nem qualquer outro homem no clube.

Ela viu Richard se debruçar contra o bar e olhar para ela. Eve virou sua atenção pra outro lugar depressa, temendo estar mostrando o desinteresse que tinha com ele, e como queria não ter aceitado o convite para uma bebida depois do jantar. Tudo isso soava tão absurdo e louco, ela estava perdida por alguém que só conhecia de seus sonhos, que nem sabia se era real ou invenção de alguns orgasmos muito pesados. Mas de uma coisa ela sabia, com certeza não podia confiar mais em seu próprio julgamento ou sanidade.

Arrume juízo, uma voz em sua cabeça disse. Você não vai desprezar um cara simplesmente por causa de seu amante de fantasia. E aquela voz guerreava com o outro, a voz dizia a ela que já não poderia dar seu coração para outro. Era verdade. Ela estava apaixonando por um homem que nem sequer conhecia. E até onde sabia, nem era homem, ela não tinha idéia de nada sobre ele, só soube que sentiu uma conexão funda. E soube que ele tinha sido o homem que libertou sua sexualidade, o único capaz de fazer seu corpo lamentar de prazer. Se permitisse, Richard poderia oferecer prazer semelhante?

— Não, ele não pode, porque você não é dele. Você pertence a mim. Só a mim. - Ela ouviu a voz de seu amante escuro sussurrando em sua mente. Procurou pelo clube, tentando encontrar seu corpo alto, mas não achou ninguém que pudesse combinar com sua altura e largura dos ombros.

— Aqui está. - Richard retornou com a bebida fresca, e ela assistiu quando ele se sentou e abriu os botões de seu casaco esporte. As palavras sussurraram mais uma vez.

—Você é minha. Só minha. - Ela piscou olhado em cima e encontrou o olhar curioso de Richard para ela. O que ele viu em seus olhos, ela não soube, mas com certeza ele não gostou. Pois agarrou sua mão e a segurou, deslizando seus próprios dedos acima das pontas dos dedos dela, e quando ela o olhou, foi capaz de jurar que havia triunfo em seus olhos. A multidão escolheu aquele momento para aumentar e restringi-los em sua cabine, o brilho do olhar se aprofundou, agora que sua visão estava obstruída.

— Eu sei que já disse antes que você é linda. Mas, não disse como também é incrivelmente sensual. Deus, esse vestido ele lançou seu olhar mais uma vez para os seios dela. - Esse vestido é perfeito em você.

— Eve. - Richard disse, debruçando-se mais acima da mesa, tentando ser ouvido acima da música. - Você tem que saber que eu te acho muito atraente.

Ela tentou prestar atenção em seu acompanhante, não pensar em Anael e seus sonhos, mas ele era bem insistente em ser lembrado, porque de repente os corpos que

dançavam se afastaram, revelando uma mesa onde uma única vela tremulava. Estava diretamente atrás de Richard, apertada em um canto escuro onde as luzes da boate não alcançavam. E acomodado nela, estava Anael, observando Eve e Richard. Seu corpo imediatamente se aqueceu, parecendo chamejar com a excitação e tensão sexual. Ela pode ver o modo como seus olhos verdes escureceram, o modo como à luz da vela chamejou em seu rosto. Seguindo o movimento, Eve tentou desesperadamente ouvir sua voz.

— Tem alguém lá? - Richard perguntou e girou em sua cadeira, mas ela o parou com um toque gentil na bochecha.

— Não há ninguém.

— *Eu não vou deixar você ir com ele.*

— Eu não quero ir com ele.

— *Não?* - Anael perguntou quando seus olhares colidiram por traz do ombro de Richard. - *Quem você quer?*

— Você sabe que eu quero. - Ele se sentou de volta contra o encosto, seu rosto escondido no meio da escuridão e só a silhueta esboçada através da sombra.

— *Ele quer você, posso ouvir seus pensamentos.* E sei os pecados que ele quer fazer para seu corpo. - Eve olhou para Richard, ocupado bebendo sua cerveja. - *Diga para mim.*

— Certo.

Ela estremeceu, sentindo um toque ao longo de seu pescoço e em seguida atrás da orelha. Ele fazia cócegas, sensibilizado sua carne, fazendo-a contorcer-se no banco. Ela olhou por cima do ombro de Richard e viu Anael ainda está sentado lá, observando-a, mas ainda assim, ela sentiu seu toque como se estivesse sentado ali na cabine ao lado dela.

— *Só você pode me ouvir e só você sabe o que estou fazendo.* - Ela ouviu a risada baixa do anjo em seu ouvido, sentiu-o beijá-la e sussurrar:

— *Ele quer que seus seios para fora do vestido, e seu pau enterrado entre eles. E eu também.* - Ele murmurou, aconchegando-lhe a garganta. - *Eu quero foder você desse jeito e então gozar sobre eles. E gostaria que os outros vissem também.*

— Que outros? - Ela perguntou mentalmente quando ele pressionou a palma da mão para o lado de seu pescoço e sentiu o calor úmido que sua boca havia deixado.

— *Os outros que estão olhando, desejando poder levá-la até o banheiro. Os outros que querem deslizar seus dedos em sua boceta. A boceta que está molhada e dolorida para um pau.* - A respiração ficou difícil em seus pulmões e Eva pegou a bebida com a mão trêmula, observando Anael da curta distância enquanto ele a observava. Ela teve que cruzar as pernas para aliviar a dor entre as coxas enquanto tomava um gole.

— *Eu quero ver sua boca bonita chupar meu pau. Você não fez isso ainda, não é?* - O calor junto a sua coxa aumentou, e ela o sentiu continuar a se aninhar contra sua garganta. - *Talvez hoje à noite, hmmm? Talvez hoje à noite você me chupe.*

A Eve chupou mais duro em sua bebida, aquela conversa suja estava certamente tendo o efeito desejado. Sua boceta estava se apertando e endurecendo, ávida para ser preenchida. Ela sentiu a bainha de seu vestido subir. Ofegando olhou abaixo em seu colo, temendo achar alto e sua boceta exposta. Mas curiosamente, estava tudo exatamente no mesmo lugar, não existia nem uma ruga ou torto que indicassem que ela estava sendo tocada na cabine em que permanecia sentada com seu acompanhante.

— *Só você sabe o que estou fazendo.* - Ele murmurou, puxando-a de costas para o que fazia com as mãos. - *Quero senti-la má e irresponsável, Eve. Sabendo que está recebendo prazer secretamente. Vê-la queimar totalmente, e não poder se mover, nem fazer nenhum som. Você terá que ficar quieta. Tão quieta, e permitir que eu a explore sem protestar. Porque senão ele saberá. Então ele poderia descobrir que eu estou masturbando você, enquanto está aqui com ele. Enquanto você deveria querê-lo, mas está me querendo.*

Seus lábios se separaram em uma respiração muda, suas pálpebras baixaram quando ela sentiu mão do anjo serpenteando embaixo de seu vestido por sua coxa. Dedo longo a apertaram e ela lançou um olhar para Richard, com grande alívio notou que a atenção dele estava na pista dança. Sob o som, em um movimento rítmico, os corpos estavam se tocando, simulando sexo.

— *Abra suas bonitas coxas para mim.* - Tentando frear a respirando, Eve alargou seus joelhos separadamente e imediatamente sua mão se afundou nela. - *Já molhada. O quanto ruim você ser para gostar disso, ser masturbada enquanto ele se senta em frente ao seu acompanhante completamente ignorante do que está acontecendo.*

Anael acariciou seu sexo suavemente e com lentidão dolorida, até que ela teve que se mover, esfregando-se contra o aveludado banco. Espiando novamente seu encontro, percebeu que ele estava perdido em pensamentos. Eve dobrou os quadris, forçando seu anjo a tocar com mais força, golpear profundamente.

— *Diga que você me quer. Diga a mim que você quer isso que estou fazendo com você. Que você quer isto agora mesmo.*

— Eu quero isso. - Ela respondeu. - Eu quero sentir você dentro de mim.

Ele afundou seu dedo bem fundo e Eve teve que cobrir sua boca com a mão para abafar o gemido que ameaçou escapar. Lentamente, ele a encheu com dois dedos, mergulhando e retrocedendo até que ela estava quase ofegando.

— *Você quer implorar por isso, não é? Você quer pedir alto para eu deixá-la gozar.*

— Por favor. Ela implorou seus presos no suave banco aveludado. - Por favor.

— *Seu perfume está no ar, sabia? Ele pode cheirar isso, sua estimulação, e o modo como se segura no banco. Olhe para ele, Eve, assistindo você. Desejando que pudesse estar entre suas coxas.* - Sua cabeça caiu para a direita e Eve viu que ele a estava olhando fixamente, seu olhar corria acima e abaixo de seu corpo.

— *É uma pena que você não possa abrir esse pequeno botão que segura seu corpete. Eu gostaria de ver o rosto dele diante a exibição de seus deliciosos seios. E eu, adoraria ver você se despir enquanto estou com as mãos nas suas coxas. Gostaria de assistir você apertando seus grandes seios com as mãos, juntos, oferecendo-os à minha boca.* - Suas pálpebras tremeram e ameaçando fechar, enquanto lutava para agir como se nada estivesse acontecendo. Engolindo em seco, Eve lutou com a imagem de suas mãos abrindo o corpete e livrando seus seios, que agora estão inchados e doloridos.

— *Ele está desejando que fosse ele onde minhas mãos estão agora, Eve. Querendo saber qual é o seu gosto contra a língua dele. Eu queria dizer que porra de gosto doce você tem, e como fica molhadinha. Quero que ele saiba como você se esfrega no meu rosto quando eu fico embaixo de você e como grita meu nome e puxa meu cabelo quando goza. Quero que ele saiba que lambar sua boceta é como provar o céu.* - Ela sufocou e então endureceu. Os olhos de Richard escureceram, seu olhar baixou para seu colo onde ela alisou com mão.

— Pare! — Ela pediu, agarrando a mão do anjo que ela podia sentir, mas não ver. - Pare, ele sabe.

Mas Anael a empurrou, e a dirigiu para a queda com seus dedos dentro dela e o polegar circulando o broto em baixo de seu capuz. Ela estava quase lá. Iria se apressar, o sangue correndo para as bochechas. Seu olhar travado em Richard enquanto sentia Anael nela. Tinha ímpios de fazê-lo saber que estava sendo tocado de tal maneira enquanto outro estava a centímetros de distância.

Como uma mulher má, ela saboreou o prazer, e viu em sua mente, a imagem de Anael, com a cabeça entre as coxas dela espalhando sua língua e dando com ela o que seus dedos estavam fazendo.

— *Você está quase gozando, posso sentir isto. Você parece atordoante, Eve com suas bochechas rosadas. Ele não pode tomar seus olhos de você, olhe para ele, Eve, e me sinta dando prazer para você.* - Ela fez, e o achou sorrindo maldosamente. Que tipo de anjo era isso, a provocando para pecar?

Eve agarrou o botão de seu corpete e puxou, estava escuro atrás do clube e ninguém podia ver. Ela sentiu a trêmula respiração em sua orelha, quando assistiu os olhos de Richard crescerem.

— *Mostre a ele, Eve. Mostre a ele como eles são magníficos.* - Com um sorriso de confiança ela lançou o botão e permitiu que os topos de seus seios se derramassem. Richard se debruçou na mesa

E a tocou, deslizando os dedos ao longo dos topos e puxando seu corpete de lado até o crescente rosa da auréola pudesse ser visto. Ela examinou sobre seu ombro e viu Anael ainda sentando em na mesa. Só que agora, ela pode enxergar sua mão dentro das calças.

— *Eu quero você seja má, Eve.* - Anael disse contra sua garganta.

— *Tão má que estou disposto a gozar aqui mesmo.* - Ela assistiu o zíper de sua calça jeans abaixar, e então notou o flash branco quando ele tirou seu pau da calça jeans. - *Eu quero você tão má, mas tão má, que estou disposto a compartilhar você com ele, se é isso que você quer.*

Ela viu o olhar de Richard chamejar, quando sem uma palavra ele deslizou seu corpete e encheu suas mãos em xícara nos seios dela, apertando. Anael rosnou baixo em sua garganta.

— *Eu não posso assistir as mãos dele em você, Eve. Deus do céu! Eu quero matá-lo. Não posso continuar escutando seus pensamentos.*

— E quais são os seus, Anael? O que você quer?

— *Quero que ele me assista foder você. Quero que ele saiba que você é minha. Que nunca aceitará outro em seu corpo.*

Eve se levantou, ignorando a expressão chocada de Richard e caminhou para onde o Anael estava sentando. Ele a olhou e estendido a mão para ela, que a tomou, permitindo que ele a puxasse para baixo, sobre seu colo. Sentando-se, Eve abriu as pernas, tentando embalar coxas de Anael quando ele lentamente levantou a bainha de seu vestido, o suficiente para um vislumbre de seu corpo para quem estivesse interessado em assisti-los eles na cabine do canto.

— Ele está observando, Eve. Mas não vai se aproximar, se sabe o que é bom para ele. - Ela estava tão despertada pela possessividade de Anael, e como ele havia comandado sua sexualidade em um lugar público. Nunca tinha feito nada daquele tipo, e sabia que quando finalmente gozasse, seria explosivo. Não se importava se as pessoas estavam assistindo os dois. Era só ela e Anael agora. Apenas dos dois compartilhando seus corpos no fundo de um clube escuro. Justin Timberlake, 50cent e Ayo Technology vociferavam nas caixas de som, e ela se moveu com a música, seus quadris balançando em um ritmo sedutor.

— Sim, você quer isto, não é? - Anael perguntou enquanto deslizava a palma morna em cima de sua coxa para sua bunda, que ele expôs e amorosamente esfregou. Ela torceu o corpo quando ele afundou a mão entre suas coxas. Esperou para sentir seus dedos do lado de dentro, mas ele não fez. Ao invés, tocou com a palma em forma de concha e a examinou os seus olhos. Eve se torceu sobre ele, mas Anael apenas esfregou sua coxa pesada.

— Você quer me sentir dentro de você, não é, Eve? Você precisa me sentir dentro. - Ela lançou um olhar em torno do clube, e viu que a atenção de Richard estava neles. - Shh, não pense neles. Foque-se em mim, em nós. Você quer isto, não é, Eve?

Com um toque gentil de seus dedos no queixo dela, ele a olhou.

— Você me quer? Quer que eu faça com você, Eve? - Ela lambeu os lábios, sentindo-se incerta. Com os olhos escurecidos ele a puxou para mais perto.

— Não me negue seu amor, Eve.

— Eu não posso negar nada a você. - As palavras sussurraram por seus lábios antes dela poder pará-las. A necessidade que viu em seus olhos. Com um sorriso feminino ela deslizou por seu corpo sensualmente até que estava ajoelhada entre suas coxas espalhadas. Com um olhar para ele, tomou seu pau duro na mão e o trouxe para a boca.



— Ohh, porra, sim... - A mão dele se fixou em seu cabelo, a respiração veio dura e ela enrolou sua língua ao redor da cabeça.

— Querido Jesus, Eve, isso é tão bom. Tão fodidamente quente. - Ele gemeu, empurrando para acima, enchendo sua boca com todo o seu comprimento rígido.

Anael deslizou mais baixo na cabine, com um olhar em torno do clube, ele usou seus poderes para bloquear os mortais. Em um estado de animação suspensa, eles não fizeram nenhum movimento, não piscaram. Não pensaram. Pararam de ver. Era só ele e Eve compartilhando seus corpos como dois animais famintos. E saber isso era um poderoso afrodisíaco.

— Isso, bebê. Tome tudo! - Ele rosnou quando ela pegou sua ereção com a mão e pôs seus lábios na ponta. Sua língua circulou a cabeça de seu pênis e ele gemeu tanto com a sensação, como a imagem dela. Exigiu que ela fizesse tudo de novo, só para ter o prazer de ver sua língua rosa deslizar junto a ele.

Se inclinado, abriu suas coxas, permitindo a Eve chegar ainda mais perto dele. Correu seus dedos por seu cabelo e assistiu ela trabalhar em seu pau com a boca, isso era longe de ser angelical. Ela o atormentou com o olhar, espiando enquanto arrastava sua língua por todo o comprimento, torturando impiedosamente, até que seu estado de sofrimento era tão grande que ele agarrou sua cabeça de volta e a pressionou totalmente contra sua carne.

— Goze comigo. - Ele arquejou, assistindo-a tomar todo o comprimento dele em sua boca. Seu corpo tencionou e ele agarrou os seios dela, os trazendo juntos, beliscando os mamilos de forma a fazê-la gemer, o som vibrando junto com ele. Perto de terminar e querendo ter estado dentro dela, ele a agarrou e trouxe pra cima, colocando-a montada nele. Seu sexo estava molhado e suas bochechas rosadas, os topos de seus seios se derramaram de seu vestido. Ele tomou seu tempo para estudá-la na luz, assistindo como o neon destacava seu cabelo de ouro e o brilho da pele de pêssago. Seu olhar chamejou no declive gentil de seu ombro, e depois para a curva de seu pescoço e além.

Arrastou seus dedos ao longo da curva de sua cintura, em cima de seu quadril, o tempo todo assistindo no espelho do outro lado da parede, sua mão vagar junto à pele de alabastro. A pele arrepiada dela pulou para a vida embaixo de seus dedos e ele sentiu o balanço de Eve contra ele. Sua mão afinal achou sua parte inferior do corpo dela, e na posição em que ele moveu sua cabeça para o lado, a fim de ver seus próprios dedos descendo pela bunda dela, desaparecendo sob os loiros cachos que já estavam úmidos para ele. Gostou da possessividade de assistir suas mãos nela, seus dedos contra a pele dela, como se a estivesse marcando para si.

— Eu me esqueço de tudo quando você me toca assim. - Ela disse em um suspiro.

— Deus, eu quero tocar você para sempre. - Seu corpo tremeu e ele agarrou seus peitos, trazendo-os juntos e correndo os dedos polegares acima dos mamilos, produzindo outra ondulação e tremor por seus membros.

— Descubra seus seios. Quero olhar para você, e quero que você me veja te olhando. - Ele ajustou suas mãos ao redor dos seios dela, certificando-se que os mamilos rosados estavam empinados fora entre seus dedos.

— Eu tenho uma fantasia, Eve e nela você dá prazer a si mesma. Eu assisto como você toma seus seios em suas mãos e toca os mamilos. Olho você enquanto desliza os dedos rapidamente abaixo para seu sexo. E com eles entre os lábios, eu assisto você se masturbar. Assistir você me acende. Esteja fora da minha fantasia, Eve. Pegue seus mamilos entre os dedos e os esfregue. Faça com que fiquem duros para mim, Eve. Para que eu possa deslizar minha língua por eles, pense em mim os lambendo. Pense em mim lambendo cada polegada proibida de seu corpo.

— Você gostaria de me ver, Eve? Acho que sim, posso sentir o quanto você gosta quando ele está na minha mão. - Os olhos de se alargaram quando ele a levantou acima de seu colo e tomou sua ereção na mão, empurrando devagar nela, dizendo para que ela afundasse sobre ele me cavalgue. - ele encorajou quando ela deslizou sobre ele. - Agora, incline-se pra frente e tome tudo.

Ele não lhe deu tempo, ela gemeu quando Anael acelerou o ritmo e apertou com força contra ela, empurrando rígido, cravando os dedos em seu quadril suave enquanto a penetrava mais e mais profundo. Deus, ele nunca tinha experimentado isso antes, nunca quando teve relações sexuais sentiu-se tão certo, tão completo. Enquanto a observava se mover em cima dele, ele percebeu que estava tendo seu passado aplacado, sua fome, sua alma. Com se tivesse sido alimentado, nunca se sentiu assim antes, nunca quis ou precisou tanto quanto queria e precisava de Eve. Descansando as coxas dela contra seus joelhos, Anael a assistiu alcançar seu ritmo.

— Venha para mim. - Ordenou, até que suas estocadas foram facadas tão profundas que a fizeram chupar em sua respiração. O dedo dele alcançou clitóris e o balançou em golpes. Ela ficou selvagem e contorcendo-se até que ele estava certo de que ela estava saciada, e assim ele deixou-se entrar no seu próprio prazer. Abraçou seu corpo caído junto ao seu e esfregou o rosto entre seus seios, sentindo-se mais satisfeito depois que esteve em toda a vida. Isso era o amor. Isso era futuro. Ele nunca tinha sido mais feliz em todos os seus dias do que era agora mesmo, vulnerável e fraco. Protegendo Eve em seus braços da tempestade furiosa em seu coração.

Capítulo Onze

De algum modo Eve se achou de volta em casa sendo colocada na cama. Ao lado dela, Anael deslizou em baixo das cobertas e embrulhou seus braços ao redor dela.

— Você ficará comigo a noite inteira?

— Sim. Venha aqui, deixe-me segurar você. – Aconchegada, Eve dobrou sua cabeça em baixo do queixo dele e se sentiu deslizar em uma lassitude pacífica enquanto Anael esfregava a mão por sua espinha. O corpo estava relaxado. Gasto. Ele fez amor com ela mais uma vez, em sua cozinha, em cima do aparador. Ele tem sido selvagem, ainda carinhoso, sempre agradando a ela primeiro antes de sucumbir para sua própria paixão. Ele era o amante consumado. Tão perfeito. Tão bonito. Até o amanhecer. Depois do nascente do sol, seu amante perfeito iria, deixando o vazio, e então ela ansiosamente aguardaria a noite para estar com ele mais uma vez. Como suas pálpebras fechando, ela se achou rezando para Deus permitir que ele ficasse com ela. Deus podia conceder isso para um anjo. Seu anjo. Anael ouviu suas orações e soube que elas eram inúteis. Eles não podiam ficar juntos, não realmente. Ele seria para sempre seu amante noturno, evitando a luz do dia. Uma hora sua deslealdade seria descoberta, eles estariam para sempre separados, ele no Abismo, e ela com outro homem.

— Não tem que ser desse modo. - Anael segurou Eve mais apertada em seus braços e fechou seus olhos, bloqueando fora a voz. Aquela voz sedutora que o tentava para o pecado.

— Homens e Anjos, Nós não somos muito diferentes não é? Somos pecadores.

— Eu não posso aceitar o que você oferece Lúcifer.

— Por que, quando você quer isso desesperadamente? Eu posso sentir o ferver da ira, da injustiça de amá-la e possuí-la. O que eu ofereço pra você é um presente, um presente que seu Deus jamais concederá a você. E Você sabe disso. - Anael pensou

sobre Gabriel e como ele achou uma mulher para amar, uma mulher que compartilhava seu corpo com ele. Uma mulher que lhe deu uma criança a ele. Deus havia dado isso a Gabriel. Por que não faria o mesmo por ele?

— Porque ele menospreza você, irmão. Odeia você, nunca o perdoará. - Era verdade. Deus o odiava. Nada além de abominação poderia ter condenado alguém para o Abismo que Anael suportou.

— E qual seria o custo de seu presente, Lúcifer?

— Não um preço que você não possa pagar irmão. - Anael sentiu-se escorregar na tentação da serpente. Ele queria muito aceitar, e estar com Eve.

— E sobre Richard Stokes?

— Uma inconveniência secundária. Eu posso eliminar sua memória, ele não se lembrará de qualquer um de vocês. Pense sobre isto, irmão. Você podia acordar de manhã, ainda a segurando. Eu devolveria sua beleza, sua voz. Eu daria a você qualquer coisa que você quisesse, e tudo mais que Ele nunca irá.

— Por quê? - Anael perguntou. - Qual é seu preço? Eu não permutarei a alma de Eve, e não farei nada que causará dano, dor, ou angústia a ela. Não farei isto, Lúcifer.

— O que eu ofereço não tem nada a ver com ela. E o que quero você, seus serviços. Uma vez que sua adorável mortal morra, uma morte natural, eu terei você como meu aprendiz. Você me servirá.

— Eu servirei você na escuridão?

— Eu posso apagar seus pecados passados, irmão. Posso fazê-lo bonito e inteiro novamente. Posso lhe dar uma voz e uma vida com essa mulher. É mais do que Ele está oferecendo a você.- Anael olhou para Eve.

— Então eu aceito as condições. - O diabo riu com divertimento.

— E na manhã depois da morte dela, você virá comigo. E será meu discípulo.

Houve um flash e Lúcifer se foi.

— Eve. - Ele disse sua voz agora forte. - Eve amor acorde.

— Sua voz. - Ela disse com sono. - Posso ouvi-la claramente.

— O sol está surgindo. - Ele disse, acordando-a. - Vamos nos levantar e ver o nascer juntos.

Ela finalmente acordou, olhando fixamente para ele com olhos selvagens.

— Seu rosto. - Ela sussurrou, seus dedos tremiam contra a bochecha dele. Anael pegou sua mão e beijou a palma.

— Você me ergueu da maldição, Eve. Você me fez inteiro.

— O que você é agora? - Ela perguntou. Ele sorriu e a agarrou, trazendo-a apertado contra si.

— Só um homem. Só um homem que quer amar você para o resto de sua vida.

— O que aconteceu? - Ela perguntou.

— Amor. É isso que aconteceu. Pela primeira vez que em minha vida eu conheço o amor. Sinto isso, e quero continuar a sentir, Eve. Agora e enquanto você viva, agarrar-se a isso.

— Mas você não me conhece.

— Não é tradicional, mas eu tenho toda vida para chegar a conhecer você. Vamos lá, é um novo dia, comece ele comigo.

Ela tomou sua mão e caminhou com ele para a janela onde eles permaneceram, assistindo a chama alaranjada do raiar do sol no horizonte, fazendo as nuvens brilhar no céu. Ele não lamentou o que fez, era isso que estava procurando. Queria Eve. E desde que ela estivesse nesse mundo, ele queria estar aqui, não lá em cima no céu em seu canto mais distante. Queria permanecer aqui, em seus braços, seu coração. E quando ela deixasse esse mundo, o lugar estaria vazio para ele. Ele estaria morto. Não, não podia se ressentir ou temer sua escolha. Havia decidido o seu caminho. O caminho que levava a Eve, e a seu éden de salvação.

Fim

